

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Máyra Larissa Anjos**

**O eu e o outro no espelho da infância ancestral: o romance  
mexicano Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos (1925-1974)**

**Mestrado em História Social**

**São Paulo  
2023**

Máyra Larissa Anjos

O eu e o outro no espelho da infância ancestral: o romance mexicano  
Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos (1925-1974)

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Vieira.

São Paulo  
2023

Banca Examinadora

---

---

---

---

Em memória de Laura Alejandra Mercado

Dedico este trabalho a todos os povos.

“O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil – CNPq – Nº do processo: 131693/2021-2.”

## AGRADECIMENTOS

Após tanto tempo de trabalho e dedicação para que esta dissertação se tornasse realidade necessito registrar minha gratidão a todos que fizeram parte desse caminho.

Primeiramente, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, local que, ao longo da graduação, aprendi a amar, a partir de um movimento de apropriação e de entendimento de que as universidades podem e devem ser um local para todas e todos.

Aos professores da graduação e do mestrado, Alberto Luiz Schneider, Alvaro Hashizume Allegrette, Amailton Magno Azevedo, Amílcar Torrão Filho, Ana Hutz, Carla Reis Longhi, Ettore Quaranta, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosario da Cunha Peixoto, Yone de Carvalho, Yvone Dias Avelino, cada um, a seu modo, contribuiu para minha formação acadêmica e pessoal.

Especialmente, aos professores: Fernando Torres Londoño, que me apresentou o mundo dos estudos em Mesoamérica; à professora Olga Brites, que me orientou em minha primeira experiência científica, a IC; ao professor Antonio Rago Filho, por todos os ensinamentos e pelo incentivo durante a banca de TCC, para que eu desse continuidade aos meus estudos; à professora Mariza Werneck e sua ternura em ensinar, que me mostrou o fantástico mundo da literatura, da oralidade e os labirintos dos mapas mentais de Walter Benjamin, guardo com profunda admiração e carinho os cadernos daquela disciplina.

Às amigas Luara Allegretti, Mariane Barros, Beatriz Saad, Bruna Rossi, Myriam dos Santos, Bruna Píccoli e Taynná Louise, que me proporcionaram a melhor turma da graduação e que por muitas vezes me deram forças para sair de casa às 5h e enfrentar o trajeto até a universidade.

Às amigas do mestrado, pelo apoio, suporte e contribuições. O percurso não teria sido o mesmo sem vocês: Nathalya Victoria Lima dos Santos, Camila Striato Martinez, Luna Paranhos Faria Palacios Alegria, Leonice Fazola de Quadros, Carolina Mancini, Jade Luiza de Salis da Maia, Juliana Alves da Silva e Larissa Luísa Silva, que adicionaram um tantinho de doçura nos dias exaustivos de estudos.

À Márcia Dias pela revisão do texto e as contribuições para a dissertação.

Ao professor Ival de Assis Cripa pelos ensinamentos e orientações.

A cada pesquisador que disponibilizou os seus trabalhos na internet, assim como as bibliotecas da PUC-SP, da UNAM, da Universidade Veracruzana, ao Redalyc e Dialnet, sem tais recursos essa pesquisa não seria possível. Especialmente, às bibliotecas municipais Mário de Andrade e Sérgio Millet e suas equipes de funcionários, foi nesses ambientes acolhedores que, por diversas vezes, o peso do mundo tornou-se um pouquinho mais suportável.

À minha pequena irmã, Heloisa Anjos, que embora sem entender muitas das coisas que eu falava sempre me ouviu com brilho nos olhos e acreditou, cada segundo, no meu potencial.

Aos meus pais, Maria de Lourdes Anjos e Adriano Melo, pela confiança e suporte.

À Maria Aline Plácido Teixeira, pela companhia desde a época do pré-vestibular, os conselhos, os choros e risadas, sobretudo a gratidão por ter uma amiga que me inspira tanto.

À Mariá Amaral, por me receber em sua casa durante a semana de história na Universidade Federal da Integração Latino-Americana e por todas as trocas e reflexões acerca desse continente que nos fascina.

À Ana Claudia Borin Cerchiaro, Milena Sabino e Amanda Thais Correa da Silva, pelos cuidados e serviços prestados.

Por último, mas de maneira alguma menos importante, à Vera Lucia Vieira, minha orientadora e - tomo aqui a liberdade de dizer - mestre de meu barco. Ensinou-me o que de mais valioso comigo carrego: a esperança da possibilidade de criação de outros mundos, a atenção para com minha função social enquanto historiadora, a relevância da autocrítica e o entendimento de que é inerente ao ser humano as contradições da subjetividade.

A todos vocês, deixo aqui registrado o meu mais profundo agradecimento!

ANJOS, Máyra Larissa. **O eu e o outro no espelho da infância ancestral: o romance mexicano Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos (1925-1974).** Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

## RESUMO

Este trabalho parte da análise da hermenêutica para investigar o romance mexicano Balún-Canán (1957), da escritora Rosario Castellanos (1925-1974). Pesquisa-se o que em Balún-Canán orienta para a reflexão da concretude daquele período e o que está presente em suas linhas ficcionais que permite jogar luz sobre as ruínas do passado. A pesquisa parte das seguintes proposições: ao pensar a própria identidade Rosario Castellanos pôde alcançar aspectos da sociedade mexicana em que viveu? O enredo de seu romance revela inquietações que atravessavam não apenas a escritora, mas, também, intelectuais e artistas que se percebiam diante da complexidade da composição cultural do continente latino-americano levando em consideração a violência do passado colonial? A partir das categorias extraídas do romance realizam-se análises acerca da experiência social das mulheres e da população Maya Tzeltal, sua cosmovisão, as dimensões da linguagem e da memória para tal povo. Discute-se a literatura no México e no América Latina, a estética adotada por escritores do chamado realismo mágico e reflete-se sobre o termo real maravilhoso dadas as condições concretas que emergem da trajetória histórica e política do continente latino-americano. Resgata-se a trajetória da produção de Castellanos circunscrevendo-a no contexto político da época, das contradições no interior do regime presidencialista que se inicia como resultado da Revolução Mexicana (1910); e examina-se como as determinações históricas da América Latina foram percebidas por Castellanos. Uma das questões centrais do trabalho é a identidade, estuda-se a visão do eu e do outro, sob a investigação do contexto social do período em que Castellanos escreve e como tais reflexões a conduziram a uma atuação política fundamentada na literatura. Observou-se que Rosario Castellanos utilizou a escrita como arma para mudanças sociais. A pesquisa conclui que ao criar o romance Balún-Canán, Castellanos deixou registrado não apenas suas concepções sobre a vida, o México e a sociedade, como também aspectos que apontam para a presença da cosmovisão Maya no México, sobretudo na região de Chiapas, e como compuseram a originalidade da literatura mexicana da segunda metade do século XX. Conclui-se que o movimento de repensar a literatura latino-americana a partir da problemática do eu e do outro orientou a escrita de diferentes autores em diferentes países do continente, e as culturas originárias serviram como fio condutor para o que ficou conhecido como realismo mágico, aqui compreendido como uma literatura do real maravilhoso, pois tal conceito leva em consideração que o elemento mágico da literatura escrita aqui, a partir do século XX, emerge do próprio solo latino-americano e de suas determinações sociais, não podendo ser visto como exatamente igual à literatura do mágico em outras partes do mundo.

**Palavras-chave:** Chiapas. Maya Tzeltal. Real Maravilhoso. Rosario Castellanos. Lázaro Cárdenas.

ANJOS, Máyra Larissa. **El otro y yo en el espejo de la infância: o eu e o outro no espelho da infancia ancestral: la novela mexicana Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos (1925-1974).** Tesis (Maestría en História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

## RESUMEN

Este trabajo parte del análisis de la hermenéutica para investigar la novela mexicana "Balún-Canán" (1957), de la escritora Rosario Castellanos (1925-1974). Se investiga qué elementos en Balún-Canán orientan hacia la reflexión de la concreción de aquel período y qué está presente en sus líneas ficticias que permite arrojar luz sobre las ruinas del pasado. La investigación parte de las siguientes proposiciones: ¿al pensar en su propia identidad, Rosario Castellanos pudo alcanzar aspectos de la sociedad mexicana en la que vivió? ¿El argumento de su novela revela inquietudes que afectaban no solo a la escritora, sino también a intelectuales y artistas que se encontraban frente a la complejidad de la composición cultural del continente latinoamericano, considerando la violencia del pasado colonial? A partir de las categorías extraídas de la novela, se realizan análisis sobre la experiencia social de las mujeres y de la población Maya Tzeltal, su cosmovisión, las dimensiones del lenguaje y la memoria para dicho pueblo. Se discute la literatura en México y en América Latina, la estética adoptada por escritores del llamado realismo mágico, y se reflexiona sobre el término "real maravilloso" dado las condiciones concretas que emergen de la trayectoria histórica y política del continente latinoamericano. Se rescata la trayectoria de la producción de Castellanos, situándola en el contexto político de la época, las contradicciones dentro del régimen presidencialista que surge como resultado de la Revolución Mexicana (1910); y se examina cómo las determinaciones históricas de América Latina fueron percibidas por Castellanos. Una de las cuestiones centrales del trabajo es la identidad, se estudia la visión del yo y del otro, bajo la investigación del contexto social del período en que Castellanos escribió y cómo tales reflexiones la llevaron a una actuación política fundamentada en la literatura. Se observa que Rosario Castellanos utilizó la escritura como arma para cambios sociales. La investigación concluye que al crear la novela Balún-Canán, Castellanos dejó registrado no solo sus concepciones sobre la vida, México y la sociedad, sino también aspectos que señalan la presencia de la cosmovisión Maya en México, especialmente en la región de Chiapas, y cómo conformaron la originalidad de la literatura mexicana de la segunda mitad del siglo XX. Se concluye que el movimiento de repensar la literatura latinoamericana a partir de la problemática del yo y del otro orientó la escritura de diferentes autores en diferentes países del continente, y las culturas originarias sirvieron como hilo conductor para lo que se conoció como realismo mágico, aquí comprendido como una literatura del real maravilloso, pues tal concepto considera que el elemento mágico de la literatura escrita aquí, a partir del siglo XX, emerge del propio suelo latinoamericano y de sus determinaciones sociales, no pudiendo ser visto como exactamente igual a la literatura de lo mágico en otras partes del mundo

**Palabras-clave:** Chiapas. Maya Tzeltal. Real Maravilloso. Rosario Castellanos. Lázaro Cárdenas.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>11</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – TECENDO FIOS E MEMÓRIAS</b> .....  | <b>26</b>  |
| 1.1 Balún-Canán .....  | 26         |
| 1.2 O real maravilhoso que emerge do solo revolvido da América Latina .....  | 43         |
| 1.3 O realismo mágico – uma longa discussão .....  | 48         |
| 1.4 “Los brujos se lo están empezando a comer” – alma x corazón: entidades<br>anímicas entre os Mayas de Chiapas ..... | 54         |
| 1.5 O México e as longas distâncias .....  | 60         |
| <b>CAPÍTULO 2 – O INSÓLITO DA VIDA NO REAL MARAVILHOSO DE BALÚN-<br/>CANÁN</b> .....                                   | <b>62</b>  |
| 2.1 O impacto da obra na continuidade das lutas em Chiapas .....   | 62         |
| 2.2 O nome Balún-Canán e seus distintos fundamentos originários .....  | 63         |
| 2.3 Linguagem oral, a palavra em Popol Vuh, a palavra em Balún-Canán, a palavra<br>para os Tzeltales .....             | 66         |
| 2.4 A presença etérea das imagens .....  | 69         |
| 2.5 México 1930-1950: as reformas cardenistas e a descontinuação de suas políticas<br>.....                            | 71         |
| <b>CAPÍTULO 3 - O EU E O OUTRO NO ESPELHO DA INFÂNCIA ANCESTRAL ....</b>   | <b>76</b>  |
| 3.1 O eu e o outro na literatura mexicana .....  | 76         |
| 3.2 O eu e o outro na literatura latino-americana .....  | 83         |
| 3.3 Castellanos e o outro eu.....  | 88         |
| 3.4 Ironia e ninguneio: ironizar para se enxergar no espelho.....  | 94         |
| 3.5 O outro lado de Castellanos .....  | 97         |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>99</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>103</b> |

## INTRODUÇÃO

A literatura é aqui utilizada para resgatar a dinâmica social vigente no México na década de 1950, a partir da análise da obra de Rosario Castellanos (1925-1974) “Balún-Canán” (1957<sup>1</sup>). Essa obra põe em evidência as contradições de classe, as tensões sociais, o padrão cultural de complacência com as injustiças vigentes na sociedade mexicana. Seus escritos dialogam com o interesse deste trabalho de desarticular da década de 1950, determinadas noções acerca da mulher e dos povos originários que fazem menção à suposta inferioridade desses grupos sociais.

Ventos que espalham sussurros, figuras enevoadas. Levemente, a literatura se aproxima arpegiando a pele.

Por muito tempo vistas como meras fantasias, as narrativas ficcionais alcançaram, pouco a pouco, os historiadores. Entre as suas linhas, entendeu-se que continha resquícios de tempos passados, da materialidade da vida, do imaginário e da mentalidade de sociedades de uma época, enfim, indícios de processos históricos.

A necessidade de atentar para testemunhos não intencionais que existem nos documentos, os indícios de acontecimentos que escapam a intenção de quem fez um registro ou relato, foi ressaltada por Marc Bloch (1886-1944), em sua “Apologia da História” (2002). Segundo ele, mesmo as narrativas voluntárias contêm em si núcleos involuntários.

Trata-se, portanto, de seguir a orientação de Walter Benjamin (1892-1940), escovando a história a contrapelo para desvelar as ruínas do passado, estilhaçando em múltiplos espelhos a concretude dos acontecimentos ora distantes no tempo (BENJAMIN, 2018).

A fim de alcançar respostas para as perguntas elaboradas, o historiador pode seguir os rastros deixados pelos relatos.

Escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas: por exemplo, as das mulheres ou dos homens que, nos processos de bruxaria, de fato escapavam aos estereótipos sugeridos pelos juízes. Nos romances medievais podemos detectar testemunhos históricos

---

<sup>1</sup> A primeira edição foi lançada em 1957, porém, a análise realizada neste trabalho embasa-se na 6ª reimpressão, de 1978, da 2ª edição, de 1961.

involuntários sobre usos e costumes, isolando na ficção fragmentos de verdade (GINZBURG, 2007, p. 11).

A escrita da ficção é capaz de revelar verdades que a ciência positivista não alcança penetrar (SOUZA, 2012). Ao tomar, portanto, obras literárias como objeto e fonte, o pesquisador busca recuperar indícios do universo simbólico e da imaginação coletiva, uma vez que estão encerradas nessa imaginação, não só as imagens que a sociedade faz de si mesma, como também as imagens que faz do outro.

No texto literário, o que retém a atenção é a forma como as representações estão elaboradas e a maneira como se escolheu para recriar a realidade que muitas vezes difere dos acontecimentos da vida real, mas que simbolizam os desejos não consumados.

O historiador, tomando a literatura como fonte histórica legítima, é capaz de fazer emergir da narrativa literária as visões de mundo que vão muito além daquelas do autor. Os estudos bakhtinianos destacaram o caráter dialógico da literatura, estando nela presentes diversos pontos de vista, até mesmo divergentes aos do autor da obra. Assim, é partindo justamente de quem escreve que se podem alcançar vozes e olhares múltiplos (BAKHTIN, 2014).

Descortina-se para o historiador um mundo de possibilidades, onde basta que se escove a história a contrapelo, como mencionado, para vir à tona a história dos vencidos que não está registrada na história oficial. Para Benjamin (2018), é necessário buscar nas ruínas da história os anseios não concretizados, para ouvir o que o passado tem a dizer em sua polifonia, muito além de um único discurso. A partir disso é que será possível desarticular a noção de vencedores e vencidos.

O ato de escrever guarda em si aspectos sociais passíveis de análise. A estética adotada por um escritor ou escritora fala mais do que sobre apenas o seu gosto pessoal, pois não é a escolha da linguagem fruto de uma clarividência subjetiva, é o resultado de determinações sociais. O campo estético não nasce a partir de uma consciência criadora, mas sim de uma realidade objetiva (LUKÁCS, 1966).

Um escritor que opta por uma ironia, por exemplo, busca comunicar algo através dessa linguagem, os seus objetivos nascem em resposta a necessidades construídas socialmente.

Ao notar na sociedade mexicana da década de 1950 as contradições entre o que estava na lei acerca dos direitos das mulheres e dos povos indígenas e o que

acontecendo no dia a dia, a escritora Rosario Castellanos viu surgir em si a vontade de, por meio da sua escrita, refletir e indagar o comportamento social, suas causas e as possíveis alternativas de alteração.

As obras literárias, como criações de indivíduos que vivem, atuam e se relacionam em sociedade, apresentam em si características que vão além dos quesitos estéticos e que revelam mais do que apenas o estilo ou a escola literária de quem as criou (CANDIDO, 2019).

Por estarem inseridas em tal contexto, são produtos de uma sociedade e trazem consigo marcas de seu tempo e da estrutura da sociedade que independem das intenções de seus autores e da veracidade do que ali está sendo narrado.

É do cotidiano que emergem as objetivações superiores da humanidade. A arte contém em si esses registros, para György Lukács (1885-1971), é inclusive uma das mais privilegiadas dessas objetivações (SANTOS, 2017).

Tomar uma obra literária como um pré-texto é algo capaz de conduzir a pessoa a uma autoconsciência reflexiva do seu tempo, que importa ao historiador não só enquanto sua prática social como também na sua busca por iluminar ruínas do passado, bem como o intento de revelar a partir de tal documento aspectos da construção da humanidade. Tendo em mente que resgatar o passado do modo como foi, não é possível, o que não impede de que se colham fragmentos das experiências sociais de um tempo passado (BENJAMIN, 2018).

A obra literária, como objeto artístico que é, constitui a representação efetiva antropomorfizada de categorias e conceitos como formas de ser e determinações da existência social (LUKÁCS, 1966).

A interpretação da literatura compreendendo a arte como reflexo estético da vida admite que reflexo não é exatamente a mesma coisa, pois trata-se de uma mimese. Assim, é pensado o reflexo em suas múltiplas determinações, no caso da arte como reflexo antropomorfizado (LUKÁCS, 1966). E todo reflexo é fruto de uma realidade unitária, da realidade material do mundo. Por certo não há apenas o reflexo na forma da arte, mas também na científica e religiosa, todas elas refletindo, cada qual a seu modo, a mesma realidade, partindo do cotidiano, e são os indivíduos que ordenam tais reflexos.

Como expressão artística, as obras literárias passam por avaliações que se modificaram com o passar do tempo. Ao longo do século XX, diferentes formas de avaliar seu valor foram colocadas em prática. Um dos primeiros critérios avaliativos

foi o de averiguar a capacidade da obra de exprimir, ou não, certos aspectos da realidade.

Depois, quase que invertendo esse critério, passou-se a dar importância apenas às operações formais da obra para designar seu valor, o conteúdo tornava-se, assim, secundário e a obra seria independente de qualquer condicionamento social (CANDIDO, 2019).

Contudo, para compreender uma obra em sua integridade é fundamental fundir texto e contexto, realizando uma interpretação dialética do seu conteúdo. Os fatores externos à obra importam de tal maneira que se tornam elementos internos, uma vez que constituem a própria estrutura desta. Os elementos históricos acabam por integrar o texto, entranhado em suas linhas a realidade social.

Os romances unem forma e conteúdo caracterizando um fenômeno social que é plural em vozes e estilísticas, possuindo forte tom social (BAKHTIN, 2014).

As obras são, portanto, condicionadas socialmente. É importante analisar fatores sociais e psíquicos atuantes na organização interna da obra, que lhe dão estrutura única, e se tais elementos atuam no que há de essencial na obra, determinando ainda o próprio valor estético (CANDIDO, 2019).

Dessa forma, os fatores sociais e psíquicos são agentes da estrutura, sendo possível, inclusive, alinhá-los entre os fatores estéticos. Na análise crítica, procuram-se os elementos que sustentam o significado da obra, entendendo que “tudo é um tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra” (CANDIDO, 2019, p. 15).

Ao buscar compreender o significado de uma obra, deve-se ter em mente que o próprio assunto está calcado em condicionamentos sociais que necessitam ser entendidos e indicados. Em *Balún-Canán* (1957), o tema principal é o conflito entre trabalhadores indígenas de uma fazenda e o dono das terras, César, que é descendente de espanhóis.

Escrito por uma mulher que passou a infância na fazenda dos pais, também descendentes de europeus, no Sul do México, mais precisamente no estado de Chiapas, onde os conflitos entre indígenas, camponeses e fazendeiros possui um largo histórico, o condicionamento social na obra torna-se evidente.

Contudo, para avançar na análise não basta constatar os traços determinados socialmente, limitar-se a verificar o quanto uma obra espelha a sociedade é uma forma simples de análise, que estabelece apenas correlações. É preciso apreender os traços em funcionamento na formação da estrutura da obra. A exemplo da crítica

feita por Candido (2019) do romance “Senhora” (1875), de autoria de José de Alencar (1829-1877), é essencial na análise de Balún-Canán indagar o que deteriora as relações humanas no romance, dessa forma, é possível chegar aos aspectos da sociedade em que a escritora viveu e aprofundar a investigação no sentido de entender quais estruturas sociais participam e dão forma à matéria do romance.

Analisar uma obra dessa forma, considera-se o elemento social não de maneira ilustrativa, mas sim, de maneira explicativa, entendendo, pois, que o condicionamento social da obra participa de sua estrutura, numa operação em que as partes formam o todo, tendo em mente a passagem dos elementos sociais de meros aspectos externos para internos. A dimensão social torna-se um fator de arte (CANDIDO, 2019).

É evidente, pois, que a constituição da literatura se dá pela combinação de múltiplos fatores sociais. Em sua linguagem, a arte, por vezes, exagera com a intenção de tornar mais expressiva a mensagem que pretende passar, tal mecanismo garante sua eficácia enquanto representação do mundo. Diante disso, a simples verificação da correlação da obra com a vida real corre o risco de cometer erros, a reflexão sobre os fatores sociais a nível da estrutura do romance ganha, assim, importância maior (CANDIDO, 2019). Dado o exposto, ressalta-se que tais fatores não compõem elementos da obra, mas da sua própria estrutura.

A linguagem do documento escolhido, o romance ficcional Balún-Canán, importa como prática social; e ao ser analisada, pode ajudar no exercício de redimir um fragmento do passado, levando em consideração as falsificações da história, os discursos forjados pelo estado e por grupos dominantes. Aqui, no caso, é pensado na tentativa de desarticular noções acerca da unidade nacional mexicana em meados do século XX, que contrastam com a realidade social da região chiapaneca.

Embora um romance possa parecer unicamente fruto da criatividade do autor, este, para escrever, traz consigo sua visão de mundo, sua bagagem carregada de experiências, vivências, opiniões e convicções, que participam todas de fenômenos coletivos uma vez que são elaborados no seio da sociedade, por uma classe social de acordo com seus parâmetros ideológicos próprios. O teor das ideias contidas na obra, ainda que seja uma ficção, ressoa tais aspectos sociais.

Pensar uma interpretação dialética exige ainda uma reflexão sobre a influência que a obra exerce sobre a sociedade, não apenas a influência exercida pelo meio na obra. A literatura é um produto social e sua existência gera efeitos

práticos no mundo, nos indivíduos que a consomem. Tais efeitos modificam ou confirmam as concepções de mundo dos leitores, o que independe das intenções ou do grau de consciência do artista que criou a obra.

No exercício da análise é fundamental pesquisar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais, principalmente os que dizem respeito à estrutura social, aos valores e ideologias e às técnicas de comunicação, pois são estes os mais decisivos. Eles podem ser verificados na posição social do artista e nos grupos receptores, na forma e no conteúdo da obra e, por último, em sua fatura e transmissão.

A repercussão da obra importa ao estudo na medida em que essa é a etapa final, pois uma obra não está finalizada ao acabar de ser escrita a última linha, mas quando esta circula, repercutindo e atuando na sociedade. Logo, o seu efeito interessa ao pesquisador.

A arte e a sociedade relacionam-se dialeticamente, com influências recíprocas, o coletivo está presente no indivíduo e em suas criações. A posição social do artista, a classe ao qual está inserida, designará características específicas em sua criação.

O artista é orientado por essas forças sociais que condicionam, seja em maior ou menor grau, a construção de sua obra. Tais forças determinam o motivo da obra ser produzida naquele momento, sua necessidade, e ainda se a obra será um bem coletivo ou não. Embora escreva sozinho em seu gabinete, está com esse ato correspondendo a necessidades que são coletivas e correspondem às suas aspirações individuais. As dimensões do real não estão só na concretude, mas também na materialidade das subjetividades. A marca da sociedade está presente, assim como o movimento dialético entre a criação individual e as condições sociais. A arte demonstra, deste modo, seus aspectos grupais.

Na estruturação da obra, as ideologias e os valores participam da construção do conteúdo, assim como a experiência do dia a dia torna-se para o artista uma fonte de inspiração. É possível pensar a arte não apenas como texto, mas como um pré-texto capaz de conduzir à autoconsciência reflexiva do nosso tempo.

A utilização de temas inspirados no cotidiano possibilita uma maior identificação por parte do grupo receptor, do público ao qual o autor dirige a sua obra, trazendo elementos comuns da sociedade, o autor pode sensibilizar e impactar emocionalmente os outros.

Em termos editoriais, Balún-Canán foi publicado pela editora Fondo de Cultura Económica em 1957, fazendo parte da coleção Letras Mexicanas, com uma tiragem de 3 mil exemplares. No ano de 1961, a editora reeditou o romance para a coleção popular. Em 1983, mais uma reedição foi elaborada, desta vez para a coleção de Leituras Mexicanas da Fondo de Cultura Económica. A obra segue sendo relançada até hoje. A autora Rosario Castellanos configura uma das importantes ficcionistas estudadas no ensino básico mexicano.

Embora já tenha sido discutida a objetivação estética que permite uma maior compreensão da potencialidade das obras de arte como documento histórico, uma vez que trazem, inevitavelmente, em si, aspectos da concretude social, cabe analisar ainda, na literatura, os aspectos envolvidos em relação às noções de falso e verdadeiro.

O documento histórico concentra em si complexidades que exigem debates mais aprofundados acerca de suas características. Ao ser tomado entre as mãos um relato distante no tempo, que ficou preservado pelo registro da tinta sobre o papel, e serem creditadas as palavras ali existentes como a mais pura verdade, o historiador estará, ingenuamente, ignorando as intencionalidades daquele que realizou o registro. Tão pouco é suficiente olhar para tal documento e descartá-lo por não crer em uma só vírgula que ele expõe.

Cada livro traz consigo uma gama de intenções, os relatos – verdadeiros ou falsos –, comunicam mais do que o autor do texto pretendia dizer. Não há prejuízo para o historiador, caso o documento utilizado contenha apenas informações falsas. Há um sentido histórico em cada documento falso, seja o caso dos mitos, que buscavam ordenar o mundo e dar sentido à vida cotidiana, seja o caso dos documentos forjados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) perseguiu e criminalizou cidadãos.

Diante de tal possibilidade, cabe refletir sobre o que tal documento revela do momento histórico ao qual pertence. E ainda que seja apenas um vestígio, investigá-lo possibilita alcançar rastros de um tempo. Para pensar os rastros deixados em documentos históricos, Ginzburg (2007) retoma o mito de Teseu e Ariadne. Os fios esquecidos, propositalmente ou não, pelos homens no tempo e que, ao serem seguidos, levam a aspectos de uma determinada realidade. É possível, portanto, ler

os textos a partir do que eles revelam naquilo que omitem. A omissão e o não dito salta aos olhos do historiador, pois há nessas lacunas determinações históricas.

A realidade testemunhada é representada em narrações históricas ou ficcionais e, nessa contenda pela representação da história (GINZBURG, 2007), há narrativas e mais narrativas esperando para serem desvendadas.

Nos testemunhos voluntários encontram-se também testemunhos involuntários, Marc Bloch, em “Apologia da História” (2002) nos fala de isolar nos testemunhos voluntários um núcleo mais profundo, o involuntário. Todo simples compõe uma complexidade (LUKÁCS, 2010), a investigação de tais registros permite vislumbrar, ainda que parcialmente, fragmentos de processos históricos.

Ler os testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugeria, contra as intenções de quem os produziu – embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções – significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados (GINZBURG, 2007, p. 11).

Um documento não informa menos sobre o passado por se tratar de uma narrativa ficcional. Tudo depende das perguntas que serão feitas ao texto, tendo em mente que ele, no que está literalmente escrito, pode ou não estar mentindo. A análise da imanência é justamente a ferramenta para objetivar as categorias presentes no documento; é a ferramenta para identificar e analisar dialética e materialmente histórica os núcleos involuntários do registro feito.

O romance Balún-Canán de Rosario Castellanos se revela entranhado de história. Interessa além do que a autora voluntariamente desejou registrar, interessa em sua objetivação estética os traços da concretude histórica do seu tempo, a fim de refletir-se aqui, sobre as condições históricas vividas e experienciadas pelas mulheres mexicanas e pelos Tzeltales na Chiapas de meados do século XX.

O que em Balún-Canán nos orienta para a reflexão da concretude daquele período? O que está presente em suas linhas ficcionais que nos permite jogar luz sobre ruínas do passado? Rosario Castellanos, ao refletir sobre a sociedade em que viveu registrou aspectos da experiência coletiva?

Interrogou-se o documento, sabendo-se da possibilidade de estar condenado a conhecer o passado apenas em seus rastros, o historiador está nas margens da incerteza, na história a contrapelo se está sempre diante de irresoluções.

Embora o romance de Castellanos se passe durante o governo de Lázaro Cárdenas (1895-1970), no período de 1934 a 1940, o livro foi escrito no ano de 1957<sup>2</sup>, uma outra linha de temporalidade, tornando necessária a análise desse período para uma melhor compreensão da representação construída pela autora.

Na década de 1950, o México vivia o que ficou conhecido como “milagre mexicano”, período que vai de 1940, com o início do governo de Manuel Ávila Camacho (1940-1946), em 1968, ano em que o México se viu mergulhado em uma forte crise política e social sob o governo de Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970).

De acordo com Héctor Aguilar Camín (2000), diretor de Estudos Históricos do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH), e Lorenzo Meyer, nesse intervalo de tempo experimentou-se no país uma estabilidade política e crescimento econômico expressivo.

A consolidação do presidencialismo e o encolhimento do poder tradicional da Igreja e do Exército foram fatores determinantes para os anos de equilíbrio político, assim como o controle do movimento operário e a cooptação de parte dos sindicatos pelo Estado.

Em dezembro de 1940, início do governo de Ávila Camacho, como mencionado, o setor militar do Partido da Revolução Mexicana (PRM) se desfez, o exército revolucionário profissionalizou-se e subordinou-se institucionalmente ao chefe do Poder Executivo.

O mandato seguinte, de Miguel Alemán Valdés (1946-1952), foi o primeiro, após a Revolução, a ter um civil na presidência, realidade vivida até hoje no país que, desde então, elege para o cargo, exclusivamente, não militares.

Após a instabilidade causada pela crise do século XIX e os anos da Revolução, o governo mexicano, a partir de 1940, teve como objetivo a valorização do capital nacional. Estabeleceu-se como meta, então, a industrialização do país a partir da substituição de importações. Para tanto, foram criadas complexas barreiras tarifárias.

As exportações de matérias-primas ganharam força a partir do ano de 1942, gerando os recursos necessários para a compra no exterior de equipamentos modernos para as fábricas, no entanto, os países da Europa e os Estados Unidos,

---

<sup>2</sup> O lançamento do livro ocorre 4 anos depois do voto feminino ser conquistado. Foi sob a presidência de Adolfo Ruiz Cortines que se obteve - através de décadas de luta das sufragistas mexicanas - tal direito. Cf. Cano (2013, p. 7-20).

de onde viriam esses equipamentos, encontravam-se em meio aos esforços bélicos gerados pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e não foram capazes de fornecer tudo o que, na época, o México tinha condições de obter. Dessa forma, o parque industrial criado pelo país apresentava apenas um relativo grau de modernidade.

A partir da industrialização, os governos passaram a dar maior atenção à questão do nível de intervenção direta do Estado na produção econômica, pois entendia que para gerar uma valorização expressiva do capital nacional, era preciso, com a industrialização, construir um setor comercial e financeiro mexicano.

A certeza que dominava era a de que ao Estado ficariam reservadas as tarefas de criação e manutenção da infraestrutura. Durante o governo de Miguel Alemán Valdés, registrou-se grande investimento na construção de estradas e em obras de irrigação, o que representou 22% do orçamento federal (CAMÍN; MEYER, 2000).

Além do investimento em infraestrutura, entendia-se que o Estado deveria intervir o mínimo possível na produção direta, atuando apenas nos mercados em que a empresa privada não desejasse atuar. A combinação desses fatores levou ao que foi chamado de “economia mista”. Os investimentos públicos, dessa maneira, representaram apenas um terço dos investimentos totais a partir da década de 1940.

Verificou-se uma mudança estrutural na economia do país, a industrialização desencadeou uma mudança no centro das atividades e da tomada de decisões que passou do campo para a cidade, com destaque a capital do país, Cidade do México: “Em 1940, a agricultura representava em torno de 10% da produção nacional; em 1977, representava 5%. As manufaturas, por sua vez, passaram de pouco menos de 19% para mais de 23%” (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 215).

A produção nacional, entre as décadas de 1940 e 1960, cresceu 3,2 vezes, a economia, de fato, se mexicanizou, a ponto da classe burguesa se tornar uma burguesia industrial cada vez maior e mais consolidada. As fileiras do proletariado e da classe média também cresceram<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para que se tenha uma ideia da explosão demográfica durante o período abordado, basta mencionar que no ano de 1940, o país tinha uma população de 19,6 milhões de habitantes; e no início da década de 1970, mais de 48 milhões de habitantes (CAMÍN; MEYER, 2000).

A classe média que durante o porfiriato<sup>4</sup> era quase inexistente (segundo cálculos realizados em 1951, pelo historiador mexicano José Iturriaga (1914-2011) representando apenas 8% da população), praticamente duplicou por volta da década de 1960 (apud CAMÍN; MEYER, 2000).

É importante ressaltar que para entender tamanho crescimento, deve-se levar em consideração a melhoria nos níveis de saúde: a mortalidade infantil caiu, no ano de 1951, de acordo com dados disponibilizados pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas (ONU), a taxa de morte para mil habitantes nascidos vivos era de 170,0%, e no ano de 1968, essa taxa era de 81,7% para cada mil habitantes nascidos vivos; e a expectativa média de vida aumentou de 41,5 anos na década de 1940, para 60 anos na década de 1970, de acordo com levantamento oficial (NÚÑEZ, 2015).

Com o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico, o processo de urbanização se intensificou, registrando um crescimento anual em torno de 6% no período mencionado, muito acima do que estimava o governo na época, o que, inclusive, dificultou a estruturação de políticas capazes de responder à demanda dos grandes aglomerados urbanos (CAMÍN; MEYER, 2000).

Com todas essas mudanças, o México viu surgir um poderoso setor bancário, o crescimento da atividade econômica foi quase o dobro do crescimento demográfico, o que demonstra a expressividade desse desenvolvimento.

Com a Segunda Guerra Mundial, a influência dos Estados Unidos sobre o México tomou força, necessitava-se de soluções fáceis e rápidas, o que possibilitou a resolução de muitos dos problemas pendentes entre os dois países.

A questão da dívida externa foi finalmente resolvida após as quantias e termos do pagamento para as empresas de petróleo estadunidenses expropriadas em 1938 terem sido acertadas, em condições favoráveis ao México.

O estabelecimento definitivo dos Estados Unidos como a primeira potência mundial facilitou a inserção do México nas transações internacionais que, antes desse período, encontravam-se fortemente abaladas. Os conflitos com os países europeus e o vizinho do norte diminuíram e se alteraram. As relações com a Grã-

---

<sup>4</sup> Porfírio Díaz governou o México de 1876 a 1911, um governo ditador que se revelou insensível aos problemas que acometiam os cidadãos mais pobres; que permitiu a entrada de capitais externos para a exploração de recursos minerais, concentrando cada vez mais as terras aos latifundiários (SANTOS, 2016).

Bretanha, que se encontravam rompidas desde a expropriação do petróleo em 1938, foram retomadas. No governo de Adolfo López Mateos (1958-1964), as relações econômicas e políticas com o Japão e os países da Europa Ocidental foram revitalizadas.

No entanto, para a legitimação do governo, era preciso a manutenção de um dos valores da Revolução: o nacionalismo, assim sendo, o país buscou manter uma distância mínima dos Estados Unidos e uma independência em relação a ele. O que se verificou, por exemplo, na decisão de não romper as relações com Cuba e na defesa do princípio da não intervenção.

Mesmo estando, inevitavelmente, ao lado dos Estados Unidos na Guerra Fria (1947-1991), o México buscou não se alinhar totalmente ao discurso anticomunista, evitando levá-lo para a política externa, não participando da Guerra da Coreia (1950-1953). O país equilibrou essas medidas unindo-se aos Estados Unidos em outros assuntos, seu exército auxiliou na vigilância da região, aceitou que mexicanos residentes nos Estados Unidos pudessem ser recrutados pelo país, entre outras medidas que beneficiavam a Casa Branca.

Por meio do enredo e de seus personagens, a autora tece ao longo do romance *Balún-Canán* as referências a essa realidade, suas contradições e as críticas; e como uma das muitas expressões da arte, exagera, dramatiza, satiriza e falsifica os acontecimentos, mas não deixa de representar os nexos constitutivos da trama societária. São construídas ali representações do mundo que interessam ao historiador pela possibilidade de remeter à concretude social a que está referido o texto literário, nas quais estão contidas também o ideário do autor do texto.

Para trabalhar a relação entre história e literatura, e literatura e sociedade, as contribuições de Carlo Ginzburg (2007), György Lukács (1966) e Antonio Cândido (2019) foram as principais utilizadas ao longo deste trabalho, para o qual tomou-se por base, também, o conceito de História elaborado pelo filósofo alemão Walter Benjamin e seus trabalhos sobre literatura, infância e teoria da linguagem (BENJAMIN, 2012; 2018).

Ainda para pensar a língua e a linguagem, Mikhail Bakhtin (2014) e Roland Barthes (2013) tornaram-se referências teóricas, sendo utilizadas e esplanadas ao longo do texto. Acerca das representações, foram utilizados os trabalhos do historiador italiano Carlo Ginzburg (2007).

Ao analisar o romance, pretendeu-se seguir os rastros deixados na literatura de Rosario Castellanos, circunscrevendo-a em seu tempo. A partir de tais resquícios avançou-se atentamente nas especificidades dos grupos sociais dos quais Castellanos fazia parte, buscando a reflexão sobre a condição dos sujeitos marginalizados que constituíam o eixo central da obra e do pensamento da autora.

Os objetivos da pesquisa centraram-se, portanto, no debate da identidade mexicana na década de 1950, nas relações interétnicas em sua concretude e nas intencionalidades dos discursos dos governantes do período que se empenhavam na tentativa de mediar essas relações e de forjar uma nação de um só povo, ignorando a pluralidade dos indivíduos que compõem o país, a partir do que revela essa novela.

A investigação visou alcançar a expressão do real concreto e a reflexão do ser social, entendendo que são capazes de revelar vestígios da concretude social, entendida essa em suas múltiplas dimensões, objetivas e subjetivas.

Tendo como fonte principal o livro *Balún-Canán* (1957), de Rosario Castellanos, tornou-se necessário, para situar o contexto histórico nele referido, reportar-se a outras fontes que, conforme pesquisa preliminar, em muito ajudaram a entender o seu enredo. Somaram-se, assim, à fonte principal, cartas escritas por Castellanos e revistas de literatura mexicana.

O fato de a autora deste trabalho conhecer o México facilitou o processo de desenvolvimento da pesquisa, por situar-se e conhecer melhor alguns aspectos da vida cotidiana do país, bem como as diferenças entre a capital, Cidade do México, e a região Sul, mais precisamente o estado de Chiapas.

Como a novela se passa na década de 1930, portanto, durante a presidência do General Lázaro Cárdenas, tornou-se necessário resgatar, dessa historicidade, aspectos do período, seus significados e efeitos; e sobre os aspectos da política mexicana no período pós-revolucionário, apontou-se os trabalhos de Alan Knight (apud Bethell, 2015), Lorenzo Meyer e Héctor Aguilar Camín (2000). Sobre a região de Chiapas e seus povos as contribuições de Juan Pedro Viqueira e Mario Humberto Ruz (1995) foram elementares.

Na reflexão sobre a vida e obra de Rosario Castellanos, o estudo apoiou-se em Beth Miller (1987). Para pensar a identidade e a identidade mexicana, contribuíram os estudos de Federico Navarrete (2004) e José Del Val (2004). Na

medida das necessidades serão incorporados outros autores que versam sobre a história do México no período em questão.

A escolha pelo livro *Balún-Canán*, de Rosario Castellanos, justifica-se por seu conteúdo, que traz a narrativa a partir da ótica de uma criança sobre os conflitos entre criollos e indígenas no Sul mexicano. A narrativa concentra-se na visão de grupos marginalizados, as crianças, as mulheres e os indígenas, possibilitando, como deseja Walter Benjamin, escapar dos discursos oficiais e da obviedade, para a investigação das experiências desses indivíduos, bem como a visão destes e da própria autora. Soma-se a isso a própria vida de Castellanos, que refletiu através de suas obras o local destinado na sociedade a esses grupos.

Importante observar que a atitude de Castellanos, ao tomar a literatura como meio para atuar na sociedade em que vivia, não foi um ato único no México daquele período. A literatura feita por mulheres ganhou força no México em meados do século XIX. Josefina Vicens (1911-1988), Guadalupe Amor (1918-2000), Amparo Dávila (1928-2020), Guadalupe Dueñas (1910-2002), Nellie Campobello (1900-1986) e Inés Arredondo (1928-1989) são algumas das muitas escritoras, ensaístas e roteiristas que ganharam projeção nacional no período.

Sobre esse florescimento, Margo Glantz (1994, p. 619) afirma: “La proliferación de la literatura femenina responde a una proliferación de nuevas formas, de cambios radicales en el país”.

Com todos os elementos reunidos, este trabalho foi dividido em capítulos, da seguinte forma:

No Capítulo “Tecendo fios e memórias”, é abordado o enredo da *Balún-Canán*, sendo realizadas análises iniciais. Resgata-se a trajetória da produção de Castellanos em um contexto mexicano, cujas contradições não estão apenas circunscritas às lutas entre as classes, à cultura da leniência para com a desigualdade, mas também às contradições no interior de um governo que se inicia como resultado de um movimento que, após a independência, radicalizou-se nas camadas sociais, culminando com o que é considerado pelos protagonistas e pela historiografia como revolucionário. Toda a produção de Castellanos remete a esta conturbada conjuntura que parece atingir seu ápice naquela década de 1950.

O capítulo segue com o debate acerca da relação entre literatura e história e o realismo maravilhoso, sobre a alteração da realidade latino-americana, que se dá pelas condições históricas e políticas, de violência e expropriação do continente e de

seus povos, pensando como tal realidade influi na estética adotada pela autora estudada para pensar sobre a sociedade em que vivia e para agir nela. Dessa forma, discute-se como as determinações históricas da América Latina perpassou a autora, revisitando um pouco de sua vida e obra. E fechando o capítulo, discute-se sobre a noção de alma entre os Mayas Tzetales, categoria extraída da parte final de Balún-Canán.

No capítulo “O insólito da vida no realismo mágico de Balún-Canán”, versa-se a respeito da permanência da obra de Castellanos na memória social da região chiapaneca e o impacto da obra nas lutas sociais. Sobre os fundamentos originários da palavra Balún-Canán, a história da cidade de Comitán, onde se passa parte do romance, e analisa-se a linguagem em suas diferentes formas, a dimensão da oralidade na obra e como se articula com a cosmovisão do povo Tzeltal. Também se discute o recurso literário que Rosario Castellanos utiliza para recontar a história da região e de seus povos, confrontando o discurso oficial do Estado mexicano pós-revolução. Abordam-se as reformas promovidas pelo governo do general Lázaro Cárdenas (já que o romance se desenrola durante o período em que ele esteve na presidência do México, a década de 1930) e a conjuntura política e econômica do país.

No Capítulo “O eu e o outro no espelho da infância ancestral”, analisa-se como, a partir das decepções com a Revolução Mexicana (1910-1917) e com o governo do General Lázaro Cárdenas (1934-1940), intelectuais mexicanos buscaram, por meio de debates sobretudo realizados em revistas, compreender o momento que o país vivia e pensar a identidade do sujeito mexicano, considerando o passado colonial, a contribuição da originalidade das culturas indígenas e a marginalização sociais ao qual estava relegada essa população. A partir daí, analisa-se a questão da identidade em um contexto mais amplo, na literatura do próprio continente latino-americano, não limitando-se apenas ao caso do México. Tal tópico versa sobre o sentimento compartilhado de solidão e estranheza que atravessa os escritores conscientes da América Latina.

Por fim, discute-se a visão do eu e do outro para Rosario Castellanos e como as reflexões em torno da identidade a levaram a optar por um caminho de atuação política baseada no fazer literário. Ainda que intelectual e militante, Castellanos tinha suas próprias contradições, o que é explorado ao final do capítulo.

## CAPÍTULO 1 – TECENDO FIOS E MEMÓRIAS

### 1.1 Balún-Canán

Na trama, sob a ótica de uma garotinha de 7 anos, é narrado o conflito entre criollos, ladinos (termo utilizado na América Central e em Chiapas para referir-se à população mestiça) e povos originários, tendo como ponto de partida uma greve de trabalhadores na fazenda do pai da personagem principal, sob as reformas do governo de Lázaro Cárdenas, na região chiapaneca de Comitán, Sul do México.

Com fortes traços autobiográficos, o romance traz a problemática e a opressão vivida pelas mulheres daquele contexto. De maneira simbólica, a protagonista não tem nome, identificada durante todo o enredo apenas como La Niña.

Enquanto acompanha, sem entender, o crescimento da tensão e das violências entre os trabalhadores e seu pai, ela lida com a rejeição e a negligência da família. La Niña vê o irmão mais novo, Mário, ser o centro das atenções; aquele que dá sentido à vida da mãe, por ter gerado um *varón*; por ser aquele que dará continuidade à linhagem da família e, o principal, tomar conta da propriedade no futuro.

Com um chamado à memória, Rosario Castellanos inicia “Balún-Canán” com uma espécie de sussurro, algo secreto que não pode ser dito em voz alta, mas que necessita ser passado adiante, assim como a história contada e transmitida através do “Libro del Consejo”. Tal livro, também conhecido como Popol Vuh, é de autoria incerta, sabe-se que um ou mais anônimos, na tentativa de preservar a cosmogonia, a história e a genealogia dos Maias-Quiché, registraram um manuscrito na língua Quiché, porém no alfabeto latino, o que possibilitou que o frei Francisco Ximénez, no início do século XVIII, o traduzisse para o espanhol. Essa trajetória do manuscrito permitiu que as histórias do Popol Vuh chegassem à atualidade (POPOL VUH, 2019).

No trecho que inicia Balún-Canán, emprestado do Popol Vuh, há segredos que se assemelham entre a mensagem dos anônimos autores do manuscrito e a mensagem do romance de Castellanos. Assemelham-se em sua potência mítica e em sua urgência:

Musitaremos el origen. Musitaremos solamente la historia, el relato. Nosotros no hacemos más que regresar; hemos cumplido nuestra tarea; nuestros días están acabados. Pensad en nosotros, no nos borreis de vuestra memoria, no nos olvideis. El Libro del Consejo (CASTELLANOS, 1978, p. 8).

O simbolismo do sussurro, do murmúrio, pode ser entendido a partir da concepção de Castellanos acerca do papel relegado às mulheres na sociedade ocidental.

O trecho citado abre a primeira parte do livro. Surge uma mulher contando para uma criança um conto antigo. Trata-se da protagonista da história, Niña, e sua cuidadora, Nana. Niña não tem nome, ou seja, em nenhum momento da narração seu nome é citado, é chamada assim, apenas de Niña.

Contudo, protesta ao ouvir a Nana dizer que ela é um de grão de anis e reivindica sua identidade: “No soy un grano de anís. Soy una niña y tengo siete años. Los cinco dedos de la mano derecha y dos de la izquierda” (CASTELLANOS, 1978, p. 9).

De maneira poderosamente simbólica, Castellanos começa a tecer o seu relato numa mescla de confissão e denúncia, de realidade e fantasia, de história – sua própria história – e mito. A primeira parte é inteiramente narrada por Niña, é a partir de sua ótica que o leitor vai adentrando no espaço criado pela autora e no mundo ali representado.

Por se tratar da visão de uma criança, sutilmente o leitor vai tomando conta do ar pesado de preocupação que envolve a cidade de Comitán, onde se passa a história. Nas ruas, os adultos sussurram, nas janelas das casas as solteiras surgem com suas bocas cerradas e o semblante de aflição se faz presente nos lugares.

Niña nota o que se passa ao seu redor, mas é à sua maneira que interpreta o que vê, a apreensão dos adultos. Voltando-se para o seu próprio mundo: sua escola, onde estuda com a senhorita Silvina e as outras meninas; sua Nana, que conta histórias que aprendeu com os mais velhos de Chactajal e histórias de criaturas mágicas como o Dzulúm, que aparece na noite enfeitando as mulheres e levando-as para a mata, de onde elas nunca voltam a aparecer; e seu irmão Mario, mais novo que ela, a quem ela ensina as coisas que sabe, por exemplo, que “Colón descubrió la América” (CASTELLANOS, 1978, p. 10).

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1976) chamam de subjetivação capitalística a forma como os indivíduos, à medida que crescem, vão sendo moldados e

enquadrados em um modelo predefinido – a partir do capital – de comportamento que resulta na eliminação de características particulares, ocasionando uma maneira limitada e única de olhar e estar no mundo.

Para Walter Benjamin (2012), foi justamente com o advento da modernidade e o avanço do capitalismo que a experiência foi se ausentando do mundo. Em sua concepção, a experiência opõe-se à vivência na medida em que acumula, inconscientemente, memórias que se tornarão duráveis e que poderão ser transmitidas, por exemplo, a partir das narrações dos escritores, contendo em si a sabedoria.

Na vivência, a pressa das cidades, das multidões, do ritmo de produção e todo o conjunto de fatores que envolve a sociedade sob o capitalismo, obriga os indivíduos a apenas se esbarrarem. Esbarrarem os corpos uns contra outros nas ruas, esbarrarem nas notícias que já nascem vencidas, esbarrarem na velocidade dos automóveis e em todo um ritmo frenético advindo das transformações nas condições de produção e na sociedade. Para Benjamin (2012), inaugura-se um sistema de choque que impossibilita a apreensão e o processamento das impressões, pois elas não são gravadas psiquicamente, logo, desaparecem instantaneamente, sem dar espaço para a experiência e o consequente ensinamento.

Partindo de Deleuze e Guattari (1976) e tendo como base os conceitos citados de experiência e de vivência em Walter Benjamin (2012) é possível compreender, de maneira menos rasa, o comportamento da protagonista, que ainda não realiza abstrações acerca das tensões da sociedade em que está inserida, preferindo voltar sua atenção às brincadeiras com sua Nana. A criança ainda não moldou sua subjetividade com relação às demandas do capital, a lógica dos adultos para ela não faz sentido, seu olhar pode, assim, direcionar-se a objetos “fúteis” e sem sentido, na opinião dos mais velhos.

Enquanto Niña narra seu dia a dia na casa enorme em que vive com seus pais, seu irmão e os inúmeros empregados indígenas, o leitor toma conhecimento das razões para a inquietação crescente entre os mais ricos da cidade, nas conversas que Niña escuta.

Notícias que chegam através dos jornais e dos amigos do seu pai, César, dão conta de agitações no país e mudanças nas políticas vigentes. Da capital, Cidade do México, partem os discursos do presidente da república, Lázaro Cárdenas, que

tratam das leis de expropriação de terras (a serem destinadas aos povos originários a partir da construção de *ejidos* coletivos), dos direitos dos trabalhadores camponeses e da exigência inédita de que os grandes proprietários de terras tenham em suas propriedades escolas rurais para o ensino das crianças filhas dos trabalhadores, que em sua totalidade são indígenas entendidos como propriedades herdadas há muitas gerações nas famílias tradicionais. A família de La Niña é uma delas.

O cerne da história centra-se na busca de César por uma forma de fazer vistas de que cumpre a lei que obriga a construção das escolas rurais e o emprego de um professor, enquanto, em verdade, a burla, como é possível ver em diálogo com o seu amigo Jaime:

— Vaya Jaime, casi lograste asustarme. [...] Esto no tiene importancia. ¿Te acuerdas cuando impusieron el salario mínimo? A todos se les fue el alma a los pies. Era el desastre. ¿E que pasó? Que somos lagartos mañosos y no nos pesca fácilmente. Hemos encontrado la manera de no pagarlo. - Porque ningún indio vale setenta y cinco centavos al día. Ni al mes. (CASTELLANOS, 1978, p. 45).

A tensão se intensifica à medida que grupos de trabalhadores reivindicam o cumprimento das novas leis e passam a atacar indígenas que não se somam na reivindicação.

Em um episódio, chega à casa de La Niña um grupo de trabalhadores da fazenda de César, que fica em uma região afastada da cidade, em Chactajal. Eles trazem consigo um trabalhador que foi espancado por ser empregado de César. A cena choca La Niña que guarda em sua memória o horror de presenciar uma pessoa agonizando.

Dias mais tarde, quando vai com a mãe e outras mulheres, clandestinamente, até a igreja que está fechada por ordens do governo<sup>5</sup>, a menina se apavora diante da imagem do Cristo Morto por lembrar o homem que ela viu morrer.

A reação de Niña gera repulsa em sua mãe, Zoraida, que recrimina todas as ações da filha, tratando-a com desprezo em todas as ocasiões que ambas as personagens interagem na trama.

---

<sup>5</sup> No México, as tensões entre governo e Igreja se acentuaram após a Revolução Mexicana, as leis anticlericais presentes na Constituição de 1917 não só incomodou a Igreja e seus fiéis, como culminou na Guerra Cristera, que ocorreu entre 1926 e 1929, com reflexos nas políticas dos governos seguintes.

O cuidado de Niña com sua Nana e o amor que demonstra revelam o laço maternal que as unem. Diferentemente, a mãe de Niña não esconde a raiva que sente por ela, tão pouco a preferência que tem por “filho homem”, Mario. Nos momentos em que a família conversa, exalando todo o racismo e ódio de classe, depreciando os povos originários, Niña se preocupa em fechar as portas dos cômodos para que sua Nana não escute tais palavras e se sinta atingida, sendo ela uma mulher Tzeltal.

César toma a decisão de contratar o sobrinho, Ernesto, para dar aulas na escola rural da propriedade da família. Ernesto é um dos muitos filhos não assumidos do irmão de César, ele traz consigo a marca de ser visto pela sociedade como bastardo.

A artimanha de César é de, ao fingir integrar Ernesto à família, fazê-lo dar as aulas sem realmente ensinar nada e apenas ler livros em espanhol para as crianças que não compreendem o que ele diz, uma vez que falam unicamente Tzeltal, a língua indígena predominante na região.

Tomada a decisão, embora Ernesto tente deixar claro que não é professor, a família se prepara para passar a época da colheita em Chactajal. Niña narra os preparativos: as mulheres que são chamadas para a confecção de velas e as cozinheiras que são chamadas para fazer o pão e o cacau que servirão de refeição durante os três dias de viagem que separam Comitán de Chactajal.

Antes de partir, Nana leva Niña até a capela da casa, lá faz uma longa oração rogando para que Deus a proteja já que ela não estará presente para protegê-la e cuidá-la. Nana sabe que Zoraida tem asco da filha.

A segunda parte do livro, na qual se desenrola o enfrentamento entre os trabalhadores e César, é narrada por diferentes personagens de acordo com os capítulos. Em sua maioria por Zoraida, Ernesto e César.

Castellanos faz a escolha narrativa de ausentar Niña nessa segunda parte. A ausência da criança pode ser entendida não só como forma de narrar mais explicitamente os acontecimentos que se dão durante a revolta indígena como também uma maneira de demonstrar a invisibilidade das crianças em relação aos adultos pois, mesmo envoltos no tédio da região afastada, onde as horas demoram a passar e os afazeres e lazeres são limitados, esses personagens não se ocupam das crianças, não interagem e deixam explícito a visão que fazem delas: estorvos.

Salvo o propósito de Mario, o filho homem que herdará as propriedades da família dando continuidade à linhagem Argüello.

As representações que a autora constrói no livro tornam claro o seu entendimento de que na sociedade em que vive, a mexicana dos anos 1950, as crianças são tratadas como algo que atrapalha, devendo ficar a cargo dos empregados e que só possuem valor os meninos, na medida em que ao crescer serão a autoridade da família por serem homens.

Castellanos traz em seu romance a solidão das meninas que, para a família, não tem serventia e a solidão das mulheres que, já crescidas, não têm importância se não estiverem casadas e com filhos homens, o que leva as mulheres solteiras a caírem em desgraça perante a sociedade, tornando-se espécies de párias, de seres estranhos dignos de pena e motivo de burburinhos.

A trama segue a partir da narração de Ernesto, que se mostra inebriado pelo contato com o tio e com a família Argüello. Ao chegar à Chactajal, ele logo nota nas falas de César a discriminação, contudo demora a admitir que foi usado em nome dos interesses do tio. Transparece seu profundo conflito enquanto filho bastardo. Se por um lado admira o sobrenome Argüello, a imagem do pai por ser um homem rico e a imagem do tio por ser um homem que estudou na Europa, por outro, sente a mágoa de não ter sido assumido, de ter crescido na pobreza e de não ser visto como igual.

Durante o tempo que passa em Chactajal, o conflito o divide, pois ao mesmo tempo em que faz esforços para se integrar à família e para identificar nas falas de César o reconhecimento de que ele é um Argüello, também faz o esforço de sufocar a verdade inconveniente, que o perturba, a de estar ali apenas como um empregado; e o patético, que é a sua crença de um dia deixar de ser um filho bastardo.

A essa altura do livro, já foi apresentado ao leitor o personagem Felipe, um indígena que depois de presenciar o discurso feito pelo presidente Lázaro Cárdenas passa a andar pelas fazendas unindo trabalhadores indígenas em torno da exigência do cumprimento da lei das escolas rurais.

Felipe, como representante do grupo de trabalhadores da fazenda, comunica a César que seus empregados estão no aguardo da chegada de um professor, César apresenta, então, o sobrinho, que a contragosto, começa a dar aulas na escola construída pelos próprios trabalhadores.

Ernesto, na verdade, não faz mais do que ir até a escola e passar o menor tempo possível, enquanto lê em voz alta livros em espanhol. As crianças nada entendem, uma vez que falam a língua Tzeltal.

A língua, por vezes, constitui um instrumento de poder, no livro é possível verificar a maneira como é utilizada para a perpetuação de discriminações e legitimação de poder. Zoraida sente ódio pelos povos originários, inúmeras são as passagens em que a personagem humilha aqueles que trabalham para sua família. Alega que por não saberem falar o espanhol são selvagens. Richard Morse, em “O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas” (1988), demonstra como não ter o domínio da pronúncia da língua espanhola, dizer mal o espanhol, implicava na visão de malditos que os colonizadores espanhóis ao chegar às Américas, faziam das populações nativas. Malditos no sentido de maldizer e por maldizer condenados à submissão.

Zoraida demonstra a mesma visão dos colonizadores. Ela entende que saber falar espanhol a distingue dos povos originários, que não só não falam como não podem aprender a falar, pois significaria um desacato. A personagem fica ofendida e irritada quando toma conhecimento da reivindicação de Felipe e seus colegas por um professor, chegando a rir ironicamente, enquanto teme, silenciosamente, a perda de privilégios com as mudanças do governo de Lázaro Cárdenas.

Durante a estadia em Chactajal, junta-se à família Matilde, prima de César. Solteira, Matilde morava com suas duas irmãs, Francisca, a mais velha, e Romélia, a separada, em Palo Maria, próximo a Comitán.

A fim de poder manter ao seu lado os trabalhadores de sua propriedade, Francisca adiantou-se e fingiu estar recebendo visões e tornando-se uma bruxa, pois na região, as insurreições de trabalhadores se espalhavam rapidamente. Porém, o comportamento fingido e exagerado de Francisca assustava Matilde, o que a levou a fugir para Chactajal.

Poucos dias após a chegada de Matilde, César recebe a visita de seu afilhado, Gonzalo Utrilla, que havia se tornado funcionário do governo, sob o cargo de inspetor agrário. Percebendo que a visita do afilhado, na verdade, se tratava de uma inspeção, César lamentou não ter dado atenção a ele na infância. Quando o garoto aparecia em sua porta, ele ignorava, mandando um empregado dar coisas sem valor ao menino. Em certa ocasião enviou uma tampa de panela.

O pesar de César em nada tem a ver com remorso ou arrependimento pelas humilhações que fez o afilhado passar. Significa, apenas, o pesar de não poder agir como está acostumado: fazendo acordos escusos entre compadres e trocas de favores visando à manutenção de seus privilégios à custa da exploração dos trabalhadores.

Com a passagem de Utrilla pela fazenda, César se sente pressionado a cumprir com as novas disposições do governo, levando-o a se comportar de maneira fingida com seus subordinados enquanto busca formas de não ceder a nenhuma reivindicação.

Ao desenrolar da história, Castellanos apresenta ao leitor uma Matilde angustiada, que pensa frequentemente em matar-se ou fugir. Um dia, durante o banho de rio das crianças, ela tenta se suicidar, no entanto, é salva por Ernesto. É neste ponto da narrativa que é revelado o motivo que levou a personagem a tal ato. Semanas antes, Ernesto havia entrado em seu quarto e a estuprado e da violência cometida resultou uma gravidez. Matilde não podia suportar manter uma gravidez que era fruto de um estupro, por isso a tentativa de suicídio.

O pensamento de Castellanos acerca dos diferentes grupos que compõem a sociedade e as diferentes violências a que estão sujeitos é colocada na história de maneira complexa, em que a autora constrói um amálgama de opressões que se sobrepõem umas às outras, por exemplo: o mesmo personagem, no caso, Ernesto, que sofre a opressão de classe, é o que pratica a opressão de gênero. Ao mesmo tempo que sofre as pressões da sociedade patriarcal, como a pressa e a obrigação de parir um *varón*, Zoraida discrimina seus trabalhadores a partir de suas falas racistas.

Duas cartas escritas por Rosario Castellanos em 1950 oferecem dados para compreender melhor a forma como a escritora via a questão da construção de personagens, seja em filmes ou em livros. A primeira carta foi escrita em Chiapas, no México, endereçada a Ricardo Guerra, com quem a escritora foi casada, nela, Castellanos relata que leu a peça “El Conde Alarcos” (1919) de Jacinto Grau (1877-1958) e reclama da superficialidade dos personagens:

Pero porque estos novelistas españoles tienen esa propesión hacia la literatura rosa? Son absolutamente incapaces de crear un personaje que sea malo. Todos son almibarados, se someten a las instituciones, anhelan formar un hogar, son duques y condes

(CASTELLANOS, Comitán, Chiapas, 7 de agosto de 1950 apud CASTELLANOS, 1994, p. 33).

Na mesma carta, Castellanos conta que assistiu ao filme mexicano “Amor de la Calle” (1950) e demonstra se enojar com a fragilidade da personagem feminina, com a obviedade do enredo e a falta de profundidade:

El argumento, usted ya sabe: el muchacho y la muchacha que se aman profunda y castamente. El destino que interviene y los separa y ella, desconcertada no sabe qué hacer y se convierte en exótica. Muy fácil. Triunfa. Entonces él averigua su dirección y vulve. Se aman de nuevo. Y como ella sólo ha acrisolado su pureza en el ambiente del cabaret, se casan por la Iglesia, por lo civil y por menso. Todo este entre puros cantos y boleros y mambos y Toña la Negra y Los Panchos y bongoceros. El fin es una apoteosis musical. *Qué asco* (CASTELLANOS, Comitán, Chiapas, 7 de agosto de 1950 apud CASTELLANOS, 1994, p. 33, grifo meu).

Poucos meses depois, em carta a seu amigo e escritor Efrén Hernández (1904-1958), ao comentar um filme assistido “Los que Vivimos” (1942), Castellanos demonstra sua admiração por obras em que os indivíduos têm profundidade, sobretudo, contradições, o que considera marca da subjetividade humana:

Hemos ido también al cine, a ver una película italiana, muy buena, con todas esas características del realismo en las que tantos buenos frutos han logrado. Se llama Los que vivimos y es tan larga como Lo que el viento se llevó, está también dividida en dos partes y se desarrolla en Rusia. Es de propaganda anticomunista pero está hecha con verdadero talento y *los personajes no son los muñecos a los que nos han acostumbrado los gringos en sus películas de ese estilo, sino seres profundamente humanos* (Carta de Castellanos a Efrén Hernández, Madrid, 28 de outubro de 1950) (apud GORDON; RODRÍGUEZ, 1996, p. 197-198, grifo meu).

Assim, é possível compreender o fascínio de Castellanos em explorar, nas suas obras, as relações de vítimas e algozes, instaurando o elemento complexo de uma personagem ser, ao mesmo tempo, vítima e carrasco.

Matilde, em Balún-Canán, ao dizer a Ernesto o motivo pelo qual tentou se suicidar, que foi a violência praticada por ele, tenta devolver-lhe o sofrimento, afirmando que deseja abortar para não precisar parir o filho de um bastardo.

—¿Querías morir? Matilde se había incorporado y respondió con vehe mencia: — ¡Sí! Y ante el gesto de estupefacción de Ernesto: — ¡No seas tan tonto de creer que fue un accidente! Sé nadar, conozco estos ríos mejor que el kerem que me salvó. — Entonces tú... — Yo. Porque no quiero que nazca este hijo tuyo. Porque no quiero tener un bastardo. Retadora, sostuvo la mirada de Ernesto. Y vio cómo su propia imagen iba deformándose dentro de aquellas pupilas hasta

convertirse en un ser rastrero y vil del que los demás se apartan con asco (CASTELLANOS, 1978, p. 158-159).

A partir desse ponto, a trama se desenrola rapidamente, Ernesto passa a embriagar-se todos os dias e a comportar-se de maneira violenta com as crianças que vão à escola, chegando a agredir uma delas. Os trabalhadores, então, exigem que César traga outro professor, comunicando que não trabalharão enquanto a questão não for resolvida.

César, no entanto, ameaça matar aqueles que participarem da greve. A colheita estava sendo feita e era preciso trabalhadores para moer a cana, que já havia sido vendida previamente por César a um produtor de aguardente de Comitán. Devido a ameaças, o grupo de trabalhadores põe fogo na fazenda, mata Ernesto e faz com que a família fuja às pressas de Chactajal, chegando, assim, ao final da segunda parte do livro.

Iniciando a terceira parte do livro, Niña volta a narrar os acontecimentos. Após o incêndio de Chactajal, seu pai parte para Tuxtla a fim de conversar com o governador e acertar a divisão da terra, agora tomada pelos indígenas, em *ejidos*. No entanto, passam-se semanas e César não consegue ser atendido pelo governador, percebendo inéditos obstáculos para a resolução de questões por meio do favorecimento de conhecidos que ocupam cargos políticos.

Estando de volta à Comitán, Zoraida é avisada por Nana que os bruxos de Chactajal estariam comendo a vida de Mario. Apesar de não acreditar em bruxaria, ela guarda em si o temor de perder seu único filho homem.

Decide, então, buscar ajuda, recorrendo primeiro à mulher do bairro pobre da cidade que lê cartas de baralho, contudo, não encontra uma resposta satisfatória, o que a faz procurar a ajuda de sua amiga, Amalia. Toda essa movimentação da mãe das crianças ocorre depois do alerta de Nana, embora Mario não tivesse apresentado nenhum sintoma que pudesse indicar a presença de doenças.

As crianças começam a receber aulas de catequese com Amalia, pois Zoraida decide realizar a primeira comunhão de Mario e Niña na capela de casa, clandestinamente.

Durante as aulas, as crianças tomam conhecimento do inferno, da culpa, dos pecados e da vigilância de Deus, o que lhes causa imediato pavor. As novas cuidadoras das crianças (que chegaram após Nana ser expulsa por Zoraida) também fazem uso de histórias em que deuses castigam e criaturas mágicas levam

embora crianças que não se comportam, para chantagear Mario e Niña a fazerem apenas o que lhes é pedido. Apesar das crenças serem distintas, ambas convergem no ponto em que são utilizadas para amedrontar e controlar as crianças, que passam a cultivar um medo cada vez maior.

Às vésperas da chegada do padre para a realização da primeira comunhão, Niña decide roubar a chave da capela como tentativa de impedir a celebração, uma vez que passa a acreditar que a culpa de tudo o que estava acontecendo e do cerceamento de sua liberdade devia-se à cerimônia que estava para acontecer.

Entra-se no último ato da trama, Mario adoece e mesmo com a visita de um médico nada pode ser feito para curá-lo. Sofrendo de apendicite, havia a urgência da realização de uma cirurgia, o que era impossível na pequena cidade de Comitán pela falta dos recursos necessários. Tão pouco era possível viajar até a capital do país, que ficava há cinco dias de viagem dali.

Em algumas passagens do livro, é abordada a questão das áreas distantes da Cidade do México. Não há nas personagens a ideia de nação e nem o sentimento de integração. Os jornais que chegavam à casa de Niña eram de semanas atrás e na necessidade de uma intervenção cirúrgica, mesmo as famílias ricas não podiam fazer frente ao isolamento da região Sul do país.

Emerge também, nessa última parte, a burguesia incipiente, que começa a incomodar as famílias tradicionais de Comitán. Antes do adoecimento de Mario, Matilde e Zoraida comentam sobre os donos de cachaçarias e os donos de cassinos na fronteira com a Guatemala, que começam a ocupar a cidade. Para elas, mesmo que esses homens enriqueçam, nunca chegarão a ter o que elas possuem e o que as distingue na sociedade: um sobrenome de família tradicional.

Sem o tratamento adequado, Mario falece e Zoraida, tomada pela dor de perder o único filho que lhe dava sentido à vida e valor na sociedade, passa a não ter mais nenhum contato com a filha, isolando-se no quarto e deixando explícito que se fosse para os bruxos de Chactajal levarem um filho seu, que fosse Niña, não o *varón*.

No último capítulo, Niña visita o túmulo de Mario, com Amalia, na celebração do Dia dos Mortos. Nesse momento, Castellanos faz visível a culpa que a menina sente por acreditar que a morte de Mario foi causada por ela. Uma culpa que vai além, recuperando todo o desprezo que a família tem por ela e toda a insignificância que está destinada a vivenciar na sociedade, já que é mulher:

— Cuando llegué a la casa busqué un lápiz. Y con mi letra inhábil, torpe, fui escribiendo el nombre de Mario. Mario, en los ladrillos del jardín. Mario en las paredes del corredor. Mario en las páginas de mis cuadernos. Porque Mario está lejos. Y yo quisiera pedirle perdón (CASTELLANOS, 1978, p. 291).

Assim como na trama, o mesmo aconteceu com Rosario Figueroa Castellanos. As semelhanças entre a sua vida e a de sua personagem, La Niña, são expressivas, tornando inegável o tom autobiográfico presente em Balún-Canán, ainda que a autora nunca o tenha confirmado.

Nascida na Cidade do México, em 25 de maio de 1925, portanto, no período da consolidação da Revolução Mexicana (1910-1917), Rosario Figueroa Castellanos teve a vida marcada pelo que chama de dupla condição: ser mulher e ser mexicana. Igualmente à sua personagem Niña, Castellanos passou a infância no Estado de Chiapas, em uma das propriedades da família.

Como mencionado, Chiapas não é um local qualquer do México. Espalhados pelo Estado, habitam 14 povos distintos: na região de Amatenango de la Frontera vivem os Jakaltecos, os Kaqchikeles e os Mames; em Mazapa de Madero, os Tekos; em San Cristóbal de Las Casa, que no período colonial sob o nome de Ciudad Real foi a capital da Alcadía Mayor de Chiapas, estão os Tsotsiles; em Motozintla, os Mochós; em La Trinitaria, habitam os Chujes e os Akatecos; em Tila, os Ch'oles; em Ocosingo, os Lacandones e os Tzeltales; em Margarita, os Tojolabales; e em Rayón, os Zoques e os K'anjob'ales-Q'anjob'ales (SISTEMA DE INFORMACIÓN CULTURAL MEXICO, s.d.).

De acordo com o Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI), a língua indígena que possui o maior número de falantes no Estado é o Tzeltal, seguido pelo Tzotzil e o Tojolabaje.

Apesar de possuírem cada um suas particularidades, esses diferentes povos compartilham de uma rede de identificação que remonta aos tempos da colonização (VIQUEIRA; RUZ, 1995).

Historicamente, Chiapas constitui uma região marcada por lutas e revoltas. Após a invasão espanhola, inúmeros foram os episódios de motins. Em 1712, uma expressiva insurreição Tzeltal uniu os povoados de Los Coronas, Los Zendaes e de Huitiupán, dizimando espanhóis de localidades próximas, chegando até mesmo a cercar a capital, Ciudad Real, por meses.

Durante as lutas por independência, Chiapas conquistou sua liberdade em 1821 e decidiu, após curto período como território independente, anexar-se ao México e não à Guatemala, em 1824.

Com inúmeras formações de exércitos rebeldes ao longo do período republicano, Chiapas é hoje a terra do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que, após ser criado em 1992, declarou territórios autônomos e luta contra as políticas neoliberais do Estado Mexicano.

Por ser mulher, Rosario Castellanos recebeu pouca atenção dos pais, ficando sob os cuidados de sua Nana Rufina, uma mulher indígena. Por intermédio dela, entrou em contato com o universo e os mitos dos povos Tzeltales e Tojolabales, que habitam a região chiapaneca. Tais experiências ficariam gravadas na memória da escritora para toda a vida.

Em relação ao seu irmão mais novo, Mario Benjamin, Castellanos costumava ouvir de seu pai, em tom irônico, que não se aborrecesse, pois por mais que ele fosse o filho homem, o *varón*, ela tinha a pele mais clara entre os dois.

Ainda durante a infância em Chiapas, Benjamin falece em um acidente de carro. Depois do ocorrido, o pai de Castellanos, uma vez que não tinha mais para quem deixar a propriedade da família, já que perdera o único filho homem, dividiu as terras que possuía entre *ejidos*, conforme a reforma agrária mexicana que o governo de Lázaro Cárdenas estabelecia.

Durante a vida do irmão, Castellanos já havia experimentado o abandono, dada a predileção dos pais pelo filho homem, contudo, após a morte de Benjamin, Castellanos viu-se completamente desprezada, em uma infância marcada pela falta de afeto, pela rejeição e pela culpa.

Os pais não achavam justo ter perdido o filho enquanto a filha continuava viva, sequer escondiam esse pensamento. A culpa tornou-se, desde cedo, a companheira de Castellanos:

Siempre me sentí un poco culpable de existir. Durante todos esos años hubiera querido pedir perdón a todos por estar viviendo y me sentía yo culpable, en cierto modo, de que las cosas hubieran sucedido de ese modo y no del otro que ellos deseaban. Constantemente me echaban en cara que si yo no hubiera vivido ellos hubieran podido tranquilamente suicidarse, pero que yo los ataba a una vida que no deseaban y que soportaban sólo por su sentido del deber (CASTELLANOS, 1994, p. 35).

A partir de tais experiências sofreu de fortes crises de depressão, foi quando, por conselho de seu psiquiatra começou a escrever. Justamente na escrita que ela encontrou um meio para fortalecer-se enquanto indivíduo, utilizando a literatura como espaço para a denúncia e para a revolta, e como instrumento capaz de auxiliar as mulheres no reconhecimento e constituição de suas próprias identidades. A escritora mexicana Elena Poniatowska afirmou tal uso da literatura em Castellanos:

Lo que pasa es que Rosario usó la literatura como todavía la usamos la mayoría de las mujeres, como forma de terapia. Recurrimos a la escritura para liberarnos, vaciarnos, confesarnos, explicarnos el mundo, comprender lo que nos sucede (PONIATOWSKA apud ALY-HAROUN, 2010, p. 72).

Surge, então, para Castellanos a possibilidade de encontrar-se na literatura, de buscar a importância de um ser sem identidade. A autora afirma que começou a escrever ainda adolescente: “me incline ante un espejo y no había nadie” (CASTELLANOS apud MILLER, 1987, p. 8).

O espelho é um símbolo que na história da América Latina possui significados importantes em termos de construção de um povo, de sua identidade e de sua história. Carlos Fuentes em “O Espelho Enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo” (2001), conta a história da dominação espanhola no território americano e a história do México. O escritor toma o espelho como o grande símbolo que sintetiza a história do continente. Desde os espelhos de Cervantes e Velásquez aos espelhos enterrados nas tumbas indígenas mexicanas.

Para ele, é o jogo entre espelhos que marca a identidade latino-americana, dividida entre uma história de dominação e de apagamento das raízes indígenas. Nasce, assim, um indivíduo confuso e híbrido, como também afirma Néstor García Canclini em “Culturas Híbridas” (2013).

Rosario Castellanos tem ciência destes fatos e reflete acerca da especificidade e do impacto, maior ainda, que tem tais circunstâncias sobre as mulheres latino-americanas.

Ela entende que à medida que a literatura é capaz de auxiliar a mulher na busca de sua própria identidade, as escritoras latino-americanas têm um compromisso com o que escrevem e a necessidade de inovar na linguagem, uma vez que os dialetos pré-colombianos foram enterrados pelo idioma castelhano, vindo da Espanha com os colonizadores.

Demonstra-se ao longo dos capítulos deste trabalho, como Castellanos refaz a história do México em Balún-Canán, principalmente, a partir da língua. Como se sabe, a língua é um fator identitário, difunde a identidade coletiva e emerge de um contexto histórico.

Castellanos reagiu à realidade histórica de sua sociedade com e na literatura. É com sua escrita, que possui elementos do maravilhoso, que ela age na sociedade, impulsionada pela insatisfação diante das violências do Estado e da realidade social do continente latino-americano com sua herança colonial.

Essa estratégia de Castellanos remete ao real maravilhoso, no qual os autores latino-americanos, oscilando entre o real e o irreal, entrecruzam temporalidades a fim de pensar a história da América Latina. Partem de novos olhares para contestar os discursos oficiais e trazer à tona não só a violência permanente do passado colonial e as lutas sociais como também para refletir acerca da identidade do povo latino-americano, que não se resume em ser uma ex-colônia e que tem, em suas especificidades locais, múltiplas vozes, saberes, tradições e ancestralidades.

“[...] os escritores latino-americanos viam o insólito surgir da própria realidade, permeando a nossa história, inscrevendo-se no cotidiano” (FIGUEIREDO, 2013, p. 25).

Ao adentrar o campo do real maravilhoso, Castellanos fornece indícios de sua própria consciência diante da realidade mexicana e auxilia na investigação dos processos históricos que ocorriam no México durante o período em que escrevia, a década de 1950, Pós-Revolução Mexicana.

Para ela, o soterramento das línguas dos povos originários se deu em um movimento duplo de opressão, tanto no sentido do apagamento histórico, quanto no sentido de dominação e estabelecimento da distinção, através de símbolos linguísticos que marcam o lugar dos povos originários e do branco nessa sociedade (CASTELLANOS apud MILLER, 1987).

Na concepção da escritora a literatura tinha o poder de dar ordem ao caos e de recuperar as coisas perdidas do naufrágio do tempo e do esquecimento, o que dialoga com a ideia de Walter Benjamin (2018) sobre as ruínas da memória.

Castellanos graduou-se em filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e em seu mestrado, produziu a dissertação intitulada “Sobre Cultura Femenina” (1950), sustentando, ironicamente (a ironia e o sarcasmo são traços

marcantes em sua obra), que a mulher é inferior ao homem e que ela mesma é inferior, pedindo perdão por atravessar e pisar um terreno que não é seu, pois o lugar que para ela está fechado, a cultura, tem como habitantes apenas os indivíduos do sexo masculino.

Ela conclui que não há uma cultura feminina, propriamente dita, não porque a mulher não queira participar dos processos culturais, e sim porque está encerrada na maternidade, o que, para a sociedade, basta para dar-lhes razão de ser no mundo.

O conteúdo da dissertação de Castellanos interessa a este trabalho por auxiliar na compreensão do pensamento de sua autora.

Para Castellanos, a mulher que vai em busca da cultura, a fim de participar da produção artística, o faz em ato de rebeldia, dada a frustração e indignação causada pelo sofrimento da opressão masculina que as colocam como seres inferiores.

A dissertação de Rosario Castellanos foi o ponto intelectual inicial do movimento de mulheres escritoras no México (PONIATOWSKA apud MILLER, 1987).

Castellanos, dotada de uma visão ao mesmo tempo crítica e sensível, entende seus problemas pessoais no âmbito social, compreendendo que para além de sua própria experiência, a opressão e o sofrimento que vivencia estão condicionados às mulheres em geral, e que o sexo dos indivíduos é um determinante significativo tanto na política quanto na cultura.

Após formar-se, Rosario Castellanos começa sua produção literária, lançando *Balún-Canán* em 1957. Experimentou diferentes formas e estilos narrativos, como a poesia, ensaios, novelas e crônicas, explorando, sempre, a relação entre opressor e oprimido, e os padrões culturais de dominação e submissão entre diferentes indivíduos, de diferentes grupos sociais: homens e mulheres, povos originários e brancos, europeus e mexicanos, estadunidenses e latino-americanos, pais e filhos, ricos e pobres.

Seu primeiro livro, *Balún-Canán* (1957), obteve sucesso imediato, com o reconhecimento nacional através de prêmios, como o importante Prêmio Chiapas de 1958. Em 1960, lança seu primeiro livro de contos “*Ciudad Real*”, ganhador do prêmio Xavier Villaurrutia de 1961; e em 1962, “*Oficio de Tinieblas*”.

Os três títulos compõem a trilogia indigenista mais importante da narrativa mexicana do século XX, de acordo com Aurora Ocampo (1985).

O indigenismo de Castellanos se difere pela visão não paternalista que faz de Chiapas e dos povos originários que habitam a região. Embora vinda de uma família de classe alta, ela experimentou de maneira muito próxima, através de sua Nana Rufina e da infância passada em Chiapas, o universo místico dos Tzeltales e dos Tojolabales. Pôde, a partir dessa vivência, rejeitar boa parte das visões preconcebidas e ter consciência acerca dos preconceitos de raça e de classe existentes no México de seu período.

Assim, levou para a sua escrita não só personagens distintos, pertencentes a diferentes grupos sociais, como também marca a individualidade e a especificidade de cada um. Utilizando suas obras para denunciar a exploração vivida pelos povos originários.

Ao retratar a dor dos povos indígenas, como os Chamula, os Tzeltales e os Tojolabales, Castellanos retratou a sua própria dor. Ela via algumas semelhanças diretas entre a opressão vivida pelos povos originários e a opressão vivida por mulheres no México. Entendia que ambos eram vistos como iguais perante a lei, porém essa tal igualdade não passava do papel, uma igualdade “legal pero no real” (CASTELLANOS apud URRUTIA, 2005).

Em 1964, escreve seu segundo livro de contos, sob o título “Los Convidados de Agosto”, no qual narra a decadência da classe média provinciana; e em 1971, o terceiro e último livro do gênero, intitulado “Album de Familia”, que retrata a vida cotidiana na Cidade do México.

Durante todo esse período, não deixou de escrever poesias, que foram reunidas sob o título de “Poesía no Eres Tú”, lançado também no ano de 1972. Concomitantemente, escreveu diversos artigos para jornais – de acordo com Elena Urrutia (2005), somam-se mais de 500 – e publicou ensaios: “La Novela Mexicana y su Valor Testimonial” (1966), “Juicios Sumarios” (1966) e “Mujer que Sabe Latín...” (1973).

Sua obra é extensa e revisada até os dias atuais, o que ocasionou publicações póstumas como “El Uso de la Palabra” (1975), “El Mar y sus Pescaditos” (1975) e “Rito de Iniciación” (1997), sendo este último encontrado em meio aos papéis deixados por Castellanos, que estavam sendo revistos por seus editores a fim de ser lançado suas “Obras Completas”.

Durante a vida, Rosario Castellanos, além de escrever, deu aulas de Estética e Estilística na Universidade de Madrid, no período de 1950-1951; também lecionou na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).

Ao regressar da Espanha, em 1952, trabalhou como promotora de cultura no Instituto de Ciencias y Artes de Chiapas, em Tuxtla Gutiérrez. Entre 1956-1957, esteve no Centro Coordinador do Instituto Indigenista de San Cristobal de las Casas.

De 1961 a 1971, esteve à frente das cátedras de literatura comparada, de novela contemporânea e seminário de crítica na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM, com exceção dos anos de 1966 e 1967, quando, a convite da Universidade de Wisconsin e Bloomington, foi aos Estados Unidos dar aulas como professora convidada.

Em 1971, Rosario Castellanos foi nomeada embaixadora do México em Israel, no período, lecionou também na Universidade Hebraica de Jerusalém, falecendo poucos anos depois, em 1974, depois de receber uma descarga elétrica em um acidente doméstico.

Tanto em sua carreira e escrita quanto em sua vida, Castellanos buscou por um outro modo de ser, rebelando-se contra as imposições sociais e transformando seu ofício em esperança.

No, no es la solución tirarse bajo un tren como la Ana de Tolstoy ni apurar el arsénico de Madame Bovary ni aguardar en los páramos de Ávila la visita del ángel con venablo antes de liarse el manto a la cabeza y comenzar a actuar. Ni concluir las leyes geométricas, contando las vigas de la celda de castigo como lo hizo Sor Juana. No es la solución escribir, mientras llegan las visitas, en la sala de estar de la familia Austen ni encerrarse en el ático de alguna residencia de la Nueva Inglaterra y soñar, con la Biblia de los Dickinson, debajo de una Almohada de soltera. Debe haber otro modo... Otro modo de ser humano y libre. Otro modo de ser (CASTELLANOS apud COLECCIÓN ANTOLOGICA, 2015, p. 42).

## **1.2 O real maravilhoso que emerge do solo revolvido da América Latina**

Atravessada pelo seu tempo e constituída de aspectos grupais, a arte possibilita pensar a sociedade da qual é fruto e, evidentemente, que cada sociedade, em seu tempo, possui especificidades.

A literatura na América Latina guarda em si características que divergem do que é produzido no campo ficcional em outras partes do mundo e isso se deve, fundamentalmente, às condições concretas e históricas da região.

O tempo, embora propagado pela historiografia positivista como uma linha reta que progride ininterruptamente, é sentido e experienciado pela humanidade de múltiplas formas. Se, por um lado, os europeus que chegaram ao século XVI, ao continente latino-americano, assim o entendiam, por outro lado, os povos originários da região o elaboravam de maneira distinta. O calendário circular dos Mayas talvez seja um dos exemplos mais conhecidos do tempo cíclico.

A observação dos movimentos da natureza, com seus períodos de destruição e renovação, de seca e de chuva, de dia e noite, enfim, de dualidades infinitas, impactou a cosmovisão Maya a ponto de estes compreenderem o tempo como uma repetição repleta de refundações.

[...] múltiples fenómenos que considera como manifestaciones de lo sagrado: la presencia cotidiana del Sol y la oscuridad, los ciclos de lluvias, los truenos, la periodicidad de la Luna o el curso inalterable de las estrellas son algunos factores que los impactaron (PACHECO, 2018, p. 201).

A atenção dada aos ciclos dos astros, assim como da agricultura, possibilitou que os povos autóctones da região do atual México estruturassem a ideia de um tempo em espiral, em que a própria mortalidade não impera, uma vez que tudo se transforma. Assim, a crença na indestrutibilidade da força vital soma-se à concepção de tempo.

Invierno, a la que sigue en primavera el rejuvenecimiento de la naturaleza. Su observación le enseña que todo lo que es se halla sometido a un constante proceso de transformación. La transformación es lo eterno. Su observación le enseña que todo lo que es se halla sometido a un constante proceso de transformación. La transformación es lo eterno (WESTHEIM, 2014, n.p.).

A partir de tais observações, a elaboração do tempo levou em conta o movimento circular que estruturou fundamentalmente o calendário desse povo que expressa, de acordo com Ernesto Vargas Pacheco (2018, p. 197): “[él] deseo de establecer una concordancia entre el orden humano y el cosmos, y de crear un orden ideal según los cánones de la cosmovisión”.

A importância de uma concordância entre a ordem humana e a ordem cosmológica torna-se compreensível e até mesmo fundamental ao atentar-se para o fato de que os povos pré-colombianos entendiam a si mesmos como parte do mundo e da natureza, em uma simbiose entre cosmos, Terra e ser vivo (WESTHEIM, 2014).

Por tratar-se de um tempo circular, a vida apresenta, nessa concepção, momentos de destruição, em que o caos é essencial para a refundação do mundo. O tempo cíclico do calendário Maya representa a ordem cósmica, que necessita passar periodicamente por renovações (FARRISS, 1985).

A ideia da conexão entre homens e natureza já estava registrada no próprio Popol Vuh (2019), o livro que contém as narrativas sagradas dos Qichés<sup>6</sup>, onde a humanidade surgiu da vontade dos deuses criadores e foram feitos de milho.

O mito da criação da humanidade na Mesoamérica, embora apresente diferenças na narrativa a depender do local e do povo que a conta, traz igualmente o milho como o material constituinte dos seres humanos, e convergem ao relatar que foram realizadas mais de uma tentativa por parte dos deuses criadores na formação dos homens e mulheres.

As tentativas fracassadas exigiram por parte dos deuses a destruição para logo dar lugar a nova criação, repetindo-se o movimento até que estivesse criada, de maneira satisfatória, a humanidade.

Depreende-se, portanto, o papel fundamental da concepção de tempo cíclico e da dualidade destruição-criação na cosmovisão de tais povos. A permanência através dos séculos de tal visão entre os povos de origem Maya pode ser verificada ainda no seguinte trecho do texto elaborado por lideranças indígenas da Guatemala<sup>7</sup> para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD):

Los Mayas hemos reconocido que somos parte de un Universo emergente, en permanente acción y expansión; Universo en permanente autoalimentación, autorregulación y autoorganización. Por eso hemos aprendido a hacernos danzantes de la comunidad cósmica (PNUD, 2006, p. 22).

A separação entre homem e natureza não pode ser realizada na concepção desses povos, a risco de perder-se o próprio sentido de mundo. No entanto, a ideia de tempo circular chocou-se frontalmente com a noção de tempo linear trazida pelos conquistadores europeus.

---

<sup>6</sup> Os Quichés pertencem à grande família Maya. No Popol Vuh é registrado que tais relatos advêm dos Maya-Quiché. Tal povo habita hoje a região do Norte da Guatemala, na fronteira com o Estado mexicano de Chiapas. Antes da delimitação das fronteiras nacionais, os povos da mesma família Maya, como Tzeltales, Tojolabales e Quichés habitavam (e habitam ainda hoje) a extensão territorial que corresponde aos países mencionados.

<sup>7</sup> Como mencionado, a extensão dos povos de origem Maya ultrapassa os limites e as fronteiras dos estados-nação.

Toma-se aqui a discussão acerca dessas duas formas distintas de interpretação do tempo para debater as especificidades da literatura latino-americana, que no último século, foi denominada a partir de termos como “mágico”, “fantástico” e “maravilhoso”. Havendo discordâncias entre teóricos da literatura e até mesmo certa confusão na utilização de determinados termos, considera-se necessário aprofundar, aqui, tal questão, pois este é um dos temas que se revela no romance em análise.

O tempo mostra-se uma baliza fundamental na discussão, uma vez que a literatura, tomada como obra de arte, traz em si elementos essenciais que configuram o tempo de que trata, o tempo de sua criação e o tempo regulador da sociedade à qual pertence.

O tempo percebido como marcha regulada pelo progresso é uma invenção da civilização ocidental, ajustando-se com dificuldade à realidade latino-americana, na qual são vivenciados de forma mais aguda os efeitos negativos de um progresso desigual (FIGUEIREDO, 2013).

Nas teorias que têm como base o denominado “realismo mágico”, um dos aspectos reveladores da essencialidade das culturas latino-americanas é sua compreensão e vivência do tempo.

O termo realismo mágico foi mencionado pela primeira vez por Franz Roh (1925-1961), crítico de arte alemão. Ele o utilizou para referir-se a quadros com elementos oníricos, carregados de imagens inconcebíveis. Observa-se que, empiricamente, as palavras “mágico”, “fantástico” e “maravilhoso”, por vezes, são utilizadas como sinônimos.

O que define uma narrativa fantástica, de acordo com Todorov (2003), é dar ao leitor a possibilidade de crer que há explicações razoáveis, dentro dos limites do mundo racional, para os fenômenos narrados, o que os torna maravilhosos. Ou então, assumir que tais acontecimentos pertencem a outra ordem, escapando da realidade e das leis da natureza.

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 2003, p. 15).

Com a possibilidade de o leitor vacilar entre explicações para os ocorridos, há no fantástico a possibilidade de as próprias personagens hesitarem diante dos acontecimentos e suas causas, o que, segundo Figueiredo (2013), se aplicado à América Latina, torna os termos “fantástico” e “mágico” insuficientes para dar conta da latino-americanidade em suas determinações históricas. O “fantástico” pode estar presente em narrativas de qualquer parte do mundo, porém, segundo ela, o real maravilhoso circunscreve-se à latino-americanidade: “[...] as denominações “realismo fantástico” e “realismo mágico” não se vinculam necessariamente ao contexto latino-americano” (FIGUEIREDO, 2013, p. 23).

O entendimento da narrativa fantástica como detentora da capacidade de propor o irreal como verossimilhança, por isso a tendência realista das obras fantásticas é apresentada no prólogo de “Antologia da Literatura Fantástica” (2019), de Jorge Luís Borges, Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares para os quais: “[...] dentro de um enredo plenamente verossímil, o inverossímil acontece, causando um efeito inicial de surpresa que se impõe, se estende e se instaura” (apud IEGELSKI, 2021, p. 5).

Na elaboração do que tende para o maravilhoso puro, Todorov (2003) explica que nessas narrativas, não só não há o tempo da incerteza, seja entre o leitor ou a personagem, como também se assume, sem maiores questionamentos, a natureza sobrenatural do que é narrado. Os contos de fadas seriam um exemplo de tal forma de narrativa.

“No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito” (TODOROV, 2003, p. 30).

Tomando-se as principais obras de autores latino-americanos que são tidos como escritores do “realismo mágico” ou do “realismo fantástico”, como: Gabriel García Márquez, em “Cien Años de Soledad” (1967); Alejo Carpentier, em “El Reino de Este Mundo” (1949) e em “El Siglo de Las Luces” (1962); Juan Rulfo, em “Pedro Páramo” (1955); e Isabel Allende com seu livro “A Casa dos Espíritos” (1982); e o próprio Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos<sup>8</sup>, evidencia-se que não é possível classificá-las como narrativas de conto de fadas, tão pouco causam no leitor o tempo da incerteza. O sobrenatural está presente e é dado como parte da

---

<sup>8</sup> As datas mencionadas em cada obra referem-se às suas primeiras edições.

estrutura das obras, mas o enredo não remete ao real, a não ser para os intérpretes que os tomam como expressão da subjetividade humana, de manifestações da psique.

O que foi posto até o momento fornece ferramentas para eliminar a designação “fantástico” às obras latino-americanas mencionadas, poderia ser, então, que tais enredos fossem considerados como relatos mágicos?

Entre as décadas de 1940-1950, observou-se uma renovação no realismo literário latino-americano. Os romances traziam nova complexidade, desgarrando-se do folclorismo pitoresco que predominava nas obras das décadas de 1920-1930, quando eram utilizados simbolismos estereotipados para tratar das opressões sociais (CHIAMPI, 2020).

Rosario Castellanos, durante sua vida, tentou deixar claro que não pertencia ao movimento literário indigenista justamente por se opor a essa forma de narrar.

### **1.3 O realismo mágico – uma longa discussão**

Em um ensaio em 1955, o crítico literário Ángel Flores sustenta que o contexto impôs a busca da América Latina por sua própria expressão – uma expressão moderna –, surgindo aí um tipo de literatura que se configura como a primeira expressão do realismo mágico latino-americano. Elencou as características dessa narrativa mágica, dentre as quais estariam: relato do cotidiano com acontecimentos irrealis; ausência de descrições longas e a falta de uma cronologia como ordenadora lógica das narrativas (FLORES, 1995).

O permear do campo do sobrenatural, do irreal, traz à tona a questão do surrealismo, mas, a fim de que não fiquem dúvidas acerca da especificidade do gênero maravilhoso na América Latina, vale retomar as observações do cubano Alejo Carpentier (1904-1980) segundo o qual, enquanto para os europeus era necessário fabricar o insólito de maneira premeditada, para os escritores latino-americanos o insólito surgia do próprio solo da realidade, incrustada no cotidiano (apud FIGUEIREDO, 2013).

Igual concepção possuía Gabriel García Márquez (1979, p. 2) que afirmou: “En América Latina y el Caribe los artistas han tenido que inventar muy poco, y tal vez su problema ha sido el contrario: hacer creíble su realidad”.

Desde esse “manifesto” de Carpentier, cuja proposta não se resume à proposição de um tipo de literatura em contraposição ao surrealismo europeu, mas sim ao resgate, pela literatura, da vivência da magia como expressão do real. O realismo mágico, conforme compreende Francine Iegelski no artigo “História Conceitual do Realismo Mágico” (2021, p. 5), é mais uma proposta disruptiva: “[...] uma maneira de se instaurar uma percepção diferente sobre a realidade americana, destacando-a das outras realidades. Esse gênero literário tem, também, uma forte conotação política - e histórica – entranhada [...]”.

Nas breves passagens citadas acima, observa-se a proposição de Carpentier em sua totalidade: não apenas a capacidade da arte captar a magicidade integrante do cotidiano da vida, mas também a gestação de um novo gênero literário.

O termo “realismo mágico” emerge no cenário público em 1925, através do ensaio intitulado “Nach Expressionismus (Magischer Realismus)” do crítico de arte e historiador alemão Franz Roh, para abordar o pós-expressionismo. Também foi utilizado anos mais tarde por Massimo Bontempelli, em “L’avventura novecentista” (1938), para indicar o que poderia vir a ser o pós-futurismo (IEGELSKI, 2021).

O fato deste termo ter sido utilizado anteriormente ao lançamento de “O reino deste mundo” (1943), faz com que alguns autores minimizem a primazia de Carpentier no uso do termo, embora reconheçam sua originalidade.

A interpretação de Flores sobre esse gênero na América Latina mostra-se insuficiente e até mesmo generalista e imprecisa (IEGELSKI, 2021); ou apenas o uso de um termo novo no afã de nomear a nova postura dos escritores latino-americanos, conforme apontam o pós-expressionismo alemão e o pós-futurismo italiano (CHIAMPI, 2020).

A considerar as obras incursas neste gênero, a palavra “mágico” mostra-se insuficiente, pois as novas formas narrativas, verificadas em livros como “Cem Anos de Solidão” (MÁRQUEZ, 2018) e “Pedro Páramo” (RULFO, 1955), trazem elementos insólitos advindos, muitas das vezes, da brutal realidade latino-americana. O sobrenatural manifesta-se em meio a cenários de violência social e, sobretudo, violências institucionais.

A ruptura dos escritores latino-americanos com o modelo tradicional do discurso realista que se baseava na narrativa linear e causalista articula-se com a distinta concepção de tempo dos povos originários do continente. Os escritores, ao incorporarem em sua literatura tais concepções, separavam-se do tempo ocidental

em um exercício que contribuía para uma maior compreensão da realidade latino-americana. A antiga forma de narrar era incapaz de absorver a complexidade do continente (CHIAMPI, 2020).

Os próprios escritores latino-americanos, frequentemente associados ao realismo mágico, a partir dos anos 1960, julgaram necessário se desprender do fantástico europeu para compreender e dar conta da realidade do continente latino-americano (IEGELSKI, 2021).

Tratava-se mais de adotar novas formas narrativas frente à realidade latino-americana, buscar alternativas para o realismo praticado até o momento pelos escritores. Como “uma nova atitude do narrador diante do real” (CHIAMPI, 2020, p. 21).

Em defesa desta tese, a também romancista Rosario Castellanos costumava ressaltar a necessidade de novas formas de narrar, postulando que era preciso que o narrador latino-americano criasse uma linguagem nova, capaz de traduzir o *ethos* cultural expresso nas vivências dos povos do continente (MILLER, 1987).

“Ahora, en la década de los sesenta, es preciso inventar otros temas, otras maneras narrativas, otras actitudes ante el mundo y ante el quehacer literario. Es preciso inventar, otra vez, al hombre” (CASTELLANOS, 2017, n.p.). Tal perspectiva, ponderava a autora, reforçava a capacidade do escritor de realizar uma observação atenta da sociedade que o cercava, sendo daí que o insólito emergia.

“O maravilhoso e o terrível não se refugiam no extraordinário, mas permanecem ocultos no imediato, aguardando um olhar atento que os descubra, uma palavra exata que os revele” (CASTELLANOS apud MILLER, 1987, p. 13).

De tal trecho depreende-se que Castellanos possuía uma visão acerca da narrativa da realidade que convergia com a de Carpentier, embora esta dê um destaque e finalidade para a literatura que vai além da captação do “real maravilhoso” (o que se retoma abaixo). Mas, continuando a questão da convergência, pois, para ambos, em se tratando de América Latina, o extraordinário não precisava ser imaginado, bastava olhar atentamente para o cotidiano no continente.

“[...] o problema da construção poética do novo realismo hispano-americano não pode ser pensado fora da linguagem narrativa, vista em suas relações com o narrador, o narratário e o contexto cultural” (CHIAMPI, 2020, p. 29).

Conforme mencionado, o termo “real maravilhoso” foi pela primeira vez utilizado por Alejo Carpentier em 1949, no prólogo de seu livro “O Reino Deste Mundo”. Nele, Carpentier propunha que os narradores latino-americanos voltassem a atenção para o próprio continente pois, aqui, o insólito em muito superava a fantasia e a imaginação europeia (CARPENTIER, 2010).

Ante a necessidade de se ressaltar as distinções entre a literatura do mágico na América Latina e as vanguardas europeias do início do século XX, Chiampi (2020) sustenta a necessidade de um termo distinto para as narrativas extraordinárias da América Latina e sugere a expressão utilizada por Carpentier (2010): “real maravilhoso”.

Observa-se, assim, que dois são os níveis de definição do real maravilhoso, o primeiro se dá pelo modo de percepção da realidade pelo escritor e o segundo pela relação entre os constituintes maravilhosos da obra e a realidade latino-americana (CHIAMPI, 2020).

Nota-se entre os escritores do “real maravilhoso” a noção do papel do escritor na sociedade, a preocupação em narrar aquilo que há de mais pujante no continente latino, a busca pelo resgate, pela literatura, do *ethos* latino-americano, sua própria forma de ver e vivenciar o mundo. Rosario Castellanos partilhava dessa preocupação e mostrou em seus escritos, sobretudo os que compuseram mais tarde o livro “El Mar y sus Pescaditos” (2017), a importância que dava para o papel social do escritor.

Ou seja, a arte é entendida também como elemento capaz de conduzir à autoconsciência reflexiva deste tempo (LUKÁCS, 2010) e, da mesma forma, Castellanos compreendia que a realidade é um espaço de disputa, onde quem vem ganhando nos últimos tempos é o burguês, por ter os recursos necessários para dominar o debate (CASTELLANOS, 2017). Em contrapartida, a escritora compreendia que o mundo é perceptível de modo fragmentário e que há na literatura a possibilidade de outras narrativas, distintas daquelas propagadas pela elite mexicana.

Castellanos entendia sua profissão de escritora como uma prática carregada de função social: “en arte la necesidad es el único principio en el que puede fundarse la validez de una obra” (CASTELLANOS, 2017, n.p.).

Em “El Mar y sus Pescaditos” (2017), Castellanos avalia a obra Pedro Páramo, de 1955, de Juan Rulfo e conclui:

¿Quiénes son los que han de devolver al lenguaje su verdadera y originaria función de nombrar con exactitud, de calificar con nitidez y de mostrar con claridad? Obviamente, los poetas. Y así es como se explica el mérito (y también la brevedad) de un libro como Pedro Páramo, ese esfuerzo que trasciende los límites de la conciencia individual para lograr las dimensiones del inconsciente colectivo que se empeña en recordar y en formular verbalmente lo recordado (CASTELLANOS, 2017, n.p.).

Tal consciência acerca de seu dever enquanto escritora foi construída ainda cedo, ao longo de sua juventude, quando já observava atentamente a posição social da mulher na sociedade. A escritora concluiu que estava na escrita a possibilidade de construção da própria identidade, elemento faltante nas mulheres latino-americanas, segundo ela.

“Quando uma mulher latino-americana toma entre suas mãos a literatura, ela o faz com um gesto e uma intenção semelhantes àqueles que faz ao tomar um espelho para contemplar a própria imagem” (CASTELLANOS apud MILLER, 1987, p. 13).

Em outro trecho de sua obra, é possível verificar a visão que Castellanos tinha acerca do potencial da escrita na consolidação do eu feminino: “Escribo porque yo, un día, adolescente me incline ante un espejo y no había nadie” (CASTELLANOS apud MILLER, 1987, p. 8).

Castellanos toma a literatura como meio para realizar denúncias daquilo que mais a atravessava em seu dia a dia: a violência sofrida pelos povos originários com o qual teve contato direto em Chiapas, local em que presenciou o desrespeito vivido pelo povo Tzeltal por parte da elite agrícola e a opressão vivida pelas mulheres, relegadas ao papel caduco de esposas dedicadas e obedientes.

A busca de Castellanos pela própria identidade desdobra-se em uma reflexão acerca da própria origem da sociedade mexicana, ela busca alcançar o ancestral. Para Miller (1987), Castellanos almeja sussurrar a origem. Em Balún-Canán, esse intento da escritora ganha corpo e faz-se presente já na primeira página do romance, onde evoca a palavra sagrada dos antigos Quichés, registrada no livro do conselho, o Popol Vuh (2019).

O tipo de abordagem para a literatura latino-americana que traz elementos do insólito, denominando “fantástica”, “mágica” ou “maravilhosa” marca o posicionamento da autora acerca do estilo, e o que se demarca aqui, é que apenas o termo “maravilhoso” pode dar conta e ser suficiente de abarcar a realidade social do

continente latino-americano, assumindo-se, pois, que o gênero emerge das próprias condições históricas e materiais da região. Não podendo, assim, verificar-se em nenhuma outra parte do mundo.

E qual é este insólito violento, fator preponderante, segundo os autores, para a vigência deste real maravilhoso? A particularidade das determinações históricas do continente está no passado colonial de violência e expropriação, no cotidiano de resistência e reinvenção ininterrupta e na busca por outras narrativas possíveis, resgatando vestígios do passado soterrado pelo discurso colonial.

Isto posto, abordam-se a seguir, a conjuntura sociopolítica do México nos anos 1950, que é o período e local de onde surgiu *Balún-Canán* (1957), fruto do ser social e não de uma clarividência inédita de sua autora.

A pergunta a ser feita aqui é sobre as determinações históricas da América Latina da década de 1950, e de que maneira isso perpassou Rosario Castellanos na sua produção do romance *Balún-Canán*.

No romance de Rosario Castellanos, as opressões vividas pelas mulheres estão diretamente associadas às opressões dos povos originários. Um mesmo agente opressor controla e dá a dinâmica da rotina e do tempo para as personagens femininas e para os personagens que representam os trabalhadores indígenas das fazendas da região Sul do México. Na sociedade em que Castellanos estava inserida, a figura do homem, ou melhor, do senhor de terras, na maioria das vezes descendente de espanhóis, era predominante entre os círculos de poder.

Já no romance, essa figura é a do pai – no caso, o personagem César – que concentra em si mais do que apenas o papel de progenitor da protagonista, ele é o próprio centro daquela constelação familiar. Tal perspectiva é colocada desde a sua tenra idade, rememorada em certa passagem na qual Niña conta que, estando de pé, conseguia mirar apenas até os joelhos de seu pai: “Y cuando me yergo puedo mirar de frente las rodillas de mi padre. Más arriba no. Me imagino que sigue creciendo como un gran árbol y que en su rama más alta está agazapado un tigre diminuto” (CASTELLANOS, 1978, p. 9).

#### 1.4 “Los brujos se lo están empezando a comer” – alma x corazón: entidades anímicas entre os Mayas de Chiapas

No início do capítulo que aborda o enredo de Balún-Canán, está descrito brevemente o episódio que marca uma ruptura na vida da personagem principal, La Niña: a morte de seu irmão mais novo Mario. Contudo, tal passagem merece especial atenção e uma análise aprofundada.

Conforme apontado no romance, a morte de Mario simboliza, para a personagem La Niña, a rejeição à qual ela será relegada pela família, tal como aconteceu com Castellanos ao perder o irmão Benjamin, na infância. Mas esta passagem traz a estampa de elementos que nos permitem ampliar a investigação histórica para além da evidência do drama individual vivenciado pela autora e perpetuado no romance. Esse episódio traz consigo elementos da vida social de Chiapas. Considerando a realidade estampada no romance, de pronto saltam aos olhos várias categorias de análise a serem objetivadas pelo historiador.

A primeira delas diz respeito à leitura da doença, pois, se para a medicina oficial tratava-se de uma disfunção de um órgão, a apêndice, para a cultura local, até poderia ser isso, mas as raízes dessa disfunção estariam nos conflitos inerentes às relações sociais que vivenciavam.

Começando-se pela leitura do adoecimento, para além do diagnóstico dado pela medicina ocidental que se impunha àquela civilização como expressão do poder de Estado, a medicina oficial, ou seja, aquela calcada na ciência. Quem primeiro fala da gravidade do adoecimento de Mario é a personagem Nana, pois, sendo uma mulher indígena, tinha conhecimento do que a coletividade dizia: que “los brujos” estavam comendo a vida de Mario:

— No se va a lograr, señora. [Mario] No alcanzará los años de su perfección.

— ¿Por qué lo decís vos, lengua maldita? — ¿Cómo lo voy a decir yo, hablando contra mis entrañas? Lo dijeron otros que tienen sabiduría y poder. Los ancianos de la tribu de Chactajal se reunieron en deliberación. Pues cada uno había escuchado, en el secreto de su sueño, una voz que decía: "que no prosperen, que no se perpetúen. Que el puente que tendieron para pasar a los días futuros, se rompa". Eso les aconsejaba una voz como de animal. Y así condenaron a Mario. Mi madre se sobresaltó al recordar: — *Los brujos*. — *Los brujos se lo están empezando a comer* (CASTELLANOS, 1978, p. 230, grifo nosso).

Ou seja, era necessário impedir a continuidade do terrorismo instaurado naquelas comunidades pelo patriarca latifundiário que, com a chegada dos colonizadores espanhóis, dominou aquelas terras, submetendo a todos os que ali habitavam ancestralmente. César fazia de Chiapas o local onde exercia seu poder herdado da família:

César no era de los hombres que se desarraigan. Desde donde hubiera ido, siempre encontraría el camino de regreso. Y donde estuviera siempre sería el mismo. El conocimiento de la grandeza del mundo no disminuía el sentido de su propia importancia. Pero, naturalmente, prefería vivir donde los demás compartían su opinión; donde llamarse Argüello no era una forma de ser anónimo; donde su fortuna era igual o mayor que la de los otros (CASTELLANOS, 1978, p. 77).

A tirania era a marca da família Argüello, como se pode verificar em falas do próprio César, que é incapaz de ver seus trabalhadores como indivíduos iguais a ele:

— [...] Mi padre me decía que antes, cuando los indios oían las campanadas, salían corriendo de los jacales para venir a juntarse aquí, bajo la ceiba. El mayordomo los esperaba con su ración de quinina y un fute en la mano. Y antes de despacharlos a la labor les descargaba sus buenos fuetazos. No como castigo, sino para acabar de despabilarlos. Y los indios se peleaban entre ellos queriendo ganar los primeros lugares. Porque cuando llegaban los últimos ya el mayordomo estaba cansado y no pegaba con la misma fuerza (CASTELLANOS, 1978, p. 77-78).

Assim é que, no romance, os sábios da tribo, reunidos no conselho dos anciões de Chactajal deliberaram e decidiram que, em resposta aos desmandos de César, a vida do único filho homem deveria ser interrompida. Esse seria o castigo pela violência perpetrada pela família desde a chegada do primeiro Argüello às terras que hoje correspondem ao México.

— Los brujos no quieren dinero. Ellos quieren al hijo varón, a Mario. *Se lo comerán, se lo están empezando a comer.* [...] [...] ESTA muerte es castigo del cielo. ¿Por qué iba a morir un niño así, cuando apenas estaba despuntando su flor? ¡Y era tan rozagante y tan Galán! Es Rosalía la que ha hablado de este modo. Y luego se enjuga el llanto con la punta de su chal. Tío David asiente.  
— *Dicen que los brujos de la finca se lo comieron.* Por venganza, porque los patrones los habían maltratado. (CASTELLANOS, 1978, p. 231/282, grifo nosso)

Ou seja, a apendicite – ou qualquer que fosse o diagnóstico dado pela medicina oficial – era vista e interpretada como uma resposta dos *brujos* para os

apelos subjetivos dos anciãos, pois eles não o pediram, mas como não perceber que isso poderia ser uma solução para os problemas pela comunidade?

Se para compreender melhor as especificidades da literatura latino-americana de meados do século XX, que versa sobre o insólito, torna-se necessário conhecer e entender o conceito de tempo dos povos originários do continente, no caso aqui estudado, dos povos de origem Maya, é igualmente importante compreender, dentro da cosmovisão de tais grupos, as ideias sobre a dinâmica do corpo humano e as possibilidades de intervenções das entidades anímicas. Assim, o leitor se depara com outra concepção de vida, de alma e de saúde, muito distinta da trazida pelos europeus em suas embarcações, assim como as possibilidades de interações com forças anímicas nessa dinâmica.

Ao pensar subjetividades extracorpóreas, a tradição ocidental se limita às noções de alma e de consciência. No entanto, essas não são as únicas noções existentes acerca do tema. Assim como o tempo é concebido de maneira distinta da forma elaborada no ocidente, as entidades anímicas do ser são elaboradas pelos povos de origem Maya, distintamente. O conceito de entidade anímica utilizado aqui baseia-se na definição dada por López Austin, que afirma compreender o termo por “uma unidade estruturada com capacidade de independência, em certas condições, do local orgânico em que se encontra” (AUSTIN, 1996 apud GONZALEZ 2007, p. 154, tradução nossa) O termo “ânima” se distancia do termo alma, está ligado à noção específica de dar ânimo ao corpo.

“Por fuerza anímica se entenderá a aquellos elementos que, no siendo cuantificables ni individualizables, dotan de vida a la persona sin estar, por ello, directamente ligados a las funciones intelectuales” (AUSTIN, 1996 apud GONZALEZ, 2007, p. 154).

O fato de a cosmovisão Maya basear-se na dualidade e no movimento circular da vida vai ao encontro da concepção de entidades anímicas feita por esses povos. Valendo ressaltar aqui que os povos de origem Maya possuem, cada um, suas especificidades. Sendo, portanto, abordadas neste estudo as noções fundamentais e convergentes que são compartilhadas, dada a mesma matriz cultural.

Na concepção Maya, à exceção dos Lacandones<sup>9</sup>, o que deu matéria ao corpo humano foi a terra (tal como o milho é compreendido como parte da terra): “[...] el carácter telúrico del cuerpo humano es subrayado por la palabra yach’alel, ‘lodo’, con la cual los tzeltales de Cancuc se refieren a nuestro organismo” (CLINE, 1944; FIGUEROLA, 2005 apud GONZALEZ, 2007, p. 155).

Composto por um elemento da natureza, que é a terra, o homem é constituído na junção deste com um elemento divino, que será justamente o responsável por dar âni­ma ao corpo humano.

Esta última creencia es confirmada por los vocablos ch’ulel y akush —usados entre los indígenas de los Altos de Chiapas y los tzutuhiles de Lago Atitlán para traducir del español el concepto de alma—, formados por la misma raíz de las palabras usadas para designar a lo sobrenatural en sus respectivas lenguas (GARCÍA, 1994; MENDELSON, 1965 apud GONZALEZ, 2007, p. 155).

A âni­ma localiza-se no coração, sendo o principal centro anímico dos indivíduos: “Cuando revisamos los diccionarios antiguos, podemos observar cómo muchos de los términos usados para traducir el concepto alma o ánima son corrientemente empleados por los indígenas con el sentido de ‘corazón’” (GONZÁLEZ, 2007, p. 155).

No Popol Vuh (2019), um dos deuses formadores do mundo é o “coração do céu”, “*u Qux Cah*”, que é composto por *Caculhá Huracán* (Raio Huracán), *Chipi-Caculhá* (Raio Pequenino) e *Raxa-Caculhá* (Raio Repentino). Tal junção é responsável (com outros deuses criadores e formadores, como Tepeu e Gucumatz) pelo impulso e pela energia criadora que deu origem ao planeta e à humanidade. Logo, o coração possui simbologia forte e está no centro da cosmovisão de mundo dos Mayas.

Para os Tzeltales, a entidade anímica não está presa ao corpo, ainda que se localize no coração. Chamada de *el ch’ulel*, tal entidade flui pelo corpo humano e pode residir, ao mesmo tempo, em mais de um lugar: “[...] tanto los tzotziles como los tzeltales piensan que el ch’ulel puede residir al mismo tiempo en el cuerpo

---

<sup>9</sup> Os Lacandones são um povo indígena de raiz Maya. Originários da península de Yucatán fixaram-se nas margens do lago Miramar, há pelo menos três séculos. Ocupando, até os dias atuais, a zona conhecida como Selva Lacandona situada na região Leste-noroeste do Estado de Chiapas. Para saber mais sobre as entidades anímicas entre os lacandones. Cf. Balsanelli (2019). Para mais sobre os Lacandones Cf. Eroza Solana (2006).

humano y en un lugar mítico, ya sea el cielo o una montaña denominada Ch'iibal” (PAGE PLIEGO, 2002; PITARCH, 1996 apud GONZÁLEZ, 2007, p. 156).

O *ch'ulel* é acompanhado de mais outras duas entidades, chamadas de *ave del corazón* e os *labs* (PITARCH, 1996). Entre os grupos Mayas há a concepção de *doble-nahualli*. Essa concepção, rara no restante da Mesoamérica, diz respeito a uma duplicação da entidade que habita ao mesmo tempo o interior e o exterior do corpo humano, é o que corresponde aos *labs*.

[...] lo que sí parece ser una creencia compartida por la gran mayoría de los pueblos mayas es que, por el hecho de compartir una misma ánima-corazón, el ser humano y su doble tendrán un mismo destino, carácter e personalidad (GONZÁLEZ, 2007, p. 159).

Por sua vez, a *ave del corazón* representa a parte mortal das entidades anímicas: “El ave del corazón representa la parte más efímera y mortal del ser humano y, en consecuencia, este aspecto del ánima se encuentra en permanente peligro tras el embate de diversos entes maléficos” (FIGUEROLA, 2005 apud GONZALEZ, 2007, p. 159).

A forma do *ch'ulel* varia, porém, entre os Tzeltales, acredita-se que seja antropomorfa e etérea. O *ch'ulel* se associa ao corpo ainda durante a gravidez, quando o feto começa a se agitar dentro da barriga da mãe.

As concepções acerca das entidades anímicas do corpo humano, associadas à noção de tempo, marcam a cosmovisão Maya e tornam-se fundamentais para compreender a especificidade da literatura latino-americana. Pois ambas as ideias são o fio condutor do pensamento Maya:

[o *ch'ulel*] representa en la vida cosmogónica de los mayas tsotsiles y tseltales un rasgo cultural representado en el eje central de la percepción del mundo, siendo así una forma de describir su cosmovisión; es decir, la centralidad que el *ch'ulel* tiene en distintos aspectos de la vida, como en la salud-enfermedad y muerte; su relación con el poder, control social, género, parentesco y conflictos (JIMÉNEZ, 2011, p. 219).

É importante demarcar que alma e *ch'ulel* não são conceitos equivalentes, embora a aproximação dos termos seja útil para iniciar o debate para aqueles que estão inseridos na lógica ocidental de tradição grega/europeia. Contudo, de acordo com Jiménez (2011), a conceituação do *ch'ulel* é mais ampla, em quantidade, já que não reside a entidade anímica em uma única forma; e em alcance, pois o *ch'ulel* é

compreendido como uma força que perpassa o tangível (mundo físico e material) e o intangível (espiritual e sagrado):

Todas las etnias mayences conciben la existencia de un componente — no físico — del hombre [...] para algunas tal principio vital es unitario; para otras, fragmentado, pudiendo incluso hacerse extensivo a plantas, animales y objetos inanimados [...] (RUZ, 1992 apud JIMÉNEZ, 2011, p. 220).

Dissociar *ch'ulel* dos conceitos europeus de alma e espírito torna-se importante não só para uma melhor compreensão da cosmovisão Maya, como também para não ceder ao equívoco de pautar o debate sob o fio colonizador.

O escritor Tsotsil Miguel Sánchez (2006) define *ch'ulel* como “consciência”, ressaltando que o *ch'ulel* corresponde a entidades anímicas, sendo a parte sacralizada dos indivíduos, mas, além disso, está marcado por forte traço sociocultural intervindo na dinâmica social dos Tzeltales e Tsotsiles (apud JIMÉNEZ, 2011).

Embora na tradição Maya exista a ideia de que o *ch'ulel* se associa ao corpo humano ainda durante a gestação, entre os Tzeltales e os Tsotsiles entende-se que o *ch'ulel*, uma vez associado ao indivíduo, se desenvolve com o crescimento físico, ou seja, se adquire ao longo da vida e isso ocorre por meio da “socialização pela linguagem” (LOURDES DE LEÓN apud JIMÉNEZ, 2011, p. 225).

Para melhor explorar essa ideia, é fundamental destacar que para tais povos é do *ch'ulel* que se origina o conhecimento, a memória e a linguagem, como destacado em vasta bibliografia:

Para los tzotziles, el corazón es la sede de la memoria, la sabiduría, la percepción y las emociones (Guiteras Holmes, 1961).  
Los mochó (de origem Maya) contemporáneos asocian la memoria al corazón (García Ruiz, 1987).  
Mientras, en opinión de los tzeltales, las emociones, la memoria, el conocimiento, el lenguaje y el aprendizaje vienen del *ch'ulel* (FIGUEROLA, 2005) (apud JIMÉNEZ, 2011, p. 157).

Como mencionado, cada pessoa possui dois *ch'ulel*, o fluído e amorfo que geralmente reside no coração (em outros casos pode residir na garganta, responsável pela voz), e a *ave corazón*, que é mortal. Quando o indivíduo morre, a *ave corazón* morre também, enquanto o *ch'ulel* viaja ao inframundo regressando anualmente à Terra no dia dos mortos. No entanto, o *ch'ulel* pode se separar do corpo humano ainda durante em vida, isso ocorre durante o sono, não apresentando riscos para a saúde da pessoa ou, em outros casos, em momentos de susto e

orgasmo, nesses quadros é possível que o *ch'ulel* não mais regressse ao corpo, causando, assim, a morte do indivíduo. Mas há ainda outra possibilidade de morte do corpo físico devido à separação do *ch'ulel*, e é quando o *ch'ulel* é comido, seja por um *nagual*<sup>10</sup> ou por anciões, chamados comumente de *brujos*.

Em Balún-Canán, Mario morre, pois a ausência prolongada do *ch'ulel* ocasiona a morte física. Pode haver uma explicação da medicina ocidental que chega a ser apresentada pela escritora, mas na visão tzeltal Mario só adoeceu porque sua *ánima-corazon* foi comida pelos *brujos* de Chactajal. Ou seja, a vontade coletiva representada pelos anciões reunidos no conselho interveio nos dois *ch'ulel*, o fluído e amorfo e a *ave corazón* que é mortal.

### 1.5 O México e as longas distâncias

Na passagem discutida a respeito da morte do personagem Mário, fala-se na impossibilidade de levar o garoto até a capital do país a tempo de realizar uma cirurgia. O livro oferece a possibilidade de refletir sobre as longas distâncias entre o interior do México e a capital, a falta de meios de transporte que integrem as regiões de maneira efetiva e rápida, além de investigar a relação dos indivíduos que habitam o Sul do país em relação à sua capital, Cidade do México, com os marcadores sociais que balizam um sentimento de não pertencimento registrado no romance por parte desses sujeitos.

YA SE entablaron las aguas. Los caminos que van a México están cerrados. Los automóviles se atascan en el lodo; los aviones caen abatidos por la tempestad. Sólo las recuas de mulas continúan haciendo su tráfico entre las poblaciones vecinas, trayendo y llevando carga, viajeros, el correo.

Estamos tan aislados en Comitán, durante la temporada de lluvias. Estamos tan lejos siempre. Una vez vi un mapa de la República y hacia el sur acababa donde vivimos nosotros. Después ya no hay ninguna otra ruedita. Sólo una raya para marcar la frontera. Y la gente se va. Y cuando se va escribe. Pero sus palabras nos llegan tantas semanas después que las recibimos marchitas y sin olor como las flores viejas (CASTELLANOS, 1978, p. 43).

Embora no período em que ocorre o romance, o México estivesse sob forte política de industrialização e modernização, os seus efeitos não chegavam a todos os cantos do país. A sensação de tédio e estranhamento experienciado pelos

---

<sup>10</sup> Nagual ou Nahual é o conceito que faz referência a pessoas que têm a capacidade de se transmutar em animais. Cf. González (2018, p. 39-65).

personagens de Balún-Canán, que se referem à capital como o próprio país, indica o isolamento de algumas regiões do México.

O governo mexicano, ciente dessa falta de integração entre as regiões e populações do país, a partir da década de 1930, empenhou-se em construir e expandir estradas, deixando as linhas de trem em segundo plano (VARGAS, 2015). O automóvel, naquela década, tornou-se o símbolo por excelência do novo, da modernidade e aos governos priistas<sup>11</sup> servia como elemento constitutivo do discurso de um novo México, nascido da revolução e único em forma e identidade.

---

<sup>11</sup> Do Partido Revolucionário Institucional (PRI).

## **CAPÍTULO 2 – O INSÓLITO DA VIDA NO REAL MARAVILHOSO DE BALÚN-CANÁN**

### **2.1 O impacto da obra na continuidade das lutas em Chiapas**

As obras de arte surgem em meio à sociedade e a ela retornam ressoando em seus múltiplos significados. Por vezes, Rosario Castellanos registrou a consciência do papel social que cumpre o escritor e do alcance que uma obra literária pode alcançar.

Embora escrito na década de 1950, Balún-Canán mostra-se ainda hoje atual e importante na sociedade mexicana. O subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), declarou em um de seus comunicados, em 2013<sup>12</sup>, que alguns livros o marcaram e o auxiliaram na reflexão acerca das condições vividas pelos povos originários na região Sul do Estado Mexicano e entre esses livros cita “Balún-Canán” (1957) e “Ciudad Real” (1960), ambos escritos por Castellanos.

Evidencia-se a robustez da obra de Rosario Castellanos que, mesmo décadas após ter sido escrito, penetra as subjetividades de indivíduos que compartilham não do mesmo tempo, mas do mesmo espaço, o qual ainda é marcado por profundas contradições e abismos sociais, sendo a marginalização dos povos originários que lutam por seus territórios a marca principal dos conflitos com o Estado.

Desde que surgiu, em 1992, o EZLN possui forte papel enquanto organização civil na defesa dos territórios indígenas, na preservação da fauna e da flora, na luta contra as políticas neoliberais e pelo reconhecimento da pluralidade dos povos. Baseiam-se no marxismo, na cosmovisão maya, no legado de Emiliano Zapata e na teologia da libertação (ALMEIDA, 2010). Hoje, possuem territórios autônomos no Estado de Chiapas, organizados nos chamados “caracóis”, onde articulam a sabedoria dos povos originários com a luta pelo fim do sistema capitalista, entre as suas principais ações está a criação de escolas e as plantações coletivas.

---

<sup>12</sup> Cf. <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/02/21/subcomandante-marcos-llevamos-esperando-500-anos-dicen-los-companeros-podemos-esperar-otros-500/> e <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2006/10/30/justicia/>

A importância de mencionar o EZLN justifica-se pela evidência de que o território chiapaneco, historicamente, está imbricado de lutas sociais, nas quais os povos originários marcam sua presença e não renunciam ao direito de viver – e de viver com dignidade –, de acordo com suas próprias concepções. É um território rico em experiências e que ferve diante das contradições e embates do gênero humano, as obras de arte que dali nascem trazem consigo muitas partes de um todo que interessam reconstruir.

O EZLN, entre as suas atividades, promove o cine debate, e em 2013, o filme de Balún-Canán foi escolhido para o evento, conforme consta no site da organização<sup>13</sup>, no qual é possível verificar que essa organização possui um grupo denominado Coletivo Rosario Castellanos, no entanto, não foram localizadas mais informações sobre tal coletivo.

O que fica evidenciado, deste modo, é a permanência, tanto da obra de Rosario Castellanos, já que ela fez da região de Chiapas o cenário principal de seus escritos, quanto de sua própria figura na memória social dessa região em que ela cresceu.

## 2.2 O nome Balún-Canán e seus distintos fundamentos originários

Castellanos passou sua primeira infância e adolescência nessa região e é a ela que remete o título do livro. Balún-Canán refere-se à denominação indígena original do povoado de Comitán (hoje, um município do Estado de Chiapas), local onde se passa parte da trama do romance e, conforme Bigas (apud MUNHÓZ, 2008), em um de seus caminhos encontra-se gravado em pedras o nome Balúncanan, cujo significado é “cierro de nuevas estrelas”, região protegida, segundo a mitologia maya, por nove guardiões. Munhóz destaca o vento como uma dessas divindades, trazendo uma das passagens do livro:

— ¿Sabes? Hoy he conocido al viento.  
Ella no interrumpe su labor. Continúa desgranando el maíz, pensativa y sin sonrisa. Pero yo sé que está contenta.  
— Eso es bueno, niña. Porque el viento es uno de los nueve guardianes de tu pueblo (CASTELLANOS apud MUNHOZ, 2008, p. 59).

---

<sup>13</sup> Cf. <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/01/08/cine-debate-del-frayba-invita-a-ver-balun-canancristobal-de-las-casas-15-de-enero/>

Compartilhando, originariamente, da mesma matriz linguística maya, os povos indígenas de Chiapas dividem-se em grupos diferentes espalhados pelo território sul-mexicano, possuindo, na atualidade, cada um, a sua própria língua. Alguns desses povos, como os Kaqchikel, habitam tanto o lado mexicano da fronteira quanto o lado guatemalteco, formando dois estados-nação.

Desses povos, Castellanos cita no livro *Balún-Canán* a população Tzeltal, que é uma das mais expressivas na região de Comitán (Chiapas), onde se passam as partes I e III do romance. Ao mencionar os Tzeltales, Castellanos recorre, em todas as 11 passagens que há em *Balún-Canán*, ao signo linguístico, não menciona diretamente indivíduos ou personagens, mas sim a língua falada por eles, o idioma Tzeltal. Um exemplo é o trecho da segunda parte do romance em que o personagem Ernesto tenta lecionar uma aula aos filhos dos trabalhadores da fazenda de César, que são indígenas:

Los niños lo contemplaban embobados, con la boca abierta, sin entender nada. Para ellos era lo mismo que Ernesto leyera el Almanaque o cualquier otro libro. Ellos no sabían hablar español. Ernesto no sabía hablar tzeltal. No existía la menor posibilidad de comprensión entre ambos (CASTELLANOS, 1978, p. 144-145).

Um pouco à frente do trecho mencionado acima, há também a passagem em que o trabalhador Felipe recebe em sua casa a visita da cunhada, sabidamente, todos os três personagens de tal trecho indígenas:

— Buenas noches, comadre. Una voz trémula, como de quien está tiritando o como de quien acaba de llorar, había pronunciado, en tzeltal, aquellas palabras. La mujer de Felipe se puso en pie para recibir a la visita. Era su hermana María quien acompañada del menor de sus hijos estaba parada en el umbral (CASTELLANOS, 1978, p. 174).

A história da cidade de Comitán remonta ao início da colonização hispânica. Do Nahuatl, a palavra *Comitán* quer dizer “lugar de alfareros” – pessoas que trabalhavam com alfarería, arte ou ofício de fazer vasos ou outros objetos com barro cozido – ou “lugar de febres”<sup>14</sup>. No entanto, já foi chamada também de “Balún-Canán”: “Comitlán, nombre asignado en nahuatl a la localidad cuyo nombre original de su pueblo fundador maya ha sido normalmente asumido como Balún Canán.” (AGUIRRE; BELTRÁN, 2019, p. 142).

---

<sup>14</sup> Cf. Dicionário de língua espanhola do site da Real Academia Española, disponível em: <https://dle.rae.es/alfarer%C3%ADa>.

Em suas pesquisas mais recentes, Aguirre e Beltrán (2019) explicam que o nome Balún-Canán seria advindo de “B’alunh K’ana”, que corresponde a uma data do calendário maya-chuj (mas é muito difundida a versão que atribui o significado “Região dos Nove Guardiões” ou “Região das Nove Estrelas” para as palavras “Balún-Canán”, conforme já resgatado de Muñoz (2008).

Ao recuperar esse nome, Rosario Castellanos resgata não só a origem e a presença Maya, mas suas próprias vivências.

Há incertezas acerca de quais povos participaram do primeiro movimento de povoar a região do que veio a ser a cidade de Comitán, contudo, a presença dos Tzeltales e dos Tojolabales é um consenso:

Se cree que fueron los Kokom (nombre de una de las castas toltecas que gobernaron el imperio maya de Yucatán) los primeros pobladores de este lugar. Antigua como el resto de aquellas fundaciones Balún Canán fue una ciudad populosa y fértil, sus pobladores descendientes de los maya-quiché y de una rama de los tzeltales o quelenes, se extendieron por toda la comarca e intensificaron el comercio y el intercambio cultural con los demás pueblos del centro de Mesoamérica. Por otra parte, se ha demostrado por estudios antropológicos que además de los Kokom habitaron la zona de Comitán tzeltales y tojolabales, siendo este último grupo al que encontraron los conquistadores españoles y posteriormente se replegaron a lo que hoy es el municipio de Las Margaritas<sup>15</sup> (PULIDO, 2006 apud AGUIRRE; BELTRÁN, 2019, p. 2-3).

No romance, os nove guardiões são mencionados em três passagens, sempre em conversas entre Niña e os adultos (sua Nana e o tio David). Na primeira passagem, já destacada anteriormente, Niña conta para Nana que no passeio feito com os pais e o irmão, ela conheceu o vento.

A explicação sobre quem seriam os nove guardiões vem em conversa com o tio David, que diz: “Niña, no seas curiosa. Los mayores lo saben y por eso dan a esta región el nombre de Balún-Canán. La llaman así cuando conversan entre ellos. Pero nosotros, la gente menuda más vale que nos callemos” (CASTELLANOS, 1978, p. 26).

---

<sup>15</sup> O município de Las Margaritas faz parte do Estado de Chiapas e é vizinho ao município de Comitán de Domínguez.

### **2.3 Linguagem oral, a palavra em Popol Vuh, a palavra em Balún-Canán, a palavra para os Tzeltales**

A forma escolhida por Castellanos para construir a narrativa chama atenção devido ao fluxo criado através das frases que remetem à tradição oral e evocam imagens.

Em Balún-Canán, as múltiplas vozes se entrecruzam, Negrín Muñoz (2008) nota que o romance inicia com uma narração oral (Nana contando uma história para Niña) e termina com um registro de Niña escrevendo o nome do irmão na terra.

En ambos procesos hay un juego entre oralidad y escritura, entre las voces que se transcriben y los documentos que se insertan, procedentes de la historia extratextual y redefinidos en la narración u otros que se generan en la propia trama (MUÑOZ, 2008, p. 57).

A dinâmica intertextual está presente em todo o romance e chama atenção pelo caráter simbólico que possui, sendo possível pensar no próprio movimento dialético da memória entre as narrativas orais e textuais.

A relevância da tradição oral no romance, evidentemente se faz a partir da temática abordada e pela própria experiência de Castellanos, que passou a infância e a juventude próxima de sua babá, Rufina, mulher tzeltal que transmitia as histórias e concepções de seu povo para a escritora no seu cuidado diário, na relação rotineira de ambas. Uma mulher branca crioula e a outra uma mulher indígena. As contradições dessa relação são evidentes: de classes sociais distintas, as duas mulheres são atravessadas por violências que diferem, dadas essas origens.

Este trabalho não busca debater ou hierarquizar a natureza das violências específicas que tais sujeitos sociais experienciaram, apenas ressaltar as especificidades do lugar ocupado socialmente pelas duas, Castellanos e Rufina, que se originam nas categorias de classe e gênero. Mas, ainda que Castellanos viesse de uma família de origem hispânica, suas concepções acerca do tempo, história e ancestralidade foram socialmente construídas de maneira híbrida, sendo possível afirmar que ambas eram orientadas, em suas práticas sociais, pela cosmovisão dos povos originários que vivem em Chiapas, sobretudo os Tzeltales. Dessa forma, o traço oral na narrativa escrita de Castellanos advém das condições materiais de sua vida. A tradição Tzeltal se faz palpável em seu romance.

O primeiro parágrafo do romance vem carregado dessas possibilidades, nele, a personagem Nana conta para Niña um conto tzeltal.

— ... Y ENTONCES, coléricos, nos desposeyeron, nos arrebataron lo que habíamos atesorado: la palabra, que es el arca de la memoria. Desde aquellos días arden y se consumen con el leño en la hoguera. Sube el humo en el viento y se deshace. Queda la ceniza sin rostro. Para que puedas venir tú y el que es menor que tú y les baste un soplo, solamente un soplo... (CASTELLANOS, 1978, p. 9).

A fala de Nana é interrompida por Niña que não deseja mais ouvir o relato. De acordo com o conto, a palavra é o repositório da memória. Os Tzeltales se definem como *Batzil K'op*, em tradução: “Os da palavra originária”. Tal definição faz menção aos primeiros pais e mães formadores, como no relato do Popol Vuh (2019), que na língua *quiché* significa *popol* (comunidade) e *vuh* (livro), ou seja, livro da comunidade. Sendo os Tzeltales pertencentes à grande família Maya, assim como os Tzotziles que também habitam a região de Chiapas, a influência dos relatos registrados no Popol Vuh são marcantes e compõem a cosmovisão do povo. No Popol Vuh, é a palavra que dá origem a tudo, é através da palavra criadora dos deuses que fez-se o mundo:

Os três [*Caculhá Huracán* (Raio Huracán), *Chipi-Caculhá* (Raio Pequenino) e *Raxa-Caculhá* (Raio Repentino)] são o Coração do Céu, e foram até Tepeu e Gucumatz [o criador e o formador] quando o alvorecer da vida foi concebido:  
Como se dará a sementeira, o amanhecer? Quem irá prover o alimento, o sustento?  
Isso. Disseram.  
Que assim se faça: que o vazio se preencha [...]  
Isso disseram. A terra se criou com sua palavra, apenas. Para a terra nascer, disseram apenas: Terra! E a terra surgiu no mesmo instante (POPOL VUH, 2019, p. 120-121).

No relato, Maya-Quiché explica que antes da palavra dos deuses não havia nada além do silêncio:

Aqui está, eis o relato:  
Tudo ainda em suspenso, ainda silente.  
Tudo sereno, ainda em sossego.  
Tudo em silêncio, vazio também o ventre do céu.  
Essas foram as primeiras palavras, a primeira eloquência (POPOL VUH, 2019, p. 119).

É a palavra que origina a terra, nela está a origem do mundo e está a força criadora dos fundadores, Tepeu, Gucumatz e Coração do Céu. Assim conta a tradição oral maya, que foi registrada por escrito no livro Popol Vuh (2019). Os

Tzeltales se definirem como “os da palavra originária” remete diretamente à criação do mundo sob a cosmovisão maya. A relação entre palavra e memória torna-se para eles fundamental, é na memória, através do relato que está a história do próprio povo, do próprio lugar que habitam. Assim, a importância da palavra torna-se mítica, constituindo a memória comunitária e a própria identidade de tais sujeitos.

En la memoria mítica permanece el sentido ético que constituye al hombre fiel sobre el motivo de su origen, cuya imagen surge de la palabra creadora: verdadera, y se manifiesta en un ser ‘de reconocimiento’, de ofrenda, que comparte sus frutos con las divinidades y la madre tierra (MUÑOZ, 2004, p. 6).

No conto trazido pelo romance, a palavra é o cerne de tudo, assim como será no próprio Balún-Canán. No trecho citado anteriormente, Nana conta que a palavra foi roubada e que tal roubo foi necessário para que viessem “tú y el menor que tú” (CASTELLANOS, 1978, p. 9). Presume-se que Nana referia-se a Niña e a seu irmão Mário. Diante de tal construção, o que representa o roubo da palavra?

Uma possibilidade é pensar o processo de colonização do território Maya pelos Espanhóis que, por meio de violências físicas e simbólicas, buscou negar e mesmo apagar o modo de vida, as concepções, a cosmovisão, as práticas e tradições dos povos originários, quando não a própria eliminação física de tais sujeitos.

Nana afirma que foi com o roubo da palavra que pôde existir Niña e Mário, criollos. Os criollos que, mesmo após as independências na América Latina continuaram dominando o espaço público, as tomadas de decisões e a política.

Nesse ponto, Rosario Castellanos abre espaço para a reflexão acerca do processo de colonização e o processo da construção do Estado mexicano em seu âmbito social chamando atenção para o que está fora dos relatos da história oficial. Tal atitude converge com a prática de escritores do real maravilhoso, como García Márquez (2018) e Alejo Carpentier (2010) que em suas ficções empreendem o exercício de recontar a história do continente a partir da cosmovisão de grupos sociais marginalizados, recuperada pela tradição oral.

De acordo com Luiz Leal (1967), o próprio modo de tais escritores construírem seus romances demarca uma atitude diante da realidade.

Para Francien Ilegelski (2021, p. 2-3):

Eles entrecruzam diversas temporalidades, ofereceram interpretações sobre experiências históricas e políticas do continente, desde o Descobrimento, passando pelo período colonial, as independências em relação às metrópoles, as lutas sociais e as ditaduras do século XX.

O conto de Nana possibilita o entrecruzamento de temporalidades no romance, que embora explicitamente se passe na década de 1930, mescla em sua narrativa diferentes tempos da história mexicana. Torna-se evidente que Balún-Canán é fruto das condições históricas e materiais da sociedade à qual pertence, ao mesmo tempo que traz em si elementos capazes de revelar partes do ser social mexicano da década de 1950.

#### **2.4 A presença etérea das imagens**

O primeiro parágrafo do romance chama a atenção também pelas imagens evocadas no conjunto de palavras escolhidas. No trecho “Desde aquellos días arden y se consumen con el leño en la hoguera. Sube el humo en el viento y se deshace. Queda la ceniza sin rostro” (CASTELLANOS, 1978, p. 9) é possível vislumbrar figuras que se desfazem como a fumaça.

Ao longo de todo o romance, Castellanos traz trechos como este, que causam no leitor a impressão de estar vendo algo, o que remete a formas de linguagem distintas das convencionais adotadas pela literatura do realismo no continente até meados dos anos 1930, o que demarca, mais uma vez, a mudança estética do realismo maravilhoso, que busca olhar para a pluralidade dos povos que compõem o continente latino-americano.

No romance, o silêncio, assim como a palavra, possui papel relevante e presente em diversos momentos, seja na boca fechada das mulheres solteiras ou das senhoras que, clandestinamente, visitam as igrejas fechadas pelo governo; seja na apreensão de Niña diante da figura do pai ou da Nana, diante das pessoas do seu povoado que a condena por trabalhar na casa de criollos. Tal silêncio pode ser entendido como representação da introjeção da violência na subjetividade dos indivíduos, no caso do romance, sobretudo na subjetividade das mulheres.

Notadamente, de forma contrária, os personagens trabalhadores da fazenda de César, pai de Niña, que representam os trabalhadores Tzeltales de Comitán, buscam justamente o direito à palavra, simbolizado na exigência de cumprimento da

lei que institui a educação para filhos de trabalhadores de grandes fazendas através de escolas a serem construídas e a devida contratação de professores. A figura do personagem Filipe, que lidera o grupo de trabalhadores em sua reivindicação, é central na segunda parte do romance. “— Me escogieron a mí, Felipe Carranza Pech, para que yo fuera la voz” (CASTELLANOS, 1978, p. 98).

A escolha de Castellanos, ao dar um nome com sobrenome para o personagem é simbólica, ressaltando a existência dele enquanto sujeito e cidadão.

— Mis camaradas me mandaron a preguntar cuándo vas a abrir la escuela.

Ernesto mira a César con unos ojos desorientados y como quien pide auxilio. César está mondando parsimoniosamente una naranja. Sin dignarse a levantar los ojos hacia el indio, interroga:

— ¿Les interesa mucho el asunto?

— Sí.

— ¿Por qué?

— Para que se cumpla la ley.

Pero esto no puede ser verdad. Está soñando. Es una de esas pesadillas horrosas que le amargan las noches cuando despierta, cerniéndose de miedo, porque ha soñado que alguien le arrebatara a sus hijos. Tiene que encender la luz y levantarse y correr descalza al cuarto de los niños para convencerse de que están allí y de que nada ha sucedido. Pero ahora la pesadilla se prolonga. Y es ella, Zoraida, la que está en el centro de esta conversación absurda, oyendo la voz inflexible y sin fatiga de un indio que machaca esta sola frase:

— Lo manda la ley.

César ha terminado por impacientarse y da un manotazo enérgico sobre la mesa.

— ¿Cuál escuela quieren que se abra? Yo ya cumplí con mi parte trayendo al maestro. Lo demás es cosa de ustedes. César espera una respuesta balbuciente, una humildad repentina, una proposición de tregua. Pero el semblante de Felipe no se altera. Y su acento no se ha modificado cuando disse:

— Voy a hablar con mis camaradas para que entre todos resolvamos lo que es necesario hacer (CASTELLANOS, 1978, p. 98-99).

No trecho, nota-se a firmeza de Felipe mesmo diante da figura de César. Na fala do personagem, demonstra-se que as decisões dos trabalhadores da fazenda são tomadas em conjunto, não havendo um líder entre eles. Felipe é apenas o escolhido para transmitir as mensagens.

Dessa forma, ainda que não sejam nomeados todos os trabalhadores da fazenda, eles ganham profundidade, sendo partes centrais da tomada de decisões da classe.

O trecho também revela a atitude da personagem Zoraida, mãe de Niña e de Mario, esposa de César. Ela considera absurda a reivindicação dos trabalhadores,

desprezo que denota uma visão depreciativa dos povos originários, absorvida da dominação europeia, pois não considera que eles eram dignos de falar o espanhol, para eles, enquanto cidadãos de segunda classe, estaria reservado apenas o silêncio, para esses indivíduos a palavra não era assegurada.

## **2.5 México 1930-1950: as reformas cardenistas e a descontinuação de suas políticas**

As reformas cardenistas começaram a ser desfeitas nos governos pós-1940, evidenciando as debilidades das medidas, que embora contassem com o apoio popular dependiam da iniciativa pessoal dos futuros presidentes. A curto prazo o projeto contribuiu para a criação de organizações camponesas (CAMÍN; MEYER, 2000).

Na educação, o investimento cresceu, e entre os anos de 1935 e 1940, os gastos com educação foram em torno de 12% a 14% do total de gastos públicos, porcentagem inédita, até então. Projetos educacionais se proliferaram, tendo destaque o programa de construção de escolas rurais, assim como as escolas especiais do exército, muito apreciadas pelo presidente. Para Cárdenas, o professor tinha um papel social e revolucionário a cumprir, auxiliando os camponeses e os trabalhadores na luta por emancipação e contribuindo para o melhoramento do povoado. Os professores responderam positivamente às tarefas que a eles foram atribuídas, no *ejido* coletivo de La Laguna participaram de forma ativa em reformas educacionais, agrárias, técnicas e médicas, por exemplo (KNIGHT in BETHEL, 2015).

As taxas de alfabetização cresceram e a escola como integradora e nacionalista obteve seu êxito, no entanto, só durou enquanto Cárdenas esteve na presidência. A educação socialista, implementada por Calles prosperou nos anos 1930, porém foi sistematicamente desmontada ao final do mandato do general Cárdenas, assim como outras de suas principais políticas foram alvos de deliberada destruição (KNIGHT in BETHEL, 2015).

Uma especial atenção foi dada à questão indigenista. O Departamento de Assuntos Indígenas organizou programas de pesquisa e educação. O objetivo de Cárdenas era emancipar social e economicamente os indígenas sem destruir os traços fundamentais de suas culturas. O que realmente se deu foi uma tentativa de

integração do indígena aos trabalhadores camponeses dando ênfase à classe social, deixando, porém, as questões raciais e étnicas de fora.

As políticas que de fato impactaram a vida das populações indígenas foram a de educação rural e a da reforma agrária, sobretudo, nas regiões do Sul do país: Yucatán e Chiapas, onde a presença de indígenas de diferentes etnias é mais numerosa. Na área trabalhista, o projeto de Cárdenas possuía aspecto educativo, objetivando a organização gradual dos trabalhadores. A meta do presidente era alcançar uma democracia trabalhista que colocasse em evidência as qualidades cardenistas de trabalho comprometido, responsável, igualitário e patriótico (KNIGHT in BETHEL, 2015).

Nos anos de 1935 e 1936, expressivas greves tomaram conta do país, sobretudo, contra empresas estrangeiras, nesse cenário de forte mobilização dos trabalhadores, o governo adotou uma postura intervencionista, colocando-se como árbitro nas questões, mas sem deixar de combater o que chamava de “sindicalismo irresponsável”, como o dos petroleiros. Com a Confederación Regional Obrera Mexicana (CROM) em decadência, nasceu, em 1936, a Confederación de Trabajadores de México (CTM), aglutinando diversos sindicatos, como o dos ferroviários, dos eletricitas, dos metalúrgicos, dos mineiros, entre outros. Para evitar uma hegemonia da CTM, o Estado manteve em suas mãos o sindicato dos funcionários públicos e a organização dos agricultores. Contudo, não demorou para que o governo se apropriar da CTM, os dirigentes do sindicato, obtendo vantagens, contribuíram para isso sob a falácia de que era preciso destruir os resquícios do callismo e combater o imperialismo e o fascismo (KNIGHT in BETHEL, 2015).

Entre os líderes sindicalistas, Lombardo Toledano, que saiu das fileiras da CROM, se sobressaiu como um dos personagens políticos mais importantes do período, sendo o principal dirigente da CTM. Lombardo frequentemente conquistava o apoio do Partido Comunista Mexicano, conseguindo manter até 1946 uma coalização cardenista (KNIGHT in BETHEL, 2015).

A tutela do Estado sobre a classe trabalhadora tem seu ápice em dois episódios importantes do governo de Cárdenas, explica Knight (in BETHEL, 2015): a greve dos ferroviários e a greve dos petroleiros. Em ambos os casos foram desapropriadas empresas estrangeiras e reestruturadas as formas de organização dos dois setores. As ferrovias foram nacionalizadas em 1937 e postas sob o controle dos trabalhadores em 1º de maio de 1938.

Já a questão do petróleo, de acordo com Camín e Meyer (2000), teve relevância maior tanto no cenário interno quanto externo, impactou diretamente a relação do país com o seu vizinho, os Estados Unidos, e foi o último ponto fundamental do governo do general.

De importante papel na economia nacional, o petróleo era visto como um símbolo da identidade e da independência da nação, no Plano Sexenal já havia a previsão da criação de uma companhia petrolífera estatal, a Petróleos Mexicanos, (PEMEX). Em 1935, deu-se a unificação dos trabalhadores da área sob o Sindicato de Trabajadores Petroleros de la Republica Mexicana; e no ano seguinte, exigências foram apresentadas às empresas estrangeiras que atuavam no país. O novo acordo sugerido pelos trabalhadores trazia as reivindicações de mexicanização do pessoal, substituição de empregados não sindicalizados por membros do sindicato, melhoria nos salários e nos benefícios sociais, além da redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (CAMÍN; MEYER, 2000).

A contraproposta foi ínfima e, devido à recusa das empresas em negociar, os trabalhadores deram início a uma greve em maio daquele ano, 1937. Camín e Meyer (2000) explicam que o embate tomou proporções nacionais, chegando ao Supremo Tribunal que, por sua vez, deliberou a favor dos trabalhadores. No entanto, as companhias resistiram e desobedeceram às ordens do supremo, elevando a disputa e envolvendo o próprio orgulho e a independência nacional.

Respaldado na opinião pública, Cárdenas falou à nação via rádio, no dia 18 de março de 1938, noticiando a decisão de nacionalizar o petróleo, desapropriando totalmente as companhias estrangeiras. O episódio foi o ponto máximo do governo do general, entendido como um gesto corajoso de patriotismo, Cárdenas recebeu o apoio imediato da população que contribuiu com os próprios bens para o pagamento das indenizações às empresas estrangeiras e para auxiliar na economia, uma vez que, tendo os governos britânico e estadunidense protestado oficialmente, as empresas sacaram os recursos que tinham no país, boicotaram o petróleo mexicano e pressionaram terceiros para que também o fizessem (CAMÍN; MEYER, 2000).

Pela primeira vez, a política externa tornou-se ponto central da administração, no contexto do início da Segunda Guerra Mundial, o estremecimento da relação dos Estados Unidos com o país não teve como se estender, embora as companhias de petróleo exigissem indenizações e a devolução das propriedades, outros setores da economia estadunidense estavam vinculados ao México, tendo como exemplo os

proprietários de minas de prata na região e fabricantes que tinham investimentos no país vizinho (CAMÍN; MEYER, 2000).

Com interesses econômicos antagônicos, o governo estadunidense ficou dividido e o fator determinante para o apaziguamento da contenda foi o temor de que a economia e a política alemã entrassem no México. Assim sendo, o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt (1882-1945), apoiado no New Deal, a política de boa vizinhança, declarou que o México possuía o direito de nacionalizar o petróleo, diminuindo a tensão e melhorando a relação entre os dois países, conforme explicam Camín e Meyer (2000).

Os acontecimentos fundamentais para a consolidação institucional da nação mexicana se deram a partir do governo de Plutarco Elias Calles (1877-1945), eleito em 1924, ocupou a cadeira presidencial até o ano de 1928 e permaneceu comandando as ações do governo mesmo depois do seu mandato, até a eleição do general Lázaro Cárdenas del Río, em 1934 (KNIGHT in BETHEL, 2015).

Calles inaugurou a ideia da Revolução Mexicana como etapa de um futuro próximo. A Revolução transformava-se, assim, em mais um dos importantes acontecimentos que vinham do século XIX, a começar pela independência. Ao colocar a Revolução como um fenômeno com partes diferentes, o período da luta armada perdia seu caráter fundamental. Nessa noção, centrou-se o futuro que consolidaria a Revolução, legitimando-se, então, os governos e suas reformas sociais (KNIGHT in BETHEL, 2015).

Cárdenas partilhava do mesmo discurso de Calles e acrescentava ao governo tarefas intermináveis, dentro dessa noção de um futuro contínuo de renovação orquestrada pela Revolução.

O salto ideológico, como explicam Meyer e Camín (2000), aconteceu com o sucessor de Cárdenas. Ávila Camacho (1897-1955), em seu governo, que foi de 1940 a 1946, operou o discurso oficial sobre a nação, que seria a partir daquele momento a depositária do legado histórico de um passado sem fissuras. Dessa maneira, as diferentes correntes de pensamento da Revolução Mexicana e os diferentes atores sociais, cada qual, possuíam suas próprias pautas e reivindicações, muito distintas uma das outras.

No discurso de Camacho, as fissuras extinguíam-se e o objeto do governo passava a ser o de crescer economicamente sob uma fraternidade nacional. Se o debate sobre a pluralidade dos povos que constituem o México e suas

particularidades e demandas próprias estavam esmaecendo, do ponto de vista institucional, sob os governos de Calles e Cárdenas, deu-se por terminado com o governo de Camacho, a partir de então, a nação estava calcada em uma identidade única (CAMÍN; MEYER, 2000).

Além da transformação do discurso sobre a nação, a economia também se alterou a partir da presidência de Ávila Camacho. A industrialização do país, colocada como meta fundamental para a construção da grandeza nacional, deu-se pela substituição de importações. As cidades eram o centro das atividades, o proletariado, a classe média e a burguesia cresciam. Cada vez mais sócios estrangeiros eram aceitos, o governo se ocupava de gerar infraestrutura e de tomar conta apenas dos setores pelos quais o empresariado não demonstrava interesse. As empresas tomavam conta da produção. A prática foi chamada de “economia mista” (CAMÍN; MEYER, 2000).

O capital estrangeiro penetrava com menos dificuldade o México e as políticas neoliberais avançavam.

## CAPÍTULO 3 - O EU E O OUTRO NO ESPELHO DA INFÂNCIA ANCESTRAL

### 3.1 O eu e o outro na literatura mexicana

O tema do eu e do outro na literatura mexicana do século XX é recorrente. Diante da busca por uma identidade – nacional<sup>16</sup> ou coletiva – os esforços para a construção de uma sociedade mais justa e as decepções pós-revolução mexicana confluem para que o tema da identidade esteja presente na escrita daqueles que hoje são reconhecidos como os principais expoentes da literatura mexicana de meados do século passado.

Tanto na chamada literatura feminina com a tríade de escritoras Rosario Castellanos, Elena Garro (1916-1998) e Elena Poniatowska (1932), quanto nos romances escritos por homens, tendo como máximos representantes Ruan Rulfo (1917-1986), Carlos Fuentes (1928-2012) e Octavio Paz (1914-1998).

Os personagens de tais escritoras e escritores encontram-se invariavelmente diante de espelhos e labirintos, essas palavras compõem, inclusive, parte de títulos das obras desses escritores como “El Laberinto de la Soledad” (1950), de Octavio Paz e “El Espejo Enterrado” (1992) de Carlos Fuentes.

O próprio Estado Mexicano, a partir do governo de Ávila Camacho (1940-1946), se coloca diante da questão da identidade nacional, buscando produzir discursos homogeneizantes que relegavam os povos originários a um passado mítico. Esses esforços visavam dar por acabada a Revolução Mexicana, como se seus objetivos – sobretudo o da reforma agrária – já tivessem sido todos alcançados.

No entanto, os intelectuais e escritores mexicanos constatavam que a nação continuava fraturada, sem uma real inclusão e respeito à diversidade de sua população, navegando em mares da incerteza e tendo o trauma como marca profunda da memória social.

---

<sup>16</sup> A busca por uma identidade nacional conecta-se mais aos intentos do governo mexicano, interessado em assentar uma imagem nacional homogênea. Atentos a isso, os escritores aqui citados marcavam a diferença entre a procura por uma identidade nacional e as reflexões contidas em seus escritos acerca de identidades coletivas. Sobre o tema Cf. Grecco (2010).

Entre os grupos da intelectualidade mexicana não foram raras as revistas literárias que tinham como objetivo renovar o *corpus* literário nacional (GRECCO, 2010). Os temas, ainda que variassem, perpassavam constantemente a questão da mexicanidade, da modernidade e da identidade.

A revista “Taller”, fundada em 1938 – durante o governo de Lázaro Cárdenas – por Octávio Paz, Efraín Huerta (1914-1982), Rafael Solana (1915-1992) e Alberto Quintero Alvarez (1914-1944), propunha-se a difundir obras esquecidas da literatura mexicana, como as de Sor Juana Inés de La Cruz e Rufino Tamayo (GRECCO, 2010).

[...] essa renovação da literatura e cultura mexicana não tinha a intenção de ser nacionalista. Buscava antes, explicar que a cultura nacional era uma cultura plural, que precisava ser redescoberta para que o mexicano pudesse se conhecer e assim reconhecer que, de seus problemas existenciais, participavam todos os homens (GRECCO, 2010, p. 73).

A Revista Mexicana de Literatura, fundada em 1959 e dirigida por Emanuel Carballo – amigo de Rosario Castellanos – e Carlos Fuentes, foi outra importante revista no movimento de investigação literária latino-americana, incluindo escritos de autores de fora do México como Julio Cortázar (1914-1984) da Argentina, José Lezama Lima (1910-1976) de Cuba e Adolfo Bioy Casares (1914-1999) da Argentina (GRECCO, 2010).

A necessidade que os escritores viam em renovar a literatura nacional passava pelo interesse em pensar a condição do ser latino-americano, em pensar a identidade, sobretudo no contexto de séculos de dominação colonial.

Fator fundamental para a ação de tais escritores estava no sentimento de desilusão com os rumos que o país tomou após a Revolução Mexicana.

Embora as cifras indicassem um plano econômico bem-sucedido, no período pós-cardenismo, as desigualdades entre as classes que compunham a sociedade permaneciam. Ademais, numa análise mais aprofundada, verifica-se que em 1972, mais da metade das empresas industriais mais importantes do México tinham participação do capital estrangeiro, ou seja, o país mantinha sua economia vulnerável às forças externas (CAMÍN, MEYER, 2000).

Apesar da nacionalização do petróleo feita durante o governo de Lázaro Cárdenas, a economia não alcançou a almejada equiparação das condições de vida. O sistema econômico fundamentava-se em ter o petróleo como um bem caro e com

mercado externo amplo. Ainda que a política oficial falasse em manter um equilíbrio entre a economia industrial, agrícola – que necessitava de reformas segundo o próprio governo – e a exportação de petróleo e gás.

Segundo CAMÍN, MEYER (2000) “[...] o México viveu o ciclo do desequilíbrio, em meio ao endividamento, inflação, corrupção e evasão de recursos que havia caracterizado, até então, tantos outros países produtores de petróleo.” (CAMÍN, MEYER, 2000, p. 232).

Desde a primeira metade do século XX, a sociedade mexicana vivenciava um complexo processo histórico que agitaram a vida social. Destacam-se a revolução de 1910, cuja participação popular foi expressiva, o governo de Lázaro Cárdenas que ficou marcado na memória social como justo por uns e populista por outros; as mudanças na política, que tornou-se essencialmente presidencialista; nos sindicatos, que passaram a compor o partido oficial; na estrutura social, que passou a ter jovens como a maioria de sua população – a pirâmide etária se inverteu, o crescimento das cidades e da classe média – que era praticamente inexistente durante o porfiriato<sup>17</sup>.

Frente a esse contexto nacional – assim como o internacional após duas grandes guerras e o paulatino crescimento do controle estadunidense sobre os países da América Latina – compreende-se a expectativa dos intelectuais mexicanos pela continuidade de mudanças radicais na sociedade, inclusive para as populações originárias e as áreas rurais, algo que não se concretizou no governo de Cárdenas. Daí a decepção, não só com os governos que se sucederam a partir de 1940 como com o próprio Cárdenas – por não ter garantido que as políticas de acordo com a Revolução Mexicana se concretizassem independente do mandatário à frente do governo, ao contrário, foi justamente com Cárdenas que o presidencialismo mexicano se fortaleceu.

Esse foi outro ponto de questionamento e desilusão entre os intelectuais e estudantes na década de 1960, pois, pouco a pouco, foi-se percebendo que Cárdenas havia deixado o legado da presidência como centro aglutinador da

---

<sup>17</sup> De acordo com cálculos feitos em 1951 por José Iturriaga (1914-2011) (ITURRIAGA in CAMÍN; MEYER, 2000, p. 235) as camadas de baixa renda constituíam 90,5% da população, enquanto a classe média não alcançava 8% do total. Verifica-se, portanto, uma forte concentração de renda. Os dados disponíveis indicam que com a Revolução Mexicana a classe média ampliou-se (nos anos de 1960 representava 17% da população, um aumento de 9% em relação ao início do século) o que para alguns significava a transformação do México em um país mais justo, contudo indica apenas uma pequena distribuição de renda, a classe alta permanecia com seus privilégios. Contraditoriamente, a bandeira política do governo era a da equidade (CAMÍN; MEYER, 2000).

república, as estruturas do poder mantinham-se inalteradas mesmo tanto tempo após a revolução mexicana.

O Congresso, o Judiciário, o Gabinete, os governadores estaduais, o Exército, o partido oficial, as principais organizações de massas, o setor paraestatal e inclusive as organizações e grupos econômicos privados reconheceram e até apoiaram o papel da presidência e do presidente como instância última e inapelável na formulação de iniciativas políticas e na resolução dos conflitos de interesse na crescente complexa sociedade mexicana (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 238).

Com o governo de Miguel Alemán (1946-1952) estabeleceu-se um discurso no qual as riquezas teriam um primeiro momento de concentração para, depois, haver uma “passagem prévia e inevitável para sua posterior distribuição” (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 236).

Ao final dos anos 1960, porém, essa tal redistribuição não havia ocorrido, ao contrário, a renda mantinha-se concentrada:

A má distribuição da renda foi, em parte, o reflexo de outro fenômeno: a concentração industrial, agrícola, comercial e financeira. Segundo os dados do censo industrial de 1965, 1,5 por cento dos 136 066 estabelecimentos registrados controlava 77,2 por cento de todo o capital investido nessa atividade e gerava 75,2 por cento do valor da produção. Conforme o censo agrícola de 1960, 1 por cento das propriedades *não ejidais* controlava 74,3 por cento de toda a área agrícola em mãos de proprietários privados. No campo comercial, e nesse mesmo ano, 0,6 por cento dos estabelecimentos controlava 47 por cento do capital investido e 50 por cento da renda das vendas (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 237).

Pensar tais fatores ajuda a compreender a dimensão da desilusão dos escritores mexicanos, assim como dos estudantes, e da parte ilustrada da sociedade.

Em 1968, o descontentamento estava nas camadas médias urbanas, não vinha mais do setor camponês e operário, ocupava o coração do país, o centro das decisões políticas: a Cidade do México.

Todos esses fatores levaram ao crescimento dos questionamentos sobre a democracia mexicana, emergindo as manifestações coletivas e, com elas, as repressões.<sup>18</sup> Alguns meses antes dos jogos olímpicos que seriam realizados no

---

<sup>18</sup> Os anos de 1950 na América Latina marcam o início de longas décadas de governos ditatoriais inaugurados por golpes de estado nos países do continente. São os casos da Guatemala e do Paraguai com golpes de estado em 1954; Brasil e Bolívia, com golpes no ano de 1964; em 1973,

país manifestações tomavam as ruas. O governo, preocupado com a imagem internacional, chegou a fazer negociações contudo a prática sistemática que se verificou foi a da repressão que culminou no Massacre de Tlatelolco.<sup>19</sup>

Para Camín e Meyer (2000) a noite da Tlatelolco:

Representou o choque de uma sensibilidade política e social imobilista e monolítica – assentada nos moldes vazios da unidade nacional e na veneração aldeã aos símbolos pátrios – com as testemunhas frescas e irredutíveis de uma realidade desnacionalizada e dependente, em rápida transculturação neocolonial, extraordinariamente sensível às causas e aos símbolos que lhes eram contemporâneos.

[...] A repressão de 1968 e o massacre de Tlatelolco foram as respostas petrificadas do passado a um movimento que recolhia as pulsações do futuro, que era em si mesmo a presença embrionária de outro país e outra sociedade, cujas flutuações principais seriam cada vez mais difíceis de manejar com os velhos expedientes de manipulação e controle (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 270-271).

A revista “Cuaderno Americanos”<sup>20</sup> oferece importantes evidências de como o descontentamento da parte ilustrada da sociedade mexicana foi crescendo após o governo de Cárdenas, atravessando as décadas de 1940-1950, chegando aos anos 1960 com pleno vigor, contribuindo para os movimentos de questionamento das políticas da época. A reflexão e as investigações para um novo fazer da literatura nacional emerge neste contexto, almejando, seus autores, que fosse capaz de, ao menos, trazer para o debate as contradições do país e da complexidade da identidade para os latino-americanos.

Assim é que o tema do eu e o outro e do eu e o espelho, balizaram os pensamentos de muitos escritores mexicanos.

A Cuadernos Americanos tinha como proposta debater o que havia de comum entre as nações ibero-americanas e as possibilidades de ação, após o final da Segunda Guerra Mundial, de forma que pudessem ter um papel importante na

golpe no Chile e no Uruguai; e Argentina, em 1976. O contexto da repressão militar ampliava-se pelo continente e a violência de estado exercia-se inclusive em países sob o regime democrático.

<sup>19</sup> O Massacre de Tlatelolco ocorreu em 2 de outubro de 1968. Estudantes e trabalhadores que se manifestavam na Praça das Três Culturas em Tlatelolco (Cidade do México) foram cercados por militares que, armados com tanques e carros blindados, abriram fogo contra a multidão. Apesar de ter sido instaurada pelo congresso mexicano uma investigação, no ano de 1997, o número exato de vítimas é desconhecido.

<sup>20</sup> Criada em 1942, a revista “Cuadernos Americanos” (nome sugerido por Alfonso Reyes) nasceu da cooperação entre intelectuais mexicanos e espanhóis que fugiam da guerra civil espanhola (1936-1939) e que foram acolhidos pelo Governo de Lázaro Cárdenas. Durante tal governo, o México foi um país com atuação importante no refúgio de exilados políticos que se opunham à ditadura franquista. Sobre a participação de espanhóis nos anos iniciais da revista, Cf. Martins (2011).

geopolítica mundial. A revista teve como principais objetos a identidade e a modernização.

Os elementos comuns seriam a força necessária para que os ibero-americanos se consolidassem no cenário internacional como independentes e ao mesmo tempo interlocutores de outras potências que saíssem vitoriosas do conflito. A identificação entre estas nações ibero-americanas promoveriam uma ação de inserção e consolidação no cenário mundial. As palavras chaves resultantes desse processo seriam: identificação, identidade e ação (MARTINS, 2011, p. 4).

Nesta revista é possível observar o engajamento dos escritores mexicanos na reflexão sobre a identidade, tanto no contexto mexicano quanto no contexto mais amplo, do continente latino-americano. O compromisso dos escritores verifica-se na quantidade de artigos que abordavam tais temas e na permanência desse interesse mesmo com o passar das décadas<sup>21</sup>.

O número de janeiro-fevereiro de 1959 da revista trazia um questionário sobre o legado da Revolução Mexicana, intitulado “Tres interrogaciones sobre el presente y el futuro de México”<sup>22</sup>.

Para essa publicação uniram-se escritores de diferentes grupos e vertentes, entre eles estavam integrantes do extinto Grupo Hiperión<sup>23</sup> e jovens intelectuais da Revista “El Espectador”<sup>24</sup>. Todos esses escritores debatiam em suas reuniões a questão do mexicano e os dilemas de pensar o eu e o outro.

[...] los miembros de El Espectador son más críticos del régimen que los del Hiperión. Mientras que la orientación del Hiperión era filosófica y, de manera general, humanista, la del grupo de El

<sup>21</sup> Vale destacar os seguintes artigos publicados na revista Cuadernos Americanos, como exemplo do afirmado acima: “El Laberinto de la Soledad” de Octávio Paz; “El Suicidio del Continente” de Enrique Beltran, ambos publicados no primeiro número de 1950. “Dialéctica de la conciencia en México” de Leopoldo Zea, “En torno a las ideas sobre el mexicano” de Samuel Ramos e “Notas para un estudio del mexicano” de Emilio Uranga. Todos publicados no número 3 de 1951. E “La política internacional de la revolucion mexicana” de Manuel González Ramírez, na revista n. 4 do ano de 1955.

<sup>22</sup> Nele participaram os escritores: Víctor Flores Olea (1932-2020), Carlos Fuentes (1928-2012), Enrique González Pedrero (1930-2021), Francisco López Cámara (1926–1995), Jaime García Terrés (1924-1996), José Luis Martínez (1918-2007), Jorge Portilla (1918-1963), Emilio Uranga (1921-1988) e Leopoldo Zea (1912-2004).

<sup>23</sup> O Grupo Hiperión foi formado por alunos e professores da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Entre seus integrantes estavam: Ricardo Guerra (que mais tarde se casaria com Rosario Castellanos), Leopoldo Zea, Jorge Portilla e Emilio Uranga. Entre os ciclos de conferências promovidas pelo grupo houve: “Qué es el mexicano?”, em 1949; em 1951, “El mexicano y su cultura”; e em 1952, “El mexicano y sus posibilidades”. Cf. Rosales (2008).

<sup>24</sup> A revista “El Espectador” foi fundada por jovens intelectuais no contexto do cinquentenário da Revolução Mexicana, momento crucial para os debates acerca da nação e do legado da Revolução. Entre os colaboradores estavam: Carlos Fuentes (1928-2012), Víctor Flores Olea (1932-2020) e ex-integrantes do Grupo Hiperión – o que resultou em rachas devido às diferentes posições políticas dos escritores. Para mais, Cf. Hurtado (2010).

Espectador tendió hacia las ciencias sociales y la literatura. Si el trasfondo teórico del Hiperión fue el existencialismo de la preguerra, el de los espectadores fue principalmente el marxismo europeo post-estalinista (HURTADO, 2010, p. 3-4).

Ressalta-se que, entre as escritoras mulheres havia ainda a especificidade de pensar a identidade da mulher nessa sociedade mexicana desfigurada e confusa. Nellie Campobello (1900-1986), versou sobre a Revolução Mexicana e a participação das mulheres nesse processo histórico. “Relatos de la lucha en el Norte de Mexico” (1931) foi escrito com base nas memórias de Campobello e dos relatos de sua mãe.

Auxilia esta busca da identidade, o uso da oralidade que é um dos traços da literatura mexicana do século passado. Em Rosario Castellanos, como visto ao longo desta dissertação, a tradição oral passada a ela pelos indígenas de Chiapas – com destaque para as histórias pertencentes à cosmovisão Maya compartilhadas por Rufina, sua cuidadora – contribuiu para a incorporação de noções originárias em seu repertório. Elena Garro e Elena Poniatowska recorreram, igualmente, a lembranças da infância para escrever seus respectivos livros.

Mais uma vez, a linguagem oral e a memória, tão caras aos povos de origem Maya, mostram-se presentes, ainda que os séculos de colonização europeia e as décadas de imperialismo estadunidense tivessem tentado, por meio de violências múltiplas, apagar a existência dos povos originários.

Na busca pela identidade, os escritores mexicanos fizeram do outro e do eu temas relevantes de suas obras. Perpassados pelo tempo em que viveram, tais categorias evidenciaram-se nos seus escritos, marcados pelo contexto social de um país que, por um lado, havia passado por uma Revolução de forte participação popular e, por outro lado, implementava políticas neoliberais em sua economia.

O espelho, que possui tantos significados na psicanálise é tomado entre as mãos pelos escritores mexicanos em busca de um sentido e, se não de respostas, ao menos novas perguntas que indicassem um caminho para pensar o ser – o próprio ser – a partir de conceitos que se alinham a realidade do continente latino-americano.

### 3.2 O eu e o outro na literatura latino-americana

A exemplo do México, outros países da América Latina tiveram escritores que, ao longo do século XX, pensaram a identidade dos povos que compõem o continente, as identidades nacionais e os sentidos de ser latino-americano.

Assim, o outro torna-se elemento de análise, particularmente quando associado à simbologia do espelho, ou seja, o outro que se espelha em uma pessoa reflete o que todas elas são. Pois dessa imagem refletiva nada se esconde e que imagens se destacam nesses espelhamentos contido no fato de terem um mesmo passado colonial e um presente de imposições imperialistas, que não a possibilidade do compartilhamento de um mesmo sentimento de estranheza e solidão nos indivíduos que, embora não morem nos mesmos países, comungam entre si. Tais sentimentos foram destacados antes mesmo do *boom* de escritores latino-americanos aqui citados.

En 1934, Samuel Ramos<sup>25</sup> (1897-1950) veía en México lo que era general en el resto de los países latinoamericanos: un sentimiento de inferioridad, cuyo origen histórico estaba en la Conquista y la Colonia, pero que se manifestó ostensiblemente (RIVERA RODAS, 2009, p. 90).

As comemorações pelo centenário das independências dos países latino-americanos, na primeira metade do século XX, suscitaram reflexões acerca da identidade que pavimentaram o caminho para que, mais tarde, houvesse a literatura da identidade<sup>26</sup> e do real maravilhoso. “Recordar ese hecho un siglo después y pensar que la emancipación completa no había sido lograda todavía obligó esa revisión crítica de la historia y de la condición del ser hispano-americano” (RIVERA RODAS, 2009, p. 90).

Refletir a América Latina em sua condição de ex-colônia e em seu quadro político e social foi sendo associado à literatura pelos escritores de maneira cada vez mais intencional – pensar esse outro que havia em si mesmo, esse lado oculto, o da originalidade das raízes advindas dos povos originários.

---

<sup>25</sup> Samuel Ramos foi um escritor e filósofo mexicano, autor de “El Perfil del Hombre y la Cultura en México” (1934).

<sup>26</sup> Rivera Rodas (2009, p. 91) sobre literatura da identidade: “Por oposición a otros discursos como el de las corrientes surrealistas de los años de 1920, el discurso de la identidad asume la conciencia de su reflexión y escritura, lo que le permite reconocer concepciones contradictorias, heredadas de una larga tradición. Este tipo de discursos constituyen los discursos de la identidad”.

La mirada debía trascender la superficie de la realidad para alcanzar en la profundidad lo propiamente americano. Hasta entonces, la tradición literaria hispanoamericana había seguido en su dependencia de los modelos occidentales que limitaban e imposibilitaban la expresión propia (RIVERA RODAS, 2009, p. 113).

Julio Cortázar, na Argentina (1963); Gabriel García Márquez, na Colômbia (1967); Isabel Allende, no Chile (1982); Alejo Carpentier, em Cuba (1962); Miguel Ángel Asturias, na Guatemala (1949); e Arturo Ustar Pietri, na Venezuela (1969) são apenas alguns da vasta gama de escritores do século passado que se viram diante da complexidade de pertencer a um continente fraturado e, sobretudo, de culturas híbridas.

Mas, em face à dificuldade de recuperar as referências necessárias à configuração dessa identidade, diante do soterramento da originalidade latino-americana que reside nas culturas originárias, o escritor latino-americano consciente se vê diante de bifurcações e percebe a necessidade de voltar seu olhar para o próprio continente, na impossibilidade e recusa de ser apenas uma cópia do modelo colonial e neocolonial.

As leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes. Não poderiam nunca sê-lo.  
[...] Nesse espaço, se o significante é o mesmo, o significado circula outra mensagem, uma mensagem invertida (SANTIAGO, 2019, p. 19).

A língua e a religião foram dois dos elementos de dominação no momento da colonização do continente americano, Silvano Santiago (2019, p. 9) explica que “instituir o nome de Deus equivale a impor o código linguístico no qual seu nome circula em evidente transparência.”

O código linguístico e o código religioso se encontram intimamente ligados, no entanto, se por um lado denotam a violência das dominações, por outro espelham a força das resistências em suas múltiplas dimensões. É através da própria língua que se operam movimentos de subversão. “O escritor latino-americano brinca com os signos de um outro escritor, de outra obra” (SANTIAGO, 2019, p. 18).

Em Balún-Canán, é pelo conhecimento do espanhol que o personagem Felipe lê os jornais e toma ciência das novas leis vigentes (as leis educacionais do governo de Lázaro Cárdenas) – é também através da língua do colonizador que ele se coloca diante do patrão, César. Mas também é subvertendo a língua de quem o explora que

Felipe exige os seus próprios direitos e os de todos os seus companheiros, trabalhadores camponeses Tzeltales. É notável o desprezo e a revolta da personagem Zoraida com os indígenas que sabem falar o espanhol, como se observa na seguinte passagem:

—¿Entiendes lo que están diciendo? —pregunta se ñalando al grupo de indios. — No. —Ellos son tan rudos que no son capaces de aprender a hablar español. La primera vez que vine a Chactajal quise enseñarle a hablar a la cargadora de la niña. Y ni atrás ni adelante. Nunca pudo pronunciar la f. Y todavía hay quienes digan que son igua les a nosotros (CASTELLANOS, 1978, p. 96).

Assim, o conflito se opera também no campo da linguagem. Como menciona Santiago (2019, p. 17), “é preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida”.

Em um movimento antropofágico deglute o modelo ocidental vomitando uma literatura que é mais do que uma *mimesis*, está nela a marca das experiências próprias dos indivíduos latino-americanos, num contexto de submissão econômica e violências imperialistas, entendendo que é necessário olhar e reconhecer as matrizes originárias que estiveram presentes no momento da colonização e sobrevivem no dia a dia (SANTIAGO, 2019). Desta forma o escritor latino-americano, assim como qualquer sujeito do continente, encontra-se em um entrelugar:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2019, p. 23-24).

No entrelugar, o hibridismo é a marca cultural (CANCLINI, 2013), noções ocidentais entrecruzam-se<sup>27</sup> com concepções dos povos originários do continente.

No hibridismo investigado neste trabalho, as noções ocidentais se entrecruzam com as dos Mayas, porém, em todo o movimento da literatura conhecida como realismo mágico ou por uma literatura do real maravilhoso, a marca de uma outra concepção de tempo está presente, como foi discutido no primeiro

---

<sup>27</sup> Necessário ressaltar que o processo de entrecruzamento de tais culturas decorreu de processos históricos que não foram isentos de violência, o homem europeu agiu como perpetrador de tais violências que subjugaron povos e objetivaram apagamentos culturais além da própria eliminação física de grupos inteiros.

capítulo desta dissertação, e tal marca emerge, justamente, das condições concretas da sociedade em que está inserida essa literatura.

Ao tratar neste item do uso da linguagem pelos escritores latino-americanos do século XX, como não recordar a rebelião de Cancuc (1712) em Chiapas, que distante no tempo aproxima-se do ato dos escritores aqui abordados pelos mecanismos de subverter a lógica de poder dos dominantes. Enquanto aqui a linguagem marca a estratégia da subversão, naqueles idos tempos do século XVIII, foi a subversão de um ícone religioso o fundamento da rebelião.

Considerada a rebelião indígena mais importante da região de Chiapas no período colonial, a revolta teve início em julho de 1712, com a jovem María López, filha do sacristão do povoado de Cancuc, que comunicou que a Virgem (Maria, mãe de Jesus) havia aparecido para ela e feito o pedido de que construíssem uma capela para que a Virgem pudesse viver entre os indígenas.

Com o apoio de anciões locais e de fora, María López convenceu o povoado, assim, quando o frei Simón de Lara – único homem branco de Cancuc – tentou desacreditar o relato de López, não obteve apoio. A capela foi construída em pouco tempo e passou a atrair, desde o início, fiéis de localidades próximas. Diante de tais acontecimentos, as autoridades espanholas puseram-se preocupadas em perder o controle da região, dado que a maior parte da população era composta por indígenas. Houve ordens para destruir a capela, porém o resultado foi a fuga do Frei Simón de Lara de Cancuc, após ser ameaçado de morte pelos locais (VIQUEIRA; RUZ, 1995).

El 8 de agosto, ante una muchedumbre de indios de unos diez pueblos de la provincia de Los Zendales, la joven india, que ahora se hacía llamar María de la Candelaria, dio la señal del inicio de la rebelión contra el dominio español (VIQUEIRA; RUZ, 1995 p. 31).

Comunicados escritos pela população de Cancuc foram enviados a diversas regiões dizendo que:

Era voluntad de Dios que [la Virgen de Cancuc] hubiese venido por sus hijos los indios para libertarles del cautiverio de los españoles y ministros de la Iglesia y que los ángeles vendrían a sembrar y cuidar sus milpas, y que por señas que habían tenido en el sol y la luna había muerto ya el rey de España y era fuerza nombrar otro. [...] el rey que los había de gobernar sería de su elección de ellos y serían libres de los trabajos que padecían y de pagar tributos" (129 AGI, Guatemala, 293, exp. 12, ff. 2-7v. Cabeza de proceso. Tacotalpa de Tabasco, 19 de agosto 1712 (apud VIQUEIRA; RUZ, 1995, p. 33).

Do movimento participaram 32 povos e por cerca de 3 meses controlaram a região que compunha as províncias de Los Zedales, Guardianía de Huitiupán, la de Coronas e de Chinampas, dada a região, estavam inclusos povos que falavam o tzeltal, o tzotzil e o chol (VIQUEIRA; RUZ, 1995).

A única província não dominada foi Ciudad Real, hoje a emblemática cidade de San Cristobal de Las Casas. Para conseguir interromper a rebelião, as autoridades espanholas enviaram exércitos da província da Guatemala que conseguiu, após semanas, derrotar os revoltosos.

A questão que aparentava ter um teor religioso, o direito de as pessoas do povoado terem sua própria capela, evoluiu para um embate que questionava a dominação espanhola. Vê-se que, se por um lado, o europeu que aqui no continente chegou utilizou da religião católica para violentar e controlar os povos, por outro, a mesma religião trazida da Europa em seus barcos foi usada para contestar esse domínio ilegítimo.

Subverter a lógica do dominante e utilizar, por vezes, de suas próprias armas para protestar é um recurso utilizado desde há muito tempo pelos povos latino-americanos. Ressalta-se que o episódio da rebelião de Cancuc não foi o único em que indígenas se utilizaram de figuras da religião católica para propagar o fim da dominação espanhola:

En 1711 un indio pasó por Simojovel, predicando que era el primo de la Virgen de la Soledad y que ella no tardaría en venir al mundo.<sup>118</sup> Al mismo tiempo, otro indio que afirmaba ser san Pablo, recorrió la región anunciando el fin de los tiempos.<sup>119</sup> En marzo de 1712, se propagó por una amplia zona el milagro de la aparición de la Virgen en Santa Marta Xolotepec (VIQUEIRA; RUZ, 1995, p. 29).

Conclui-se que as forças opressoras se impõem, mas a força de resistência se manifesta através dos atos de sublevação e confronto que as transmutam para si.

Em todo o continente, o que se verifica é um mesmo incômodo de olhar para si mesmo como um sujeito de raízes incertas, de culturas que se sobrepuseram, onde uma foi perpetradora de violências sistêmicas e a outra resistiu e lutou para manter-se viva. Quais são os elementos identitários que cada espelho pode oferecer a esses escritores?

Cada um, à sua maneira, enfrentou sua imagem e a do outro, contudo, o fio condutor esteve na literatura, na linguagem. A linguagem foi instrumento para denunciar violações e expressar demandas por modificações da realidade latino-

americana modificações da realidade latino-americana não apenas para a Rosario Castellanos, mas também para cada escritor que enxergou a complexidade da América Latina e que sentiu em seu próprio ser as marcas do hibridismo, das contradições sociais e as violências do passado e do tempo em que viviam.

### 3.3 Castellanos e o outro eu

Rosario Castellanos, assim como as escritoras e os escritores de seu tempo, refletiu sobre o outro, havendo, porém, uma categoria a mais nessa reflexão, a da condição guardada aos indivíduos do gênero feminino. Se, buscar a própria identidade constituía tarefa difícil, buscar a própria identidade sendo uma mulher latino-americana exigia (aliás, exige, ainda hoje) tocar em temas que a escrita masculina não alcançava e isso se deve às experiências específicas às quais as mulheres passam.

Castellanos entendia que era necessário primeiro identificar os problemas vividos pelas mexicanas para, depois, poder construir um caminho de luta que objetivasse a desestruturação do modelo patriarcal em que tal sociedade inseria-se.

“Ser mujer, en México, es un problema; entonces hay que planteárselo de la forma más lúcida posible porque creo que es la manera de dar un paso hacia su solución” (CASTELLANOS apud IBRAHIM-ALY-HAROUN, 2010, p. 68).

No México, o direito ao voto só foi conquistado pelas mulheres no ano de 1953<sup>28</sup>, fruto das décadas de mobilização das próprias mulheres e não como resultado da agenda do governo do presidente Miguel Alemán, que tentou passar essa imagem (TUÑÓN in ESCANDÓN, 2006).

Tais mulheres pertenciam, em sua maioria, à classe média mexicana e não visavam à transformação do patriarcado, no entanto, as ideias socialistas prosperavam na América Latina no início do século XX. No caso do México, um grupo de mulheres socialistas lideradas por Concha Michel<sup>29</sup> e Juana Gutiérrez de

---

<sup>28</sup> O processo arrastou-se até 1946, quando o presidente Miguel Alemán (1946-1952), por meio da reforma do artigo 115, concede o direito ao voto feminino.

<sup>29</sup> Concha Michel (1899-1990) foi uma cantora, compositora e folclorista. Pertenceu ao Partido Comunista e manteve contato com Alexandra Kollontai (1872-1952) enquanto esta foi embaixadora da União Soviética no México.

Mendonza<sup>30</sup> reivindicava o direito ao voto, pensando um conjunto de ações que combatesse o sistema patriarcal.

Uma das decepções por parte das mulheres intelectuais e politicamente engajadas, como Rosario Castellanos, com a Revolução Mexicana e a Constituição de 1917 tratava-se, justamente, da falta dos direitos políticos. O artigo 34 de tal constituição manteve-se inalterado, ou seja, ainda era o mesmo da constituição de 1857:

Son ciudadanos de la República todos los que teniendo la calidad de mexicanos, reúnan, además, los siguientes requisitos: I.Haber cumplido dieciocho años, siendo casados, o veintiuno si no lo son, y II.Tener un modo honesto de vivir (CONSTITUIÇÃO MEXICANA, 1917)

Entre as décadas de 1920 e 1930, foram raros os casos em que mulheres ocuparam postos públicos: “A pesar de que el Congreso Constituyente del 17 pretendía ampliar el régimen democrático, negó a la mujer el derecho a votar y ser votada para cargos públicos” (TUÑÓN in ESCANDÓN, 2006, p. 184).

Em Yucatán, 1922, Rosa Torres (1890-1973) tornou-se presidenta municipal de Mérida. No ano seguinte, 1923, o Partido Socialista propôs três mulheres para o cargo de deputadas em Yucatán; no entanto, tais candidaturas haviam sido viabilizadas dada a iniciativa de Felipe Carrillo Puerto (1864-1924), quando este perdeu poder político as mulheres foram destituídas de seus respectivos cargos (TUÑÓN, in ESCANDÓN, 2006).

Cabe ressaltar que no período, mulheres feministas, operárias e camponesas iniciaram mobilizações, resultando em congressos realizados na Cidade do México<sup>31</sup>, ganhando força a reivindicação pelos direitos políticos das mulheres.

O estado de Chiapas, em 1925, reconheceu a igualdade de direitos políticos para as mulheres e os homens. Ao longo da década de 1930, ocorreram mais congressos organizados por operárias e camponesas.

---

<sup>30</sup> Juana Gutiérrez de Mendonza (1875-1942) foi uma professora rural, veterana da Revolução Mexicana (1910) e coronel zapatista do Batalhão Liberdade (formado por mulheres, viúvas e esposas de zapatistas). Veterana de la Revolución, coronela zapatista comandante del Batallón Libertad (formado por viudas y esposas de zapatistas), maestra rural.

<sup>31</sup> Em 1923, ocorreu na Cidade do México o Primeiro Congreso Feminista de la Liga Panamericana de Mujeres. Em 1930, Elvia Carrillo Puerto (1878-1968) e Florinda Lazos León (1898-1973) organizaram na Cidade do México o primeiro Congreso de obreras y Campesinas, que se repetiram em 1931 e 1933.

En 1931 y 1933 se celebraron otros dos congresos de mujeres obreras y campesinas que reiteraron las peticiones del primero. Pero sólo en la segunda mitad de los años treinta las movilizaciones de mujeres encaminadas a lograr derechos políticos adquirieron mayor importancia. (TUÑÓN in ESCANDÓN, 2006, p. 184).

Em entrevista para a rádio UNAM, em 1969, Rosario Castellanos é questionada sobre o papel da mulher na sociedade de seu tempo, a resposta vem com uma reflexão de que muito se fala do passado e do presente, mas sem haver propostas para o futuro:

— Yo creo que hasta hoy todos los libros que han aparecido sobre feminismo han sido libros en los que se hace una crítica o del pasado o de el presente. Pero no se propone nada para el futuro. Lo máximo a que se llega es pedir una buena ventaja en la sociedad como esta establecida. Yo no creo que eso baste, porque los hombres que han constituído esa sociedad no están ni contentos ni plenamente realizados en ella. Y nosotros no debemos porque ir tratar de igualarlos en la frustración, porque no seria en la plenitude. Entonces tendremos que ver las cosas en un punto muchísimo más *radical* de que como ahora se ha visto. Yo creo que si va haber una revolución femenina no va a ser una cosa que simplemente reforme la superficie, si no que llegue, realmente, al fondo del problema (PERUCULTURAL ACADÉMICO, s.d., grifo nosso).

Assim, Castellanos se aproxima das sufragistas da década de 1930, que compreendiam a necessidade de uma alteração na estrutura da sociedade mexicana e não apenas retoques e reformas em leis.

Ainda que já tenha sido citado, o poema “*Entrevista de Prensa*” exige análises mais cuidadosas.

Entrevista de Prensa  
Pregunta el reportero, con la sagacidad  
que le da la destreza de su oficio:  
—¿Por qué y para qué escribe?  
—Pero, señor, es obvio. Porque alguien (cuando yo era pequeña)  
dijo que gente como yo no existe. Porque su cuerpo no proyecta  
sombra, porque no arroja peso en la balanza, porque su nombre es  
de los que se olvidan.  
Y entonces... Pero no, no es tan sencillo. Escribo porque yo, un día,  
adolescente, me incliné ante un espejo y no había nadie.  
¿Se da cuenta? El vacío. Y junto a mí los otros  
chorreaban importancia (CASTELLANOS, 2014, p. 302).

Como discutido nos capítulos anteriores, tais linhas explicitam o vazio que Castellanos possuía em relação à sua identidade. Mas a experimentação desse vazio tem origem não em questões subjetivas ou de natureza biológica, mas sim, na

experiência social e concreta de pertencer a um grupo da sociedade que é historicamente subjugado e que, ao passar dos séculos, conquista seus direitos sob longos e contundentes processos de questionamento e revolta.

Assim, Castellanos toma consciência de que não fala apenas de si, da sua vida pessoal, e sim da vida de inúmeras mulheres de seu tempo. As questões do outro e do seu próprio eu, definitivamente estão inter-relacionadas e elas remetem às origens sociais do problema.

O vazio de Castellanos não significa o todo da experiência feminina no continente latino-americano desde a chegada dos europeus, contudo, inegavelmente, é parte desse todo, e por assim dizer, é passível de análise.

O enigma de tomar um espelho entre as mãos e não ver nada se estende às relações pessoais de Castellanos. Ao olhar o não rosto das mulheres mexicanas, sobretudo as indígenas – que além do peso do gênero sofriam com a discriminação de raça – ela notava as semelhanças com o seu não rosto. Uma vez mais, o vazio no espelho. Refletir sobre si significava refletir sobre o outro, sobre essas outras mulheres, que mesmo diferentes em raça estavam juntamente subjugadas à estrutura capitalista e machista da sociedade em que viviam. Modificar radicalmente tal estrutura era uma necessidade para Castellanos.

Ao final da década de 1940 – momento em que está finalizando o mestrado em filosofia –, Castellanos conhece na UNAM, os escritores Marco Antonio Millán (1913-1999) e Efrén Hernández (1904-1958), diretor e membro da revista “América”<sup>32</sup>, respectivamente. A partir dessa amizade, Castellanos passou a publicar, em 1948 (sua primeira publicação na revista foi no número 55, do mês de fevereiro), poemas na revista que tinha como objetivo debater política e literatura, havendo uma sessão específica para valorização das contribuições indígenas à cultura latino-americana e para denúncia das condições de vida às quais as populações originárias estavam submetidas.

Nota-se em Castellanos a preocupação em um fazer literário alinhado a ações políticas já no seu início de carreira. Sob a orientação de Efrén e em constante diálogo com Antonio Millán e Dolores Castro (1923-2022), Castellanos aprofundou

---

<sup>32</sup> Fundada em 1940 por um grupo de poetas e integrantes da Juventudes Socialistas Unificadas de México, entre eles Roberto Guzmán Araujo (1911-1969) e Manuel Lerín (1913-1997). Em 1942, passa a ser dirigida por Marco Antonio Millán. Existiu até o ano de 1960, entre os escritores que publicaram na revista estão Pablo Neruda (1904-1973) e Emilio Carballido (1925-2008). Além disso, os contos de El Llano en Llamas de Juan Rulfo se deram a conhecer a partir da revista America.

os estudos sobre escrita; reuniam-se em cafés da cidade do México com tal objetivo e, mesmo após a viagem de estudos de Castellanos e Castro para Madrid, continuou pedindo a opinião de Efrén Hernández, como é possível verificar em cartas que a escritora enviava ao amigo.

Tais cartas (resgatadas pelo trabalho de Gordon e Rodríguez, 1996) permitem conhecer melhor a relação de Castellanos com a literatura sob uma perspectiva política no período que vai do final dos anos 1940 até o início de 1950, momentos antes da publicação de *Balún-Canán* (1957). Tais informações são relevantes para compor o quadro da trajetória política da escritora, demonstrando como a ação se constrói no dia a dia, no passar do tempo.

Castellanos não nasceu uma escritora feminista atenta às desigualdades sociais, ela tornou-se essa escritora, e isso se deu, fundamentalmente, a partir da experimentação do real concreto. Castellanos elegeu a linguagem como arma e como forma de atuação política, e deixa transparecer aos amigos Efrén e Ocampo que se não fosse dessa maneira, não saberia como viver. Sua identidade, seu fazer político e sua autoanálise passavam, principalmente, pelo ato de escrever. Rosario Castellanos perseguiu o objetivo de uma escrita relevante socialmente, como é possível verificar em sua carta a Efrén Hernández:

Yo también tengo no sólo una gran fe sino que es esa mi única esperanza y el sentido de mi vida. Sé que si fallo en eso no será más que por incapacidad. Porque no habrá nada que esté a mi alcance que yo no haga. Si a pesar de todo eso no puedo escribir pues entonces ya no habrá más remedio que. dejar las cosas por la paz. (Carta de Rosario Castellanos a Efrén Hernández. Madrid, 21 de fevereiro de 1951 apud GORDON; RODRÍGUEZ, 1996, p. 201)

Daí temos destacado a importância das revistas literárias do século passado, local de experimentação, debate e criação de novos caminhos para a literatura, seja de Rosario Castellanos, seja de dezenas de escritores latino-americanos, como os aqui mencionados. Compreende-se, portanto, que para a ação política dos escritores tal espaço foi fundamental e em seu meio está Castellanos.

Na década de 1960, a atuação de Castellanos chama atenção dos órgãos repressivos que a monitoraram por considerá-la “um elemento de esquerda” (DOMÍNGUEZ MIRANDA, 2019 apud DÍAZ, 2021).

Em meio às revoltas e à repressão, que levou o período a ser alcunhado como período da guerra suja<sup>33</sup>, ocorre o massacre de Tlatelolco. Entre os órgãos repressivos existia a Dirección Federal de Seguridad (DFS)<sup>34</sup>, o mesmo que monitorou a escritora Rosario Castellanos, principal polícia política do governo do Partido Revolucionário Institucional, o PRI.

Após os acontecimentos da noite do massacre em Tlatelolco, Rosario Castellanos escreveu o poema Memorial de Tlatelolco, no qual pede que a violência daquela noite não seja esquecida. A memória histórica é para a escritora um elemento fundamental para a identidade.

Memorial de Tlatelolco  
La oscuridad engendra la violencia  
y la violencia pide oscuridad  
para cuajar el crimen.

Por eso el dos de octubre aguardó hasta la noche  
para que nadie viera la mano que empuñaba  
el arma, sino sólo su efecto de relámpago.

Y a esa luz, breve y lívida, ¿quién? ¿Quién es el que mata?  
¿Quiénes los que agonizan, los que mueren?  
¿Los que huyen sin zapatos?  
¿Los que van a caer en el pozo de una cárcel?  
¿Los que se pudren en el hospital?  
¿Los que se quedan mudos, para siempre, de espanto?  
¿Quién? ¿Quiénes? Nadie. Al día siguiente, nadie.

La plaza amaneció barrida; los periódicos  
dieron como noticia principal  
el estado del tiempo.  
Y en la televisión, en la radio y el cine  
no hubo ningún cambio de programa,  
ningún anuncio intercalado ni un  
minuto de silencio en el banquete.  
(Pues prosiguió el banquete.)

No busques lo que no hay: huellas, cadáveres,  
que todo se le ha dado como ofrenda a una diosa:  
a la Devoradora de Excrementos\*.

---

<sup>33</sup> Como mencionado, nas décadas de 1960 e 1970 diversos grupos guerrilheiros atuaram no México. A forma como o governo enfrentou tais grupos, a partir do terrorismo de Estado, ficou conhecido na historiografia mexicana como Guerra Suja. Para mais, Cf. García (2011).

<sup>34</sup> A Dirección Federal de Seguridad existiu entre os anos de 1947 e 1985. De acordo com Los agentes en nómina de la DFS estuvieron distribuidos en todo el territorio nacional y vigilaron tanto a “los amigos como a los enemigos del régimen”. Estos agentes en nómina de la DFS colaboraron con ella a través de su infiltración en los más diversos espacios e instituciones de la sociedad mexicana. Recentemente, os arquivos da DFS foram abertos e estão sendo objeto de pesquisas. O governo mexicano qualificou a abertura do arquivo como “una fuente imprescindible para reconstruir una historia de México más amplia”. Cf. Macedonio (2018).

No hurgues en los archivos pues nada consta en actas.  
 Ay, la violencia pide oscuridad  
 porque la oscuridad engendra sueño  
 y podemos dormir soñando que soñamos.

Mas he aquí que toco una llaga: es mi memoria.  
 Duele, luego es verdad. Sangra con sangre.  
 Y si la llamo mía traiciono a todos.

Recuerdo, recordamos.  
 Esta es nuestra manera de ayudar a que amanezca  
 sobre tantas conciencias mancilladas,  
 sobre un texto iracundo, sobre una reja abierta,  
 sobre el rostro amparado tras la máscara.

Recuerdo, recordemos  
 hasta que la justicia se siente entre nosotros. (CASTELLANOS,  
 2018)

### **3.4 Ironia e ninguneo: ironizar para se enxergar no espelho.**

A ironia foi largamente utilizada por Castellanos, pois armando-se de tal recurso, ela escrevia para o outro – para as mulheres – e para si mesma. Sua amiga e escritora Dolores Castro (1923-2022), em entrevista para o Canal 22 (2017), comenta que na época da secundária<sup>35</sup> Castellanos era uma jovem calada e tímida, mas que foi se transformando à medida que ganhava aptidão para a ironia.

Isso demonstra como, a partir do manejo da palavra, Castellanos se colocava no mundo de forma cada vez mais contundente e autônoma.

Na tentativa de provocação irônica, Castellanos movimentava em si mesma as amarras que sabia que ainda a prendiam, amarras decorrentes de toda uma vida perpassada pela violência simbólica e pelo “ninguneo”.

No Dicionário de Espanhol do México (DEM), “ningunear” significa “tratar a uma persona como si no existiera o no fuera nadie, hacerla menos o ignorarla” (DICCIONÁRIO DE ESPAÑOL DE MÉXICO, 2023).

Em sua vida, Castellanos encontrou-se em tal posição, sobretudo no período da infância, como detalhado nos capítulos anteriores. Contudo, para além do sentimento de não existir enquanto sujeito, logo, a nível subjetivo, Castellanos

---

<sup>35</sup> A secundária é o último nível da educação básica mexicana. Dolores Castro foi amiga de Castellanos durante toda vida e estudou na UNAM no mesmo período que ela.

também pensava a marca do ninguneo a nível coletivo, na sociedade mexicana, como registrou em poema que leva como título, justamente, a palavra “ninguneo”:

### NINGUNEO

En la tierra de Descartes, junto a la estufa  
 -ya que nieva y tiritó-,  
 no pienso, pues pensar no es mi fuerte, ni siento,  
 pues mi especialidade no es sentir sino solo  
 mirar, así que digo  
 (pues la palabra es la mirada fija):  
 ¿Qué diablos hago aquí en la ciudad Lux,  
 presumiendo de culta y de viajada  
 sino aplazar la ejecución de una  
 sentencia que ha caído sobre mí?

La sentencia que dicta: “No existes”. Y la firman  
 los que para firmar usan el Nos  
 mayestático: el Único que es Todos;  
 los magistrados, las cancillerías,  
 las altas partes contratantes, los  
 trece emperadores astecas, los poderes  
 legislativo y judicial, la lista  
 de virreyes, la Comisión de Box,  
 los intitutos descentralizados,  
 el Sindicato Único de Voceadores y...  
 ... y, solidariamente, mis además compatriotas.  
 (CASTELLANOS, 2014)

A invisibilidade que Castellanos experimentou, estendeu-se para a sua profissão. Embora em vida tenha sido reconhecida como importante professora, jornalista e escritora, Castellanos não alcançou o reconhecimento do caráter intelectual e político de sua obra enquanto viveu, como nos diz Miranda (2019). Apenas em estudos recentes começa-se a destacar a importância de sua consciência social e de sua obra enquanto material para pensar a sociedade.

Cabe ressaltar que Rosario Castellanos teve a entrada barrada na Revista Plural, dirigida por Octavio Paz. (MIRANDA, 2019)

Após falecer a escritora foi sepultada na Rotunda de pessoas ilustres da Cidade do México, ganhando inúmeras homenagens institucionais, como da UNAM e do próprio governo.

Acerca da diferença entre o reconhecimento em vida e o reconhecimento após a morte, o político e amigo de Castellanos, Jaime Sabines (1926-1999), afirmou:

Ella pago muy caro por dedicarse a la literatura, era francamente rechazada. Su muerte todo lo cambió; ahora cuando paso por Comitán y veo que hay un parque, un centro cultural, una cancha de fútbol y una calle que se llaman “Rosario Castellanos” me da risa. Aquella mujer ingênua, limpia, sencilla, fue víctima de todo el mundo. No pudieron salvarla sus grandes cualidades: su inteligencia, su infinito sentido del humor, su excelente poesia. (SABINES apud ZAREBSKA, 1994, p. 87)

No funeral de Castellanos, uma fala de Octávio Paz chamou atenção, pois apenas a elogiou como pessoa, sem mencionar seu valor enquanto intelectual mexicana. Assim, o reconhecimento de Castellanos como uma intelectual mexicana tardou em ocorrer. (MIRANDA, 2019) O ninguneio perpassou até mesmo a morte da escritora.

Cabe mencionar que embora exista no Brasil, o conceito de ninguendade, de Darcy Ribeiro (1995), os termos apenas se aproximam, não havendo uma correspondência total entre as duas ideias, uma vez que Darcy Ribeiro compreende a ninguendade como resultado da mestiçagem da população brasileira, onde os filhos de homens europeus com mulheres indígenas não se sentiam nem brancos, nem indígenas, tendo a identidade feita a partir do que não se é, diferentemente do ninguneio mexicano, que está associado a invisibilidade.

Conclui-se que o outro de Castellanos é o sujeito ninguneado, os indivíduos considerados pelos senhores da sociedade mexicana como inferiores, os invisíveis, no caso: as mulheres e os indígenas.

### 3.5 O outro lado de Castellanos

Nos diversos trabalhos que existem sobre a vida de Rosario Castellanos e sobre sua obra, uma omissão (intencional ou não) é feita em relação a uma pessoa que cresceu junto a ela, María Escandón é o seu nome. Durante a infância de Castellanos, María Escandón foi sua “cargadora”, mais precisamente entre os três e os seis anos de Castellanos e os cinco e oito anos de Escandón. Em artigo publicado no jornal “Excélcior” meses antes de sua morte, Castellanos escreveu sobre Escandón e sobre sua empregada em Tel Aviv, Herlinda Bolaños. Castellanos explica do que se tratava a função de cargadora, além de definir essa prática como uma instituição colonial:

Esta institución [...] consistía en que el hijo de los patrones tenía para entretenerse, además de sus juguetes que no eran muchos y que eran demasiado ingenuos, una criatura de su misma edad. Esa criatura era, a veces compañera con iniciativas, con capacidad de invención que participaba de modo activo en los juegos. Pero, a veces también, era un mero objeto en que el otro descargaba sus humores: la energía inagotable de la infancia, el aburrimiento, la cólera, el celo amargo de la *posesión* (CASTELLANOS, 2010, p. 3-4, grifo nosso)

No entanto, María Escandón recusa a função de cargadora, afirmando que não tinha idade suficiente para carregar Castellanos. A mãe de María Escandón, então, a doou para Adriana Castellanos, mãe de Rosario Castellanos, o que revela uma prática social que remete às *encomiendas* coloniais, em plena república mexicana, pós-revolução, já que Castellanos nasceu em 1925, logo, Escandón em 1923.

Escandón acompanhou a família de Castellanos quando se mudaram para a Cidade do México e permaneceu sendo cozinheira e criada de Adriana Castellanos até a morte da patroa, em 1948.

Escandón trabalhou para Rosario Castellanos, inclusive durante o período em que a escritora trabalhou no Instituto Indigenista de Chiapas. A relação de patroa e empregada durou até 1958, um ano após o lançamento de *Balún-Canán* (1957). Ao recordar no artigo mencionado, o momento da juventude de ambas, Castellanos afirma ter se desculpado com Escandón, algo que Escandón nega ter acontecido:

El día en que, de una manera fulminante, se me reveló que esa cosa de la que yo hacia uso era una persona, tomé una decisión instantánea: pedir perdón a quien había yo ofendido. Y otra para el

resto de la vida: no aprovechar mi posición de privilegio para humillar a otro (CASTELLANOS, 2010, p. 4).

Se Castellanos realmente se desculpou com Escandón não é possível averiguar, porém o que interessa nesse relato é que mesmo que tenha elaborado tais ideias, Castellanos não notou a contradição em permanecer tendo María Escandón como empregada. A contradição, que salta aos olhos, parece não ter sido vista por Castellanos até muito tempo depois, quando, em suas próprias palavras, se dá conta de sua atitude e da relação de poder entre as classes:

Así que María se fue a trabajar con Gertrudis Duby, quien no salía de su asombro (y así me lo dijo con reproche) de que después de tantos años de convivencia yo no le hubiera enseñado a María ni a leer bien ni a escribir. Yo andaba de Quetzalcóatl por montes y collados mientras junto a mí alguien se consumía de ignorancia. Me avergoncé. Me prometí que la próxima vez (si es que había una próxima vez) no sería lo mismo (CASTELLANOS, 2000, p. 5).

Nesse artigo do final da vida, Castellanos reflete sobre a relação que teve com María Escandón, uma relação perpassada pelo poder e fundamentada na diferença de classes. Ela relata como se deu, então, sua relação com Herlinda Bolaños, sua última empregada: “Mi política en relación con Herlinda Bolaños fue totalmente diferente. Pero no me atrevería yo a decir que más adecuada.” (CASTELLANOS, 2000, p. 5).

Castellanos conclui que, embora tenha tentado ser uma patroa justa, financiava os estudos de Bolaños e nutria amizade com ela, aquela relação estava atravessada por:

[...] los siglos de tradiciones, de prejuicios, de dogmas que poníamos, todos los días, en tela de juicio. Yo desbarataba con mis argumentos lo que Herlinda volvía a reconstruir pacientemente con su memoria, con su fidelidade a consignas ancestrales (CASTELLANOS, 2000, p. 5).

Assim, embora condicionada por sua posição social, Castellanos aparenta ter compreendido a dimensão colonial do trabalho doméstico realizado por mulheres que residem na própria casa da patroa. Ter uma pessoa morando em sua casa, a seu serviço, inevitavelmente remete às estruturas coloniais do continente latino-americano. Nos últimos meses de vida Castellanos não teve mais empregadas.

## CONCLUSÃO

O trabalho orientou-se a partir da análise da hermenêutica para pesquisar o que há no romance *Balún-Canán* que leva a reflexão da concretude daquele período. As proposições iniciais foram as seguintes: ao pensar a própria identidade Rosario Castellanos pôde alcançar aspectos da sociedade mexicana em que viveu? O enredo de seu romance revela inquietações que atravessavam não apenas a escritora, mas, também, intelectuais e artistas que se percebiam diante da complexidade da composição cultural do continente latino-americano levando em consideração a violência do passado colonial?

A partir das categorias extraídas do romance realizaram-se análises que permitem elaborar algumas conclusões.

No capítulo 1, “Tecendo fios e memórias” conclui-se que a escritora Rosario Castellanos utilizou a literatura como forma de reagir frente a realidade histórica da sociedade em que vivia. A língua em *Balún-Canán* é utilizada pela escritora como elemento fundamental da trama, atravessando toda a história, através do romance Rosario Castellanos reconta a história mexicana destacando a tentativa de apagamento da cultura originária que ocorreu durante a conquista e que se estendeu até mesmo após a revolução mexicana.

No romance Castellanos entrecruza temporalidades, trazendo o elemento mágico a partir da inserção de elementos da cosmovisão Maya, tal estratégia literária remete ao real maravilhoso.

A verificação de cartas escritas por Castellanos possibilitou compreender a maneira que a escritora entendia a relação entre vítimas e algozes, traço presente em sua escrita e sobretudo, no romance *Balún-Canán*.

A escritora utilizava a literatura para pensar as relações sociais estabelecidas no país em que vivia, refletindo, sobretudo, a condição da mulher na sociedade e tais reflexões estavam intrinsecamente relacionadas com sua própria história e experiências vividas na região de Chiapas. Tais vivências foram fundamentais para que a escritora compreendesse o universo místico dos Tzeltales e dos Tojolabales, inserindo-as, assim, em sua literatura e combatendo as ideias preconcebidas acerca das populações originárias, de que seriam esses inferiores.

Foi a partir da consciência acerca dos preconceitos de raça e de classe existentes no México de seu período que a escrita de Castellanos pôde apresentar

personagens múltiplos e complexos, utilizando suas obras para denunciar a exploração que povos originários viviam.

Observa-se que o tempo, embora propagado pela historiografia positivista como uma linha reta que progride ininterruptamente, é sentido e experienciado pela humanidade de múltiplas formas. Se, por um lado, os europeus que chegaram ao século XVI, ao continente latino-americano, assim o entendiam, por outro lado, os povos originários da região o elaboravam de maneira distinta. O calendário circular dos Mayas talvez seja um dos exemplos mais conhecidos do tempo cíclico.

Ainda no capítulo 1, observa-se a importância da ideia de tempo circular que possuem os povos Mayas e como tal concepção contribuiu para a literatura do insólito na escrita de Castellanos.

Ademais, conclui-se no capítulo que considerar as obras latino-americanas como características do realismo mágico é insuficiente uma vez que os elementos insólitos advêm, muitas das vezes, da brutal realidade latino-americana. O sobrenatural manifesta-se em meio a cenários de violência social e, sobretudo, violências institucionais.

Conclui-se que Castellanos possuía uma visão acerca da narrativa da realidade que convergia com a de Carpentier, embora esta dê um destaque e finalidade para a literatura que vai além da captação do “real maravilhoso”. Ela compreendia a arte como um elemento capaz de provocar reflexões e via a realidade como um espaço de disputa, onde quem vem ganhando nos últimos tempos é o burguês, por ter os recursos necessários para dominar o debate (CASTELLANOS, 2017). Em contrapartida, a escritora compreendia que o mundo é perceptível de modo fragmentário e que há na literatura a possibilidade de outras narrativas, distintas daquelas propagadas pela elite mexicana. É possível afirmar, portanto, que Castellanos mantinha-se atenta para a sua função social enquanto escritora.

Temos, portanto, como uma das principais conclusões do capítulo 1 que a busca de Castellanos pela própria identidade desdobra-se em uma reflexão acerca da própria origem da sociedade mexicana, ela busca alcançar o ancestral. Assim, a primeira proposição feita pela pesquisa verifica-se como positiva, pois foi possível para Castellanos, ao pensar a própria identidade Rosario Castellanos alcançar aspectos da sociedade mexicana em que viveu, as determinações históricas da América Latina da década de 1950.

Ao final do capítulo conclui-se que para compreender não apenas o romance Balún-Canán e seus elementos insólitos mas, também, a própria dinâmica social de Chiapas é fundamental conhecer e entender o conceito de tempo dos povos de origem Maya e as ideias sobre a dinâmica do corpo humano, as possibilidades de intervenções das entidades anímicas.

Ao pensar subjetividades extracorpóreas, a tradição ocidental se limita às noções de alma e de consciência. No entanto, as entidades anímicas do ser são elaboradas pelos povos de origem Maya, distintamente.

As concepções acerca das entidades anímicas do corpo humano, associadas à noção de tempo, marcam a cosmovisão Maya e tornam-se fundamentais para compreender a especificidade da literatura latino-americana. Pois ambas as ideias são o fio condutor do pensamento Maya:

Demonstra-se que dissociar as concepções acerca das entidades anímicas dos conceitos europeus de alma e espírito, é fundamental para uma melhor compreensão da cosmovisão Maya e para não ceder ao equívoco de pautar o debate sob o fio colonizador.

Com as discussões do capítulo 2, intitulado “o insólito da vida no realismo mágico de Balún-Canán” evidencia-se a robustez da obra de Rosario Castellanos e o seu impacto na continuidade das lutas sociais da região de Chiapas.

Ao investigar a origem do título do romance, conclui-se que Rosario Castellanos resgatou não só a origem e a presença Maya como, também suas próprias vivências, que foram perpassadas pela tradição oral, o que fica evidente no romance, assim, a marca da oralidade advêm das condições materiais da vida em Chiapas.

Dadas as condições históricas vividas por Castellanos, ainda que ela viesse de uma família de origem hispânica, suas concepções acerca do tempo, história e ancestralidade foram socialmente construídas de maneira híbrida, sendo possível afirmar que ela, em suas práticas sociais, se orientava a partir da cosmovisão dos Tzeltales.

Torna-se evidente que Balún-Canán é fruto das condições históricas e materiais da sociedade à qual pertence, ao mesmo tempo que traz em si elementos capazes de revelar partes do ser social mexicano da década de 1950.

O capítulo 3, intitulado “o eu e o outro no espelho da infância ancestral”, conclui que, a linguagem foi instrumento para denunciar violações e expressar

demandas por modificações da realidade latino-americana para Castellanos e para outros escritores do insólito no continente.

Destacou-se a importância das revistas literárias para a ação política de escritores, e como tal espaço permitiu a experimentação, inclusive para a própria Castellanos.

A pesquisa permitiu concluir que a memória histórica foi para Rosario Castellanos um elemento fundamental para a identidade. O vazio experimentado por Castellanos em relação à sua identidade tem origem na experiência social e concreta de pertencer a um grupo da sociedade que é historicamente subjugado e que, ao passar dos séculos, conquista seus direitos sob longos e contundentes processos de questionamento e revolta. Castellanos entendia que falava por si e pelas demais mulheres do seu tempo.

Castellanos não nasceu uma escritora feminista atenta às desigualdades sociais, ela tornou-se essa escritora, e isso se deu, fundamentalmente, a partir da experimentação do real concreto.

Por fim, o trabalho concluiu que as imagens que Rosario Castellanos buscava encontrar nos espelhos em que mirava, eram as imagens dos rostos de outros sujeitos sociais que, apesar de todo movimento de silenciamento e opressão por parte do Estado e das elites, permaneciam e permanecem existindo e resistindo.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Fernando Limón; BELTRÁN, Alexander Ruíz. Presencia tojolabal en las fiestas patronales de Comitán, Chiapas, México. **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**. México, v. 28, n. 55, p. 163-161, jan.-jun. 2019. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2395-86692019000100136&script=sci\\_abstract](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2395-86692019000100136&script=sci_abstract). Acesso em: 12 jan. 2023.
- ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina: transnacionalização e lutas sociais no alvorecer do século XXI. Da luta armada como política (o caso EZLN)**. 1.ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.
- ALY-HAROUN, Magda Ibrahim. La Mujer Mexicana em los Ensayos de Rosario Castellanos. **Textos sin fronteras. Literatura y Sociedad**. II, ed. Hala Awaad y Mariela Insúa, Pamplona, Universidad de Navarra, 2010, p. 67-81
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BALSANELLI, Alice. Almas lacandonas: estudio de las entidades anímicas de los JaCh Winik. **Liminar**, Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica. v. 17, n. 2, p. 115-130, jul.-dic., 2019.
- BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BETHELL, Leslie. (org.). A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas. **História da América Latina, v. VI**. 1.ed. São Paulo: Edusp, 2015.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. **À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. 1.ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- CANAL 22. **Rosario Castellanos**. 24 maio 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJEk52k8kx4>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- CANAL UNAM GLOBAL. **México**, 2018. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9mmzLrsidWQ>. Acesso em: 23 maio 2023.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 13.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.

CANO, Gabriela. Debates en torno al sufragio y la ciudadanía de las mujeres en México. El Colegio de México, Distrito Federal, México. **Estudios Sociológicos**, v.XXXI, p. 7-20, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6164645>. Acesso em: 02 maio 2023.

CARPENTIER, Alejo. **O Reino deste Mundo**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CASTELLANOS, Rosario. **El Mar y sus Pescaditos**. 1.ed. eletrônica. México: Fondo de Cultura Económica, 2017.

CASTELLANOS, Rosario. **Poesía no eres tú**. 4.ed. eletrônica. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

CASTELLANOS, Rosario. **Mujer que sabe latín...** 1.ed. eletrônica. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

CASTELLANOS, Rosario. Herlinda se va. **Debate Feminista**, v. 22, p.3-5, 2000.

CASTELLANOS, Rosario. **Cartas a Ricardo**. 1.ed. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1994.

CASTELLANOS, Rosario. **Balún-Canán**. 6.reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. 2.reimp., 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

COLECCIÓN ANTOLÓGICA de Poesía Social Entre los Poetas Míos, **Rosario Castellanos**. v. 95. Biblioteca virtual Omegalfa, 2015. Disponível em: <https://omegalfa.es/autores.php?letra=&pagina=6#>. Acesso em: 12 out. 2022.

CONSTITUIÇÃO MEXICANA. Disponível em: [http://constitucion1917.gob.mx/es/Constitucion1917/Constitucion\\_1917\\_Facsimilar](http://constitucion1917.gob.mx/es/Constitucion1917/Constitucion_1917_Facsimilar) acessado em: 17 jun. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

DEL VAL, José. **México identidad y nación**. 1.ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

DÍAZ, Liliana Chávez. Rosario Castellanos, intelectual mexicana by Claudia Maribel Domínguez Miranda (review). **Hispania Johns Hopkins University Press**. v.104, n.2, p. 301-303, jun.2021.

DICCIONÁRIO DE ESPAÑOL DE MÉXICO. (DEM). **Ningunear**. Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/ningunear> acessado em: 29 jun. 2023.

EROZA SOLANA, Enrique. **Lacandones**. 1.ed. México: Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas, 2006.

ESCANDÓN, Carmen Ramos (coord.). **Presencia y transparencia: la mujer en la historia de México**. 2.ed. México: El Colegio de México, 2006.

FARRISS, Nancy. Recordando el futuro, anticipando el pasado: tiempo histórico y tiempo cósmico entre los mayas de Yucatán. **La memoria y el olvido. Segundo Simposio de Historia de las Mentalidades. México**, D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), 1985, p. 47-60.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. **Entrevista Caderno Globo Universidade**, n. 3. Rio de Janeiro: Globo, 2013.

FLORES, Ángel. **Magical Realism in Spanish American Fiction**. *Hispania*, v. 38, n. 2, maio, 1995, p. 187-192.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GARCÍA, Jorge Mendonza. **La tortura en el marco de la guerra sucia en México: un ejercicio de memoria colectiva**. *Polis*, v.7, n.2, p. 239-179. 2011 Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/polis/v7n2/v7n2a6.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. 4.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLANTZ, Margo. **Las hijas de la Malinche. Esguince de cintura**. México: Conaculta, 1994. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0g401>. Acesso em: 16 mar. 2023.

GONZÁLEZ, Roberto Martínez. Las entidades anímicas en el pensamiento maya. **Estud. cult. maya**. 2007, v.30, p.153-174. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0185-25742007000200007&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0185-25742007000200007&lng=pt&nrm=iso). Acessado em: 16 mar. 2023.

GONZÁLES, Juan Carrillo. Naguales en las poblaciones mayas coloniales. Más allá del sustrato, la transfiguración y la memoria. **Revista Indiana**, v. 35, n. 1, p. 39-65, enero-junio, 2018.

GORDON, S.; RODRÍGUEZ, F. **Cartas de Rosario Castellanos a Efrén Hernández**. *Literatura Mexicana*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 181-213, 1996. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/literatura-mexicana/index.php/lm/article/view/236>. Acesso em: 17 jul. 2023

GRECCO, Priscila Miraz de Freitas. **De uma máscara a outra: questões sobre a identidade em El Laberinto de la Soledad, de Octavio Paz**. 2010, 164 f. Dissertação (Mestrado em História). UNESP Assis, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/93320> acessado em: 19 maio 2023.

HURTADO, Guillermo. **Un antecedente de El Espectador: críticas a la Revolución mexicana en 1959**. Universidad Nacional Autónoma de México. *Literatura Mexicana* xxi.2, 2010. p. 15-25.

IBRAHIM-ALY-HAROON, M. La mujer mexicana en los ensayos de Rosario Castellano. **Textos sin fronteras. Literatura y Sociedad**, 2, ed. H. Awaad y M. Insúa, Pamplona, Ediciones digitales del GRISO, 2010, p. 67-81. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10171/36243>. Acesso em: 12 abr. 2022.

IEGELSKI, Francine. História conceitual do realismo mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. **Almanack**, Guarulhos, n. 27, p. 1-15, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA (México). **Demografía y sociedad: lengua indígena**. 2020. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/default.html>. Acessado em: 20 nov. 2022.

JIMÉNEZ, Elena Lunes. El ch'ulel en Los Altos de Chiapas: estado de la cuestión. **Revista Pueblos Y Fronteras Digital**. v.6, n.11, jun-nov 2011. p. 218-245. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-41152011000100218](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-41152011000100218). Acesso em: 15 mar. 2023.

KNIGHT, Alan. México, C 1930-1946. In: BETHEL, Leslie (Org). **A América Latina Após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas**. v. IX. São Paulo: Edusp, 2015. p. 19-111.

LEAL, Luis. El realismo magico en la literatura hispanoamericana. **Cuadernos Americanos**, Mexico, DF, v.153, n. 4, p. 230-235, 1967.

LUKÁCS, György. **Estetica**. 1.ed. México: Ediciones Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MACEDONIO, Mónica Naymich López. El archivo de la Dirección Federal de Seguridad: una fuente para escribir la historia de la segunda mitad del siglo XX mexicano. Legajos. **Boletín del Archivo de la Nación**. n. 15, enero-abril, 2018. Disponível em: <https://archivos.gob.mx/Legajos/pdf/Legajos15/06Elarchivo.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 107.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Fantasía y creación artística en América Latina y el Caribe. **Texto Crítico**. Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana, México, n. 14, p. 3-8. jul.-set. 1979. Disponível em: [bit.ly/14HQi5g](http://bit.ly/14HQi5g). Acesso em: 03 jan. 2023.

MARTINS, Maria Antonia Dias. A identidade Ibero-Americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos. 1942-1955. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308149064\\_ARQUIVO\\_Textoanpuh2011-II-AConstrucaodeumdiscursoidentitariolbero-Americanonasrevistas.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308149064_ARQUIVO_Textoanpuh2011-II-AConstrucaodeumdiscursoidentitariolbero-Americanonasrevistas.pdf). Acesso em: 03 fev. 2023.

MEYER, Lorenzo; CAMÍN, Héctor Aguilar **À Sombra da revolução mexicana: História mexicana contemporânea 1910-1989.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

MILLER, Beth. **Uma consciência feminista:** Rosario Castellanos. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MIRANDA, Claudia Maribel Domínguez. **Rosario Castellanos, intelectual mexicana.** 1.ed. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2019.

MORSE, Richard. **O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MUÑOZ, Edith Negrín. Voces y documentos en Balún Canán. **Literatura Mexicana.** Universidad Nacional Autónoma de México Distrito Federal, México, v. XIX, n. 2, p. 57-75, 2008.

MUÑOZ, Maritza Gómez. **Tzeltales:** pueblos indígenas del México contemporáneo. 1.ed. México: Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas, 2004.

NAVARRETE, Federico. **Las relaciones interétnicas em México.** 1.ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

NÚÑEZ MEDINA, Gerardo. **Relatório Modelo de transición logística aplicado a la población de México.** Organização das Nações Unidas – ONU. dez. 2015, p. 11-36. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/node/35025>. Acesso em: 12 out. 2022.

OCAMPO, Aurora M. Rosario Castellanos: autoras mexicanas siglo XX. **La Palabra y el Hombre**, n. 53-54, p. 101-108, enero-junio, 1985. Disponível em: <https://cdigital.uv.mx/handle/123456789/2359> acesso: 14 fev. 2022.

PACHECO, Ernesto Vargas. Tiempo y espacios sagrados entre los mayas. El katún 8 ahau: patrón cíclico. **Históricas Digital.** México: 2018, p. 195-231. Disponível em: [http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/428/historiador\\_me\\_soamerica.html](http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/428/historiador_me_soamerica.html). Acesso em: 03 jan. 2023.

PERUCULTURAL ACADÉMICO. **Rosario Castellanos:** el papel de la mujer en la sociedad 1969. Entrevista. [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8SR4XRTQhU>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PITARCH, Pedro. **Ch'ulel.** Una etnografía de las almas tzeltales. 1.ed. Cidade do México: FCE, 1996.

POPOL VUH. **O esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhtlemallan:** aurora sangrenta, história e mito. Tradução crítica e notas Josely Vianna Baptista. Introdução e notas Adrián Recinos Ávila. São Paulo: Ubu, 2019.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO - PNUD GUATEMALA. **Raxalaj Mayab' K'aslemalil.** Cosmovisión maya, plenitud de la vida. Guatemala: Maya' Na'oj, 2006. Disponível em: [http://funsepa.net/guatemala/docs/Cosmovision\\_Maya\\_Plenitud\\_de\\_la\\_vida.pdf](http://funsepa.net/guatemala/docs/Cosmovision_Maya_Plenitud_de_la_vida.pdf). Acesso em: 03 jan. 2023.

RIVERA RODAS, Óscar. **Rosario Castellanos y los discursos de identidad**. Universidad Nacional Autónoma de México, Distrito Federal. México Revista Literatura Mexicana, v. XX, n. 1, p. 89-118, 2009.

ROSALES, José Luis Cruz. **Tesis para obtener el grado de licenciado en filosofía**. México, Universidad Autónoma Metropolitana unidad Iztapalapa, 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 2019.

SANTOS, Deribaldo. **A particularidade na estética de Lukács**. 1.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, Luciano Rodrigues. O projeto dos científicos durante o porfiriato (1876-1911): Entre a ordem e o progresso. **Anais do XI Encontro Estadual de História da ANPUHGO - Textos Completos**, v. 1 n. 3, 2016. Anais UEG, 08 fev. 2017. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/anpuhgo/issue/view/217>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SISTEMA DE INFORMACIÓN CULTURAL MEXICO – SIC-MÉXICO. **Pueblos indígenas**. [s.d.]. Disponível em: [http://sic.gob.mx/lista.php?table=grupo\\_etnico&estado\\_id=7](http://sic.gob.mx/lista.php?table=grupo_etnico&estado_id=7). Acesso em: 29 maio, 2022.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 13.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TUÑÓN, Enriqueta. La lucha política de la mujer mexicana por el derecho al sufragio y sus repercusiones. In: ESCANDÓN, Carmen Ramos (coordinadora). **Presencia y transparencia: la mujer en la historia de Mexico**. 2.ed. México: El Colegio de Mexico, 2006, p.181-189.

URRUTIA, Elena. Rosario Castellanos: despertar de la conciencia feminista. **Revista de la Universidad de México**. jun.2005. p. 75-79. disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/0ca0b221-e578-4ca6-945d-670b16260c28/rosario-castellanos-despertar-de-la-conciencia-feminista>. Acesso em: 14 out. 2022.

VARGAS, Héctor Mendonza. El automóvil y los mapas en la integración del territorio mexicano, 1929-1962. Investigaciones Geográficas, **Boletín del Instituto de Geografía, UNAM**. n. 88, p. 91-108, 2015.

VIQUEIRA, Juan Pedro; RUZ, Mario Humberto (org.). **Chiapas, los rumbos de otra historia**. México: Centro de Estudios Mayas, Instituto de Investigaciones Filológicas/Unam, 1995.

WESTHEIM, Paul. **La Calavera**. 1.ed. eletrônica da 3.ed. de 1983. México: Fondo de Cultura Económica 2014.